

ALVORADA

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO LICEISTA

DIRETORES: Reginaldo C. Telles de Sousa e Ubirajara Rayol

N.º 1

S. LUIZ, SEXTA-FEIRA, 10 DE MAIO DE 1946

ANO I

Caros Liceistas



DR. MATA ROMA

Esta presente edição de um novo jornal que o nosso respeitado amigo José Bento Neves chamou-o de "Enxames de abelhas" representa para nós, centristas, um produto apurado no esforço e dedicação com que nos portamos. Como Vulcano, proscribido do Olimpo, sentimo-nos satisfeitos diante do empenho de toda nossa habilidade. Mais um jornal literário que bem poderíamos intitular-lo *Laura Survillou* ou *Alvorada*, ou qualquer nome que significasse estímulo, desabrochamento de inteligências escondidas, aurora de um sol perseguindo as trevas, lembrando-nos daquela legenda egípcia.

O título provém da bellissima poesia do ilustre poeta Reginaldo Telles de Sousa, aluno do 3.º ano científico e membro do Centro Cultural Gonçalves Dias.

Pesa-nos saber, entretanto, que neste colégio, há moços possuidores de verdadeiras qualidades de artista, e não publicam os seus trabalhos por circunstâncias de ordem pessoal, ou porque não dispõem de lugar na imprensa. Aqui, deixamos exarado peremptoriamente: toda produção, desde que não trate de assunto sectário, encontrará neste modesto jornal a solicitude necessária que encontraram os grandes homens da época do editor Alves.

Ao Prof. Mata Roma, consagrado poeta e dirigente do Colégio do Estado, pelo interesse e carinho com que nos acolheu, rendemos-lhe justa homenagem, desde já empenhando os nossos protestos da mais alta consideração e estima.

ALVORADA

Acorda Moçidade! Acorda Ateniense!
Alça teu vôo pelo espaço e nas alturas,
Recorda o teu passado e, em teu presente, vence,
Batendo o ostracismo e as sombras mais escuras!

Acorda Ateniense! Acorda Moçidade!
Sobre glórias dormiste e glórias em dezenas...
É tempo de acordar, despertando a verdade,
Clarando o horizonte e iluminando Atenas!

Acorda Moçidade! Acorda Maranhense!
E mostra que depois de sonhos, despertado
Sorris, como um Gigante, um Gigante ateniense
Que vem haurir num templo imenso edificado.

Desperta Ateniense! Os cânticos são belos!
Desperta Moçidade!... É fresca a madrugada
O sol da inteligência enleira os teus castelos!...
Na sorriso de luz, cambiantes de alvorada!

REGINALDO TELLES DE SOUSA

3.º ano científico.

MÁQUINA

Suponhamos ter à frente um móvel em torno de um eixo central. Sabe-se que, se lhe for dado qualquer impulso, ele fará um movimento rotatório, em volta do eixo mediano, impulso esse que, se, for bastante forte, obrigará o móvel a repetir a deslocação inicial que terá aceleração decrescente, caso cesse a força motriz.

Tal é tudo o que se enquadra nas atribuições da moçidade! Se, muitas vezes, o jovem parece sonhar, idealizar coisas impossíveis ou, o que é melhor, fantásticas, se por acaso fazem adormecidas, as suas poderosas forças, é porque lhe falta uma movimentação inicial; necessário se torna a o impulsionamento, alguém que o acorde desse sono, que lhe mostre os verdadeiros caminhos pelos quais deve trilhar; é preciso que surja, inopinado, um relâmpago que lhe ilumine as retas, fazendo-lhe ver que o solo, adubado e fértil, está apenas à espera de sementes para que germinem, cresçam e atinam, mais tarde, o ápice de seu desenvolvimento.

Os moços do Liceu estavam neste estado de latência... Surgiu, no entanto, alguém que os encorajou, que lhes encheu o coração de fé e de confiança no futuro, que lhes proporeu, finalmente, tudo o que se pode esperar do próximo. E, resolu-

tos, confiantes e cheios de fé, dessa fé que desloca todos os óbices, marcharam para frente a fim de concretizar um ideal. Essa realização — um jornal literário — foi o fruto do primeiro impulso e que passou para fazer funcionar a máquina, funcionando que foi mantido pelas combustíveis da boa-vontade, audácia, intrepidez, ao que se aliaram os carvões da inteligência e de cultura.

Mas, o tempo passou, e aqueles jovens partiram do estabelecimento, levando consigo uma recordação dos dias belos e tranqüilos que aqui passaram. E a ideia do jornal parecia afogar-se nas águas tranqüilas do esquecimento; tudo, até mesmo as ideias, dava a impressão de apodrecer na mente dos moços que aqui permaneceram. Tal, porém, como dos corpos putrefatos dos animais sacrificados por Aristeu surgiram, repentinamente, enxames de abelhas, o órgão literário, voltou à circulação e desta vez com mais brilho, mais entusiasmo.

Agora, os jovens diretores deste jornal e seus colaboradores, sem as pélas que impediram aqueles rapazes de continuar a sua obra durante o ano passado próximo farão, certamente, não só materializando o seu ideal, como também deixarão o germe da perseverança, do trabalho e,

A Solenidade da Posse do "Centro Liceista"

Poucas solenidades se não revestido, ultimamente, neste velho Liceu, de tão grande brilhantismo, como a da posse da diretoria do "Centro Liceista" de 1946, realizada às 20 horas do dia 20 no auditório do Palácio de Educação.

O professor Mata Roma, muito digno diretor do Colégio, iniciando a cerimônia, apresentou no numeroso auditório o Presidente do referido Centro, Dalton C. Lima, que fez a devida apresentação dos demais membros, ou sejam:

Vice-Presidente — Reginaldo Telles de Sousa

1.º Secretário — Augusto Macedo

2.º Secretário — Ubirajara Rayol

1.º Tesoureiro — Sandoval Ribeiro

2.º Tesoureiro — Walter Silva

1.º Orador — Antonio Silva

2.º Orador — Rocha Lima

Dalton Lima, como de praxe, fez um vibrante discurso, que envaldeceu a platéia, tendo sido seguido pela palavra autorizada do 2.º orador, Rocha Lima, as quais foram sucedidas por um bem trabalhado discurso do Diretor do Departamento Cultural, José Sipadba, o qual, se bem que não houvesse sido auditado à totalidade do auditório, por um certo defeito oratório que se acentuou no orador, soube muito bem impressionar a parte da platéia que o pôde ouvir.

Um dos candidatos da chapa derrotada em eleição, José Navef, numa demonstração de solidariedade aos muitos dignos componentes da diretoria do Centro, fez-se ouvir num impressionante improviso.

Dado início à Hora de Arte,

(Continua na 4.ª página).

principalmente, da conservação, pois do contrário haverá, cada e todo ano, um jornal, cujos fundadores, apesar de lutarem pelas mesmas aspirações de seus antecessores, não poderão evitar a validade da troca do nome do órgão de letras.

José Bento Nogueira Neves

(Professor e membro do Centro Cultural Gonçalves Dias).

Últimas impressões de um moribundo

Escurecia... Tudo nadava entre sombras...

Silencioso, permaneci ao contemplar aquela triste cena — um jovem pálido e desfalecido despedira-se do mundo com um sorriso, inundado por um místico prazer!

Aproximei-me. O gélido sopro da morte fustigava-lhe o corpo, deixando-o inerte e desmaldado para sempre.

Oh Destino implacável! exclamei, de mim para mim.

Qual foi meu espanto — não sei dizer — quando contemplei, mais atento, aquele quadro final de uma vida que desertara na primavera do Existir...

Ainda segurava um característico pincel que lhe pintara o último quadro d'alma.

A tela, onde aquele pintor moribundo, deixara as cambiantes tonalidades de seu gênio, não era outra, senão uma folha de papel, acende-lhe afluência, do manancial do pensamento, as últimas impressões da vida.

Meus caros leitores, eis aqui página de que vos falo, em que um espírito jovem, antes do seu exílio eterno, deixou-se transbordar:

.....
"Deus! O meu diário (fui) uma prece. Sei que vou morrer!... Tudo é penumbra — meu olhar. Tenho em minha alma o violão da saudade preludando minha próxima agonia."

.....
"Terho saudades, sim! Terho saudades tantas!"

Todos pensam que eu sou da sorte um despretado. Enganam-se, entusiasmam-se comigo. Sinto-me feliz...

Tudo é relativo neste mundo. Isolado de todos, pude pensar um dia, que a existência seria como sorrir... Se algumas vezes quando pensativo, de pensar nos outros, na desgraça alheia, mas, quem sabe se não outros são mesmo infelizes?"

.....
Quando outrora eu contemplar podia o "teatro da vida", da frisa escura de meu pensamento, clamava: Quanta desgraça existe pelo mundo agora! Quantos farrapos da miséria andam vagando em espinhosa estrada?!

Sinto-me feliz! Feliz de veras. Outros, vagabundo da sorte, já mais contentes, existem a pedir esmolas — andrajos cobrem-lhes o corpo, vivendo em eternas agonias — verdadeiros mutambos das ruas, esmagados pelo vento da inclemência.

Sinto-me feliz... Vou morrer... Que importa?!... Outros dizem que a morte é o complemento da vida. Morrer... Eternidade!

Deus! Ouvi a minha prece!... A noite vem surgindo, o dia

ISAURA

Morreu Isaura — toda a minha vida...
A saudades a lágrima primeira
A dor da mãe, em pranto, orvalhada
A do mistério encheu-se a terra inteira.

Vai para o céu a linda companheira...
Mas a minha alma triste e dolorida,
Ao vê-la na agonia derradeira,
O desespero sente da partida!

Abandonado, cantarei em versos
A Doce Musa, — toda a fantasia
Em que depus os sonhos meus diversos.

E envolta na tristeza, a humanidade
Consignara, enternecida, um dia,
A lágrima primeira da saudades!

UBIRAJARA RAYOL

3.º ano científico.

BRUMAS DO PASSADO

O ritmo dos tambores que ao longe batiam me conduzia ao imenso teatro do passado, onde vejo o Brasil, ainda jovem. Vejo as grandes senzalas cobertas de palha. No limpo terreiro, em volta de uma viçosa fogueira — ilha no infinito oceano da noite, da qual se veem os faróis das estrelas apagar e acender rapidamente — negros dançando enquanto outros tocavam tambores, olhando em direção do oriente na esperança de se dissipar o nevoeiro da distância, aparecendo ante seus olhos a sua África querida — em vão. Ela estava longe, e para amenizar a melancolia dos seus filhos, enviava uma doce brisa que se transformava em mãos maternais e os acariciava fazendo esquecer sua infelicidade, seus sofrimentos. O oceano beijava as suas praias e abraçando suas costas, a sussurrar dizia que a única causa do sofrimento daqueles infelizes era sua cor.

Tinham saudades de suas tribus, das selvas e dos entes queridos que lá ficaram. O banzo envolve o terreiro. A dança cessa e os tambores emudecem. A fogueira sensibilizada por tanta tristeza, morre e a escuridão é quebrada de espaço a espaço pelas lágrimas luminosas das estrelas.

Cello Lobão Ferreira
4.ª série ginásial.

se despede e já respiro da morte o hábito gelado...

Permiti, ó Deus, que eu veja, ao menos, o final de mais um dia: o crepúsculo... o céu ensanguentado... a mística batalha entre a luz e as trevas...

O dia fugirá, bem sei, e com ele irei dormir em minha eterna noite.

Foi para o céu, decerto.

Reginaldo Telles de Sousa

3.º ano científico.

Quem é o rei do terreiro?

O galo acordou do seu elegante sono, esticou as asas, experimentou-as num pater forte e clarinou a alvorada; outro já de muito acordado respondeu lá ao longe e como ondas intermitentes eles surgiram em espaços solenes na cidade adormecida. As galinhas, caquereando soturnamente, aguardavam com impaciência o nascer do dia e o miolosinho gostoso.

Dão muitas interpretações às clarinadas dos galos. Dão muitas, é verdade, mas todas mentirosas. A verdade é muito simples, baseada em fatos históricos muito verdadeiros e em épocas tão diversas que não nos poderia passar pela cabeça uma mínima duvidinha.

— O que os galos discutem?
— Espere, meu caro, já vou contar. Os galos discutem poesia, pois os galos já foram poetas e eis porque alguém afirmou que o homem é um bipe de sem penas.

Na antiga Atlântida, da qual só restam uns pináculos de montanhas, onde estão encapitadas as Antilhas, havia uma civilização muito feliz. Seus homens trabalhavam assiduamente pela vida tirando dos campos o sustento, o conforto e a saúde. Seu governo era sábio, não exercia opressão e não sabia o que era impostos... Festejavam a entrada do inverno, do verão, das colheitas e tudo enfim. Eram alegres e prazenteiros. Tinham uma religião e adoravam um deus muito bom, chamado Kurobe.

Um dia, ao cantarem muito ao seu modo, pulando e dando gritos de contentamento, um tal de Kirata, rapaz pensativo que sofria influência das luas, notou que seria melhor dizerem palavras em vez de gritos, substituindo por uma espécie de música falada, cadenciada e uma harmonia de sílabas. Tra-

balhou seguidamente quatro luas e saiu com uma poesia. Lea, chorou e vibrou. Falava de umas "coisitas" que o homem da Atlântida não entendia. Mas, novidade é novidade e todo o povo passou a recitá-la. Até aí não havia nada de mais. Imortalizado e festejado, Kirata, depois de morto foi adorado quase como Kurobe. Vários rapazes arvoraram-se de seus discípulos e continuaram a fazer versos na ociosidade. Foram decalando chegando a um ponto de verdadeira loucura. Tudo rimavam e cada rima era um suspiro, uma lamentação e um nada fazer. Não possuíam vivacidade. Tornaram-se fracos e aéreos. Da antiga alegria restavam recordações.

Começaram a aumentar alarmantemente, até o domínio completo do país. Os velhos estavam prevendo a catástrofe...

Fizeram um comício, mas foram corridos da tribuna por uma chuva de quartéis e terretos... Os velhos olharam-se, passaram as mãos na cabeça. Era o diabo.

Caminhavam para o exterminio. Muitos já tinham morrido de fome. E quando o pinto dos vates estava reunido num comício grandioso, o céu se abriu e uma mão gigantesca foi descendo, descendo sobre a praça e uma voz poderosa falou: "Homens, vossos destinos estão escritos. Eu, o grande Kurobe, estou irado com a vossa decadência. Vou transformá-los em animais disformes, mas elegantes. Vossas pernas serão acabadas em dedos finos e pontagudos, vossas canelas serão um osso, e uma plumagem irá cobrir-lhes o corpo quadrado.

Os outros homens irão comê-los e as fomes que causastes serão retribuídas e pagas com vossas carnes.

Eu sou piedoso e nas madrugada poderão em harmonia, discutir e fazer penitência pelo vosso mal procedimento. Os que cantavam a natureza serão galos, uma casta mais elevada, e os outros serão galinhas!... "Eram então os dez deuses maxon dos animais quase semelhantes que discutiram o assunto de toda a vida futura.

— Eu sou postal! diz o galo.
— Amor, sima com calor, responde a galinha.

— Isto é rima de segunda.
— Segunda... qual segunda... segunda!

E num eterno discutir eles se arrependem.

A Atlântida submergiu e os galináceos foram transportados em um bloco de terra para a Europa. E quando Cabral mostrou aos habitantes do Pindorama um casal de galinhas, o antigo homem da Atlântida revoltou-se: em seu cérebro ainda estava impressa a catástrofe de seus irmãos!

Waldteufel Rocha Lima
4.ª série ginásial.

MEUS VERSOS

Acaso tu não vês nos versos que componho,
A dor que me sepulta em mórbida aflição?...
Não vês que desfizeste o meu doirado sonho,
Cerrando-me a cortina aurada da ilusão?...

Aos teus divinos pés, meus versos eu deponho,
Escritos com tormento e dor e comoção.
E ao lê-los tu riras e um desdenhar risonho,
O teu meigo semblante há de turvar então!

Mas lê-los, ó querida, e lê-los com atenção:
São versos que compus em negra inspiração
Da minha musa eterna — a dor que sempre acode!

E a janela da Dor minh'alma se debruça!
... São lágrimas de um peito exangue que soluça,
A descansar na lira o que falar não pode!

ALTEREDO BARROS
(Do Centro Cultural Gonçalves Dias).

O tuberculoso

Com sintomas de tuberculose!
Mas... que importa que seja
uma doença incipiente!
Que importa que ainda seja
curável, se de nada disponho
para me garantir o tratamento!

Em vão seriam todos os meus
esforços, envidados para esse
fim, dizia o enfermo, uma vez
que tenho sob a subsistência de
pai de família, uma esposa e
uma loura criancinha. E a chorar
sua própria dor, de joelhos
prostrados, mãos postas e o rosto
voltado para o firmamento,
elevou a sua humildade prece ao
trono augusta do Supremum,
pedindo que lhe minorasse o
tormento: Deus Pai, Deus Filho
e Deus Espírito, vós que sois
toda Onipotência, que ressuscitastes
Lázaro, curastes o leproso,
suplico-vos que restituídes a
saúde, ou se for da vossa vontade,
que me exterminéis neste
momento de angústia, de aflição
e de mágoa, para que nunca
mais rebulha na fúria da minha
imaginação, a vida desgraçada,
presente e futura, desta
família...

Seguiram os minutos, horas
e dias.

Que fazer? dizia o tuberculoso.
Trabalhar para assegurar
a Nana e a filhinha, uma vida
por algum tempo, menos im-
previdente? Sim. Mas... en-
quanto se me não chegar o cre-
pusculo da vida — trabalharei
incessantemente até que me
palpite o coração, a emotividade
dos braços se me permitir, e
mesmo enfocado pela tosse que
me rouba a respiração, pegarei
na foice para a capinagem do
roçado, enfrentarei o arado
contra a dureza do solo, porque
tenho sempre na memória, a
feição de Lucimar, minha única
filha, filha que não sei como
abandonar, filha que prezo
como ídolo.

Mas... coitado...
Em consequência de tanto
trabalhar, prostrou-se...

E deitado sobre uma cama,
jazia o Moribundo esperando a
hora fatal, mas que ainda so-
fria... gemia...

Quando sua mulher lhe tra-
zia a colher de xarope, ele a re-
cusava num al...

Vinha então a inocente me-
nina com o cálice da outra tin-
tura gritando pelo Papá... Ele
também a recusava num al...

E insistia a criancinha: "bebe
que é doce papai!"
— O melancólico ser, O' filha
minha, como é triste ser tuber-
culoso...
Antônio Ribamar Carvalho.
1.º ano científico.
Em 15-4-46.

Debilidade

Foi a imortalidade que fez au-
cumbir Roma (tão grande dos
Césares e foi a sociedade que,
após Augusto plantou esta imor-
talidade. Os prazeres sexuais
até então freados tornaram-se
inercos passatempos de um povo
perverso e de uma sociedade
viciosa! Assim, extinguindo-se
toda a virilidade de seus solda-
dos, Roma não resistiu às hor-
das bárbaras.

Foi ainda a sociedade que fez
Paris um nada para os conqui-
stadores germânicos; e o que fez
da Alemanha grande e de ex-
ercitos invencíveis foi a sociedade
que concende da verdadeira
educação não se deixou levar
pelos vícios. Basta notar que
um homem com 20 anos não to-
mava bebidas alcoólicas, não le-
vava um cigarro a boca, e com
10 os pais e o governo lhes ad-
ministravam um perfeito estudo
sexológico!!!

Logicamente, o Brasil como
vai ter de enfraquecer: uma
nação nunca será forte com
uma mocidade desconhecida
de si mesma "e nunca na his-
tória da terra um povo no co-
mício de seu destino" — vá tão
claramente como nos as causas
de sua doença! sabemos que os
males nos são trazidos por uma
"sociedade que não tem respei-
tos a nossa formação, aceita-
mos cegamente tudo o que ela
nos dita" e se nossa individua-
lidade não reagir ficaremos um
povo scanhado e incapaz de
controle.

Hoje, infelizmente o Brasil
disputa aos E. Unidos a triste
glória dos cigarros e a Monaco
a vergonhosa riqueza dos jogos.

A nossa mocidade está ameri-
canizada e corrompida e os
principais responsáveis são:

a) o governo; pois sabendo
que o maior mal de nossa ju-
ventude é a má compreensão
sexual e não cria estabeleci-
mentos para o seu ensino;
b) a sociedade ociosa que fa-

LAMENTO

de um sonhador

José Náfel.

2.º ano clássico.

Avolune-se minha voz, tonitrôe meu canto;
Pare o relógio do tempo, sustenha-se a tempestade;
Torne-se mudo o escaquear das cascatas;
Desfaça-se a escuridão dos abismos, clareiem-se os
espaços;

Pare o sol, adormeça a lua;
Deixem de correr os rios, tornem-se límpidas as águas
dos arroios;

Acalme-se o mar, emudeçam os marulhos;
Fiquem em prostração os ventos e as nuvens;
Transforme-me a natureza e revista-se de maior es-
plendor...

E tu, lamento meu,
Que, como o bronze dos sinos,
Geme e choras, na angústia de tua dor,
Parte deste coração amargurado,
Pequentino na sua objetividade,
Mas imenso no seu sentir;
Parte deste coração de sonhador,
Que, um dia, se inflamou na chama de um afeto,
Imenso como o mar, grandioso como o céu;
Parte de minh'alma dilacerada pela destituição,
Que soluça, na angústia suprema
De ter perdido a felicidade;
Parte dest'alma transida de desenganos,
Que se elevou às mais altas regiões da abnegação,
Para cair no mais profundo abismo do desespero...

Parte, lamento meu,
Vai, mundo afóra,
Através de montes e vales,
De agrestes serranias
E desolantes planuras;
Paija sobre as águas ondulantes do mar
E mistura-te com os soluços cruciantes dos regatos;
Voa pela vastidão dos espaços
E robe às alucinantes alturas do infinito;
Procura a fim dos poetas e os poemas dos amples...

Vai, lamento meu, pelo mundo afóra...
E quando a vida em mim tiver cessado,
E meus ossos fizerem sob a terra,
E os vermes demolirem minhas carnes;
Quando todos aqueles que me amaram,
Ou disseram me amar,
Já tiverem cessado de chorar por mim;
Quando a eternidade da morte
Tiver posto sobre mim
O véu do esquecimento,
Tu continuarás gemendo nos espaços,
Tu acré o inóclito lamento de um sonhador...

S. Luiz, fevereiro de 1946.

cilista e cria os meios mais ab-
surdos de depravação.

Razão teve Rousseau em dizer
que "a natureza faz o Homem
bom e feliz, a sociedade o estru-
to e o torna miserável".

E Schopenhauer: a sociabilidade
pertence às inclinações pe-
rigosas e perniciosas porque
nos põe em contacto com pes-
soas que em grande maioria
são moralmente limitadas ou
desconcentradas" e ela nos
transforma e nos faz vítimas
de seus erros.

A verdade é crua e todos que
procuram anunciá-la têm o mes-

mo destino do Cristo no calvá-
rio, Galileu a desmentir diante
da inquisição suas verdadeiras
teorias.

O homem que nasceu para
pregar a verdade e instruir um
povo "será feliz quando suas
idéias são ouvidas com prazer
quando são e salvo" porém
ele o insociável "não tem ne-
cessidade de todas as pessoas",
mas sentir-se-á feliz se for ou-
vido e compreendido.

Edmundo de Carvalho.

4.ª série ginasial.

A Solenidade, etc.

(Continuação da 1.ª página).

declamaram poesias de poetas conterrâneos as Srtas. Elmar Figueiredo e Isa Bezerra, que bem souberam contentar o auditório. Seguiram-se-lhes as Srtas. Conceição Maia e Walfelina Telles de Sousa com demonstrações de canto, arranjando calorosos aplausos da platéia.

Destacou-se a atuação dos jovens artistas Luiz Pimenta e Maria Regina Borges, o primeiro no violino e a outra no piano.

A segunda parte da Hora de Arte foi constituída pela magistral representação da peça trágica em 1 ato "Regina", de autoria do consagrado poeta maranhense Assis Oarrido, autor de "Venus um d'Os mais belos sonetos brasileiros".

Revelaram, nesta representação, seus valores artísticos, os jovens poetas Ubirajara Rayol e Reginaldo Telles de Sousa, bem como a já credenciada Srta. Conceição Maia, filha do ilustre professor Vicente Maia.

Ubirajara Rayol, fazendo o papel de um jovem poeta tuberculoso e apaixonado, houve-se de uma maneira admirável, superando, talvez, a sua própria expectativa.

Reginaldo Telles de Sousa, se bem que haja feito o mais difícil papel, de filósofo, agradou bastante, deixando uma ótima impressão na platéia.

Conceição Maia, como já deve ser do conhecimento de todos, é uma digna discípula de Apolônia Pinto. Interpretou o papel da mãe do poeta tuberculoso, aumentando o seu elevado conceito na distinta platéia.

Balencou-se também a contribuição de Fernando D'Araújo Lopes que, representando o papel de criado, emprestou à interpretação a sua contribuição para um maior brilhantismo.

Devem ser lembrados os nomes da Srta. Tereza Tribuzi, que colaborou brilhantemente, acompanhando a representação da peça no piano e José Sipaubá, que se houve muito bem como o "ponto" da peça, uma das mais difíceis particularidades a observar numa representação teatral.

Enfim, não somente a platéia e os mestres presentes como o próprio autor da peça, não se cansam de repetir:

— Foi além da minha expectativa.

Alterado Barros

(Membro do Centro Cultural

"Gonçalves Dias").

A queda do preconceito

Um movimento, que se não pode negar o seu grande alcance, para o bem da coletividade brasileira, é, sem dúvida alguma, o da igualdade entre os diferentes tipos raciais, que representam a etnia do Brasil, a qual é a consequência mesclada das raças estrangeiras, que para aqui vieram, com a nacional, aqui já existente.

Por um princípio de Direito que rege a Democracia, todos os filhos desta imensa terra, poderão galgar os pontos culminantes da estrutura administrativa do país, quando para isso, seja o candidato possuidor da necessária competência, e, fisicamente, ache-se apto, para esse ou aquele cargo, caso ou aquela função.

Infelizmente, porém, com grande pesar e incalculáveis prejuízos, isto não se vem realizando de certo tempo para cá. É que, os últimos responsáveis pela administração do país, envaldeados de sua pobreza espiritual, com a moral corrompida pela insensatez, usando da força contra o direito, sufocando aspirações verdadeiramente patrióticas, humilhando com as suas atitudes bruscas e maledicentes aqueles que não sendo possuidores do chamado "sangue ariano", são considerados como raça inferior, assim como, os que não possuem o conhecido "pistolão", que a meu ver, de acordo com a época deveria ser chamado de "bomba atômica".

Mas, ninguém pode contestar, o que se vem processando na Assembleia Constituinte, batalhadores incansáveis e conscientes, procuram debelar essa avalanche racista, destruidora de aspirações justas e sinceras, idealizadas pelos homens de cor, cabendo ao senador Hamilton Nogueira, a glória de empunhar com ardor e dedicação entusiasta, a bandeira da igualdade que, brevemente, irá tremular no nosso país.

Somos sabedores de que, na Escola Naval, Escola de Aeronáutica e estabelecimentos similares, assim como, para determinados cargos e funções, o ingresso é, uma espécie de direito privado, aos homens de cor lhes é negado, sendo desta maneira arbitrária, usurpados os seus direitos, enquanto é favorecida a entrada daqueles que se dizem possuidores do sangue azul, os quais fazem parte de uma elite privilegiada, a isto, podemos chamar sem o menor receio, já, que estamos professando verdades, de administração totalitária, porque, se temos patriotas brancos, possuímos também, patriotas negros e mestiços.

Escritores há, que sendo adeptos do arianismo racial, dizem que o brasileiro é um tipo etni-

SUPREMA LEI

Ama sempre! que o amor é lei divina,
Quem não ama resvala no pecado.
A própria natureza nos ensina:
A vida é toda — amar e ser amado.

Não odeies jamais! Pois se elimina,
Com o ódio, todo o bem que te foi dado.
Gozar nesta existência pequenina,
E serás para sempre desgraçado!

As rugas do rancor teu rosto afelam,
E iracundo, colérico, maldizes
Todos aqueles que de ti se alheiam.

E mistér que as feridas cicatrizes:

Desgraçados não todos os que odeiam,
Somente os que amam podem ser felizes.

Mata Roma

camente inferior, mas, para ir de encontro às suas declarações, podemos citar A. Azeiteiro em sua obra "A mestiçagem no Brasil como fator eugênico", assegura ele que para a nossa pátria a mestiçagem trouxe mais benefícios do que malefícios, na verdade grande parte dos nossos homens ilustres, que souberam dignificar o nome da mãe Pátria, não só na arte, nas letras, nas ciências, como na guerra e na paz, foram ou são mestiços, entre muitos podemos citar Tobias Barreto, consagrado poeta, jurista e comendador das obras alemães que traduziu; José do Patrocínio, tribuno e jurista notável, um dos grandes influenciadores do movimento abolicionista; Francisco Chagas, vulgarmente conhecido por o "Cabra", foi escritor de grande pericia; Gonçalves Dias, filho de português e índio é consagrado o Imperador da Língua; José Basílio da Gama, autor do poema "Uruguaí", que é considerado o maior ênico do período colonial; Julian Moreira, o grande palhaeta; Henrique Dias, nome que jamais se apagará na história pátria, porque é um símbolo de coragem e de bravura; Olavo Bilac, considerado o príncipe dos poetas brasileiros; e, ainda podemos acrescentar Antonio e André Rebouças, sobre este último, Calmon narra o seguinte: a princesa D. Isabel, Condessa D'eu herdeira do trono, percebendo que uma dama tinha recusado dançar com o grande ho-

mem de valor mental e moral, ofereceu-se para dançar com ele a valsa seguinte, censurando desta maneira a atitude daquela que não o quis como par, desagravando desta maneira, ao grande homem. No Maranhão atual podemos citar uma das expressões mais brilhantes da intelectualidade brasileira Nascimento Moraes.

Já, há muito é conhecido o valor do homem de cor do Alvaranga Peixoto temos a seguinte estrofe:

"... homens de vários acedentes
pardos, pretos, tintos e tostados
... os fortes braços feitos ao trabalho"

Não é portanto, surpreendente, este movimento que em breve se transformará em realidade, porque essa atitude do grande líder católico, auxiliado por outros membros da nossa Constituinte, tende a unificação da comunidade, a valorização da solidariedade e prestígio de todos os brasileiros sem distinção de credo religioso ou de raça, por esse gesto brilhante o senador Hamilton Nogueira, juntamente com os que o auxiliam nesta grande batalha, merecem todo o nosso apoio, acatamento e respeito, esperemos, pois, confiantes, a vitória final que será a queda do abominável preconceito.

Dalton Cordelino Lima

3.º ano científico.

"Alvorada", solidarizando-se
com a U.E.M.,
cumprimanta-lhe a nova diretoria.

Brilhante Conferência do Dr. B. Celar Portela

O CENTRO "GONÇALVES DIAS"

O Centro Cultural "Gonçalves Dias", sociedade literária formada de jovens batalhadores da causa do pensamento, no seu ato de cultivar espíritos tem desenvolvido intensas atividades.

Foi assim que iniciou em seu programa, como parte fundamental, um sistema de palestras educativas ministradas por mestres das mais autoridades do nosso meio intelectual.

No último domingo de abril, ocupou a tribuna deste Centro o Prof. Policarpo M. de Moutam, que deu início ao programa, abordando o tema "Alcônton: a luz da ciência e da razão".

O conferencista, produzindo conhecimento do assunto, falou para a mente do Centro Cultural em linguagem simples e clara, deixando a mais agradável e útil impressão.

No dia 13 do corrente, comemorando a data, ofereceu o Centro aos seus membros a palestra autorizada do Dr. Achilles Lisboa, que deu substancial trabalho sobre o negro, analisando-o não só a luz de poemas e dramas, porém da ciência.

Agora, no dia 24 deste, o doutor B. Celar Portela, expôs o brilho de sua cultura aos jovens gonçalves.

A RESSAIO

Aos dez horas e trinta, mais ou menos, o secretário daquela sociedade, novo participante amigo J. Vera-Cruz Sant'ana, depois de pronunciar algumas palavras, declarou aberta a sessão, convidando para presidência o Des. Leopoldino Lisboa. Tomaram parte na mesa, além da presidência, as seguintes pessoas: Prof. M. de Moutam e Justina Nova, ambos honorários do Centro; Prof. O. de Araújo, da Academia Maranhense de Letras; Dr. W. de F. Pastor, Representante Federal de Funchal e conferencista. O auditorio contou com a presença de intelectuais, jornalistas, estudantes, estudantes, gente da nossa sociedade e grande número de curiosos.

Assumindo a presidência da Mesa, Des. Leopoldino Lisboa pronunciou breves palavras, depois do que se fez ouvir o dr. B. Celar Portela.

A CONFERÊNCIA

O trabalho do dr. B. Celar Portela girou em torno da "Epistemologia".

Desde os primeiros momentos de sua palestra o orador prendeu a atenção.

Estudou o conhecimento a luz dos mais novos conceitos da ciência e da filosofia. O valor do conhecimento; os métodos do conhecimento; os seus conceitos, etc.

Terminando as suas explicações, o dr. B. Celar Portela passou a dar as noções de

Se não voltares

"De certo, era ilusão, delírio, fantasia"...
Eu murmurei sorrindo, extático e descrente.
Nasceste olhar um fúido estranho e atraente
Transbordava, exaurido a eterna poesia!

Cegado, no esplendor daquele olhar, sorria...
Ahi divinos de amor minha alma sente!
Saudosa e triste tenho a vida e eternamente
A revivir aquela esplêndida magia...

Vem, querida! De teu olhar a luz me inspira...
Minha alma é triste e triste, a voz da minha lira,
Tangida pela dor, em tons crepusculares...

Vem, querida! Não ves minha aflição agora? !
— Se não voltares sei que morro de tristeza
Ou de saudade morreréi... se não voltares!

Reginaldo C. Farias de Sousa
3º ano científico.

VASSOURAS SELETA

em plavara de 1.ª qualidade

Um produto que surge para vencer porque é de ótima qualidade

De todos os tipos e para todos os fins

Em stock para pronta entrega

TERMINAÇÃO DO ATACADO

R. SANTOS & CIA.

Telefones 1010 e 1437

Hoje, Amanhã e Sempre.

Preferir para as suas compras a casa que lhe oferece sempre os melhores preços e as mais vantajosas condições.

tempo e espaço, fundamentando-se na física, na matemática e na Geometria, e demonstrando-as no quadro negro.

Terminada a palestra, o prof. M. de Moutam pediu permissão para fazer algumas perguntas, a fim de melhor esclarecer aos alunos do Centro o assunto de alguns dos pontos tratados pelo dr. B. Celar.

Foi então que se tornou mais agradável, ainda, a sessão.

A's perguntas do prof. M. de Moutam o dr. B. Celar Portela respondeu com precisão e presteza, dando aquela palestra um clima de indistinta alegria intelectual.

Terminada a palestra, que demorou quasi duas horas tendo sido feita toda via de improviso, o Des. Leopoldino Lisboa, agradeceu, em nome do Centro, ao dr. B. Celar Portela pela utilidade de sua palestra e pediu que este continuasse a proporcionar aos jovens gonçalves, que vem lutando pelo alevantamento de Atenas, momentos como aquele de pura espiritualidade, depois do que se fez ouvir a sessão.

Registando esse acontecimento "ALVORADA" sente-se bastante alegre, hipotecando ao Centro "Gonçalves Dias" todo o seu apoio, pois que ele vem, de fato, demonstrando o interesse que vota a sociedade.

REPORTER

A CISMAR...

Nesta hora da tarde... Finda-se o dia. O céu crepuscular já almeja a superfície terrena e as primeiras estrelas brilham no firmamento. O ambiente é monótono, a vida aí se assemelha nesta rápida metamorfose, a um paraíso celestial, a um antro de santidade.

Os alunos da igreja compassadamente a badalar, marcam nas almas, o momento sublime desta hora, incitando a prática das orações e atribuindo exclusivamente ao coração humano, o sentimento da plenitude, o sentimento do amor, o sentimento da conciliação.

Meu espírito desdobra-se em recordações, e é em vão que eu me esforço em as fazer esquecer, em as apagar do âmago de minha alma, do âmago do meu eu próprio.

Recordo-as atenta e silenciosamente, quieto, interrogando as páginas passadas de minha vida. Sim... E vejo então quem sou. Vejo como sou infeliz, como sou torturado neste orbe terráqueo, neste vale de lágrimas. As ilusões que sorriem a minha mocidade, descaibam logo após no depósito das reliquias dos meus ideais.

Quantas dificuldades passo, quantos momentos angustiosos e quantos malfeitos enganos e delusões me aguardam no porvir, neste futuro silencioso que a todos espera, o qual rir-se — a os orgulhar-se de nós, quando alcançarmos aos seus dias.

E não sei a que responder. Todas os meus castelos, todos os meus sonhos, todas as minhas ilusões, todos meus primitivos amores se avallam bem desvanecendo-se como se algum os empurrassem com uma grande fúria para o cívico, para o Arquivo supremo do fim de minha vida.

Eu próprio não me compreendo. Não sei quem sou, quem pensa, quem age. Não sou ninguém, não sou ninguém que necessite de um psiquiatra, sou exclusivamente um jovem

REMORSO

A M.

José Nêufel

(Aluno do 2º ano Clássico e membro do Centro Cultural Gonçalves Dias).

Na fugaz ilusão da vida, eu encontrei
A amiga que me foste, ou que antes parecesse.
Do Destino, porém, a inquebrantável lei,
No negar de ti mesma, ó pérfida, escreveste.

Destruíste, perversa, o afeto que te dei...
Saturnas te tornaste, a mim, Saturn, perdeste;
Por terra derrubaste os sonhos que sonhei
E a mão que te estendi, traíste, tu mordeste.

Da felicidade atroz em teu olhar negroja
Esse brilho sinistro, a falar co' eloquência,
O remorso cruel que morde enquanto beija...

Perdoe-te, mulher!... Mas, pelas leis fatais,
De que serve o perdão se, maior, a consciência,
Clara humana de Deus, não perdona jamais?

que se inicia, que se lança nas luas da vida.

E a cismar, lá estou eu na janela do meu quarto. Já os primeiros reflexos lunares banham-me a face, e a brisa constante e suave das seis horas brinca com os meus cabelos.

Evo-me, desprezando-me deste mundo, alço-me às regiões metafísicas, ao pensar sublime, a um recanto espiritual. Olho para o céu. E já centenas de estrelas cintilam brilhantemente. Meu pensamento cavalga no infinito. Já na rua ouvem-se os passos de um ou outro transeunte que se dirige ao jantar.

Então então deixo esta quietude, sinto Gelzar o viver de minha alma, o viver de minha jovem mente, o viver de minhas ilusões.

Boto por abandonar aqueles momentos em que a natureza não bem se metamorfoseava e se repercutia no meu espírito, e do meu reflexo da constelação do Cruzeiro do Sul que já se avista, peço ao Eterno que imprima a imagem da cruz santa na alma, no caráter, na vontade, afinal na vida de um jovem que conta apenas dezessete primaveras.

E lentamente meu coração

desfaz-se em suplicas. Vejo luas olhos se encherem de lágrimas. Estou num ambiente novo, numa vida inteiramente espiritual.

Sai do meu peito como que arrastada intuitivamente uma suplica que me transporta aos umbrais eternos. E então, exultante, pensativo, sob aquele magnífico cenário da natureza, arguo-me, indago-me: Quem será o Deus que a todo isto deu tanta graça, doçura, encanto? Vago pela na imensidão dos meus pensamentos. Balúem sobre minha cabeça, centenas de célesteas, centenas de teorias. Desfilio em frente do meu cérebro todas as ciências humanas; ora observando a biologia, ora a geologia, ora a astronomia, filosofia, e então sarcásticamente reboto como um sentimento de revolta no meu espírito, aquelas palavras dos ateu, célticos, incrédulos que possuem a latria pela ciência, escravos de suas palavras, de suas ilusões. E as tais palavras: — "Só crê em Deus o homem de pouca cultura". — Mentem, negam-se a si próprios.

E quantas vezes, eu próprio deixo-me embalar nestas teo-

(Continua na 2ª página)

OS SINOS

Por que tanças, doridamente sino?
Não vêes que meu sofrer é cruciante?
Martirizando o coração móbido...
— Alma combata, desgraça fugazmente.

Ouvir-teu brado inda bem me lembro...
Era um cantar singelo e triunfante!
Mas, transformou-se aquele sem divino
Em dor, tristeza, tédio delirante!

Ouvir-te quero, mesmo agonizando...
Ten selagar reflete meu lamento
Serei feliz lá morrer amando.

E nas alturas, lá no firmamento,
As tuas preces segurei resando,
Buscando alívio para meu tormento!

Dalton C. Lima

3º ano científico.

M. FERES & CIA.

A maior industria de bebidas do Maranhão
Fabricantes, Importadores e Exportadores de Bebidas, Massas Alimentícias,
Torrefação e Moagem de Café

FABRICAS: - Rua Afonso Pena ns. 294, 338, e 344



BEBER CACHAÇA

Paródia a "Odeirada" de Olavo Bilac.
VERA-CRUZ

Do Centro Cultural "Gonçalves Dias"

"Ora (dizem) beber cachaça! Certo
perdeste o sono!" E eu vou direi, no entanto,
que, pra bebê-la, muita vez me pinto,
e vou correndo ao encontro do canto.

E ando depressa pra encontrá-lo abito.
Bebo cachaça toda a noite, enquanto
um bebezinho mais longo, entre mais petis,
afogam nela docemente o peito.

Dizem agora: "Trematizado amigo!
Por que bebes assim? Ilusão perdida!"
Acaso não, mais barba entendi?

E eu vou direi: Bebei, corrija a vida!
Pois o que mais pode ter sentido
Para entender as "matérias" da existência?

11.11.1945

J. Vera-Cruz Santana,

Membro do C. C. Gonçalves Dias.

Meu avô

Apesar de ter eu apenas dez
anos quando perdi o meu avô,
tão grande era a sua personalidade
que a sua imagem se avulta
ainda hoje na minha recordação.
Aparenta-se ainda,
mais verdadeira e compreensível
vem ainda hoje, que no momento
em que meus olhos o viam.
Perfeito agora melhor que ou-
tra, o sentido da sua atividade,
de, o valor da ternura que me
dedicava, o acento dos seus
conselhos, o significado do seu
apoio.

Toda a infância doeu-me
afecção que perdi, sobe-me ainda
hoje ao coração: tudo o que
tinha de ardente, de forte, de
eu, um mudo passado no qual
me troquei com a mais doce melancolia.

Na minha tenra idade ergue-
se a sua figura alta e grandiosa
como uma montanha. E vejo-
me então, pequenina, escalando
essa montanha, com firmeza,
certa de que naquele terreno
nada me era vedado.

Ainda hoje sou madrugada,
hábito salutar que lhe sou des-
vedado.

RECORDAÇÃO DE UM BEIJO

(66) Jovem e saudável...

A. Azevedo.

É primavera e já presinto o inverno.
Sou moço e sinto na alma a solidão
Das que na vida enchem-se o inferno
Da dor, saudade, aperto e fúria.

Viste amor ideal. Quanto sonho tenho?
Pela eu era em ter no coração
A certeza do amor real — eterno —
Por sorte na ruína do amor real.

Nada mais resta, nada mais desejo.
Pois já receio em mim o mal sem cura...
Se tem o peito meu ainda ardejo.

E que um vigor lhe dá um novo estêpo...
A lembrança — ainda mais louca —
Da sinuosa carícia de teu beijo.

Acacia Cavalcanti

Professor e Membro do C. C.
Gonçalves Dias.

A NISMAR...

(Continuação da 2.ª página)

rias materialistas. Mas o pou-
co de sentimento cristão que
ainda se acendia no meu espí-
rito, ali bem lá, encontrava con-
tra as teorias materialistas,
as coisas vibrar as cordas
sensitivas do meu coração, a
lembrança das palavras, das
palavras de um dos maiores fi-
lósofos materialistas, Voltaire o
qual dizia:

"Quanto mais reflete, tan-
to menos me convengo."
Que este relógio ande e não
tenha quem o fabricasse."

Palavras de um homem de
ciência, de um filósofo, pagão,
de um sábio incrédulo.

Portanto para que negar a
existência de um Deus? Penso
eu. A natureza aqui está para
revelar a imagem do Ser Su-
permo, não como aquelas ima-
gens que se serviam as
mitologias dos gregos e povos
primitivos, mas uma imagem
comum a todos, acessível a to-
das as inteligências.

Considero uma toça, um
agente primordial que impu-
lecionou a natureza, que orche-
strou as espécies, que criou
o milhar, aqui na evolução
do tempo.

E então, do meio de meu es-
pírito, assim com golpes de re-
cordação, surgem, sentimental-
mente, aquelas doces palavras
de uma poesia que minha mãe
cantava-me na infância, pon-
do-me ao colo e com a sua voz
calma, suave, ardente e amoro-
sa, dizia:

"Meu filho termina o dia
A primeira estrela brilha
Procura a tua cartilha
E lê a Ave-Maria..."

João Vinícius de Figueira Filho

1.º ano científico.

NÃO LUIZ

Debutação sobre o parapeito
que contempla a praça Gonçalves
Dias, eu te contemplo, ó São
Luiz. Eu te exalto e te enobre-
ço. Eu te admiro e te venero,
vendo as ruínas do "forte da
Ponta d'África" como uma
símbola que reposa naquele
verde mar que banha estas
barras e que relembra epopéias
passadas.

E vendo adiante, no horizon-
te, sobrados de arabescos, que
bem fazem ver a memória nobre
das gerações passadas.

Agitado, bem ao centro da ci-

dade, "Assim será!" E as-
sim foi.

Agora cada nova etapa que
vamos na minha vida acende-me
luz ao pensamento: Quantas
lágrimas de comoção não verti,
eu, hoje, ao olhar dos olhos do
meu Avô.

Hoje a sua imagem vive atin-
da no meu coração, mas fiquei
privado daquele amigo sempre
alerta a por sobre a minha ca-
beça a sua mão protetora.

Maria da Graça Jorge Martins

1.º ano científico.

Morto de um herói

(Aos heróis desta guerra, mortos
em campo de luta)

Lutava com ardor, heroicamente,
Quando uma bala foi ferir-lhe o peito
Lançando-lhe, de choque, para frente,
De encontro ao chão seu derradeiro leito.

Ante que a morte lhe gelasse a mente,
Pensou na mãe e grande foi o efeito
De tal meditação, que um pranto ardente
Rebela sobre seu rosto já desfeito.

O seu valor de herói já comprovava...
E, de repente, a vista lhe escurece,
Ficando inerte a morte o arrebatava...

Sua farda lhe servia de mortalha.
Teve o trófar das bombas, como preço
E sepultura — o campo de batalha.

São Paulo, 14-1-1945

Manoel Perinçala de Moraes

ATENÇÃO!

No próximo número de "AL-
VORADA", será iniciado o con-
curso "Qual a alma do fôco
mais bonita?"

podrão a gerações futuras, o ve-
lho mostre "Nascimento de Mo-
rale". E mais de perto no fun-
do d'alma, eu vejo a nova alma
moça e se dá juventude que se
dedica às letras, continuando
assim a obra de "tantos" para
escrever e acender a chama ar-
dente e viril da "Atenas Bras-
leira".

Eduardo de Araújo Costa

4.ª Série Ginasial.

FÚNEBRE VALSA

Sobre a janela triste da saudade
Eu debruço-me demoradamente,
A contemplar em vão a solidão
E escutando a natureza assim dormiente.

Cada momento atroz que se passava
Eu escutava em febre inclemente,
O compassar amargo duma valsa
Que se tocavam em ritmos dolentes.

Como eu sofri; oh! como eu chorei!
E amargurado então me recordei
Da minha mãe querida que se fora...

E viverá comigo eternamente
O musical funeral duma valsa
Que se tocavam em febre surdamente!

Moacyr Barros

2.ª Série Ginasial.

Diretamente da Suíça

PARA A

CASA GARIMPO

RELÓGIO "GARIMPO"

Elegância e Precisão

LIVROS [para os cursos Ginasial e Colegial,
obtenha na LIVRARIA MODERNA
por preços módicos]

CASA LONDRES

Praça João Lisboa

LINHOS, TROPICAIS, CASEMIRAS...

Todo esse complexo de gostos você pode adquirir, mas, se não procurar a TESOURA
MEDICINAL de CHICO SANTOS, de nada lhe valerá a linda escolha



PAI D'ARCO

Velho pai d'arco, solitário amigo,
Es te contemplo o murmurar saudosos
Da tua sombra placida me abriga,
Em frescas ladeiras de verão ditoso...

E, alegremente, vivo a nos contido,
E a contemplar esse teu porte sôso,
Reverdo o meu passado e assim bendigo
Aquele tempo ameno e benéfico.

O, como edoce o modular presente
Das saudades lá no seu ninho quente,
Sobre essas galhas despartando a aurora!

Outubro! Este é teu mês, pai d'arco amigo,
Em que te enfeitais para dar abrigo,
Aos que andam tristes pela vida a fora...

Rogério da Cruz

Membro do C. C. Gonçalves Dias

O JUSTO

Através da noite de caminhar
Vou vagabundo...

As ruas eram molhadas pela
chuva, dando as encárgas do brilho
característico, e fazendo
fêrris o ruído ouvido com o rolar
retilíneo dos pneumaticos en-
sopados, dos veículos que transi-
tavam.

As vitrinas das lojas, que fa-
ziam reluzir na noite as esplên-
doras de suas luzes, não o per-
turbavam, e mesmo o tráfego
não lhe induzia alvoroço.

Três pássaros martiravam como
se os segundos de um relógio
submisso, cuja corda destor-
sara-se no torção, levando, de
angustia e de desespero, e re-
pugnância ao cérebro, pela rubra
o contrito certo e compassivo
o maldito expresso no seu
rosto. Tinha o aspecto que um
maldito e automaticamente
cristalizava-se para o lado oposto,
além comp etamente aos sinais
do trânsito, tem como intermi-
tente as sirenes dos carros que,
por acaso, não o apassuravam.

Como resolver a situação se
se achava desempregado, fazia
três meses; três meses de an-
gústia e de desespero, sem con-
seguir durante todo esse tempo,
no mínimo, o que chegava para
salvar a fome que lhe batia às
portas?

Penava na esposa, carinhosa
e na única filha de sete
anos, o encanto de seus olhos,
lembrava-se do quanto seria
necessário para dar-lhe um
tudo o conforto. "A estas horas
ela devia estar acanhando com
as irregularidades de sua infan-
cia".

Tinha esquecido toda a sua
desgraça e procurava não apa-
rentá-la em casa mais hoje —
horrorizava sua mulher de tudo
que a fim em um abraço inope-
cavido desfechara-lhe amari-
mento, o que se havia passado.

Não, devia-se o padecer de
um carrilhão. Era o marcado
da Estrada de Ferro.

Virando a mão do bolso, de
sua longa e velha capa e arguen-
do o chapéu que lhe caía a tes-
ta, o novo personagem obser-
vou compatível, o estribado so-
noro da meia-noite.

Continuando a divagar pelas
ruas, encaminhou-se para a Es-
tação, em cujo bar distinguia a
resaca uma figura bastante

conhecida: um velho amigo sor-
ridente que lá estava semi-bé-
bedo, cantando uma saudeira
canção dos tempos de escola.
Assim que este o avistou, veio
tê-lo ao seu lado, companheiro,
convividendo-o para um "drink".
Ele aceitou, e após terem bebi-
do, partiram juntos.

Já haviam percorrido um
bom pedaço quando presenti-
ram que iam pela "estrada", e
tendo tropeçado nos trilhos, ali
laram-se enfiados sobre uma
grande pedra que se estendia à
margem da calçada.

Todavia, alguma coisa caíra
do bolso do companheiro que
não resistiu a entregar-se aos
braços de Mortus.

Aproximando o objeto, que
serviu imediatamente veri-
ficando tratar-se de uma apó-
lice, surgiu-lhe um pensamento:
"Vou-lhe a memória a lem-
brança do seguro de vida, que
fizera em benefício da filha".

Não existiam mais erguendo-se
bravemente. Acalmou-se por-
tando, em seguida, e voltou o ju-
ro para a sua situação. — Me-
diamente novamente na cena
que se desenrolara momentos
antes em sua casa, quando tudo
fora esclarecido. Viu a amiga
de seus sonhos procurando con-
solá-lo. Pensou em como cata-
rta ele chorando, e nos cuidados
que lhe dispensava. E agora,
vivia para o lar e suportaria
ver a necessidade torturar os
seus entes queridos? "De que
me vale viver se a vida dos meus
depende da minha? ... Um ac-
cidente, cem contos! ...

Já neste ponto ele caminhava
olhando o amigo, talvez, guia-
do por uma força demoníaca,
procurando solidão, talvez, para

Raimundo Leoncio Rodrigues

DISCURSO BIOGRÁFICO

POR NELSON R. PIRES

Nasceu em Sta. Maria de
Muniz, hoje município de
Campana, aos 18 de Junho de
1903. Iniciou os seus estudos em
São Luiz, no Seminário de San-
to Antonio, aos 12 anos de ida-
de, estava matriculado no Liceu
maranhense, vindo a conhecer
amigos de sua idade. Nascimento
seu, Alberto Carvalho, Ala-
nco Pacheco e muitos outros
companheiros da "Renascença
Litteraria".

Revelando grande aptidão e
um talento superior, Leoncio fez
o curso de humanidades com
grande brilhantismo, demon-
strando desde então a alma de
intelectual e de possido sadio.

Seguindo para Recife, ali se
matriculou em leis pela Faculdade
de Direito, e devido a sua ap-
licação aos estudos adquiriu re-
nome entre os seus contempo-
râneos.

No vizinho Estado do Pará
e no Amazonas encontrou a sua
linha de advogado, impondo-se

nao impingir aquele, no que su-
cedesse. Um calafrio subia-lhe
pelo corpo. Uma voz o ator-
mentava e dizia: caminha, ca-
minha, acerta o passo, cada
vez mais. O chapéu voou-lhe
— caído e o vento alvoroçou
os seus cabelos. Caminha, ca-
minha. Gargalhavam para
ele e ele sorria. Chamavam-no
e ele respondia. Respon-
dindo, mas não escutava; nada
do mundo exterior.

Subitamente um clarão o
alucinou, mas ele não percebeu.
Quem gritava? gritava como
um leão. — Ah! Ah! Ah!...
A luz aproximava-se mais e
mais... um barulho ensurdece-
dor, e ele quis desviar-se... em
vão.

Arre, arre, arre, arre!... con-
tinha o trem na sua marcha re-
tardada.

Morreu sim, é certo. Entre-
tando como se tal homicídio
fosse um ato de campanha, re-
conhecido por Deus, não fal-
tou luz aquele homem, na sua
hora suprema.

Tampouco a própria máquina
interal deixou de chorar por
ele.

Em 16/1/1944.

Roberto B. de Silva Gomes

CAFÉ MINEIRO

Um café diferente...

Torrado em aparelhos modernos, a ar com-
primada, oferece uma bebida pura e aromática.
O CAFÉ MINEIRO é uma taça de delicias e
prazeres para o paladar.

CAFÉ MINEIRO

TORREFAÇÃO S. JOSÉ

— DE —

Náufel & Irmão—Filial

RUA OSWALDO CRUZ, 421 — TEL. 1151

TROFÉUS AO VENTO

Hoje, eu rasguei as tuas cartas gargalhando,
as tuas cartas de amor, velhas cartas, querida...
E a cada uma que eu ia, em minha dor, rasgando
sentia que rasgava a minha própria vida.

Todas elas rasguei... porém a mais fingida,
aquela em que dizias tu, de vez em quando,
Que me amava demais, essa deixei no bando
das outras cartas de amor, entre as mesmas,
perdida.

Vendo rompê-las teu retrato me dizia:
Guarda contigo a que tem mais hipocrisia
e farsa na outra, pois, Cupido te amara...

Escuta: — e não vás tu te aborrecer comigo,
Porque fiz um adágio, um velho adágio antigo
Que uma Desgraça sempre atrai outra Desgraça!

Ateliê de Gêneros

Membro do C. C. Gonçalves Dias

sempre pelo seu valor moral,
pelo seu preparo, pelo seu ta-
lento e principalmente pela sua
dedicação e lealdade.

Mais tarde, ingressou no Ma-
ranhão, para viver perto dos
seus.

Entre nós, nas lides literárias,
figurava sempre ao lado dos
maiores cultos, tendo sido um dos
fundadores da "Oficina dos No-
vos".

Depois, abrindo espaço na so-
ciedade, ficou em dissidência
com alguns elementos, fundan-
do a "Renascença Literária".

Posteriormente, com outros
amantes do belo, redigiu a "No-
va Atenas", sempre revestido
de tanto talento e um espírito at-
tivo por excelência.

Pela e profundo, Leoncio
critica em versos magníficos o
lar e a sociedade, onde tudo
para ele era sublime, tudo era
verdade; mas, em se tratando de
amor, poucas vezes de amor fa-
lava, citava com outros olhos
esta inclinação efêmera e quí-
pica, como Augusto dos Anjos, não
acreditava em ser amado por
alguém; assim, para os jovens
que se transformava em um sim-
ples galimatias.

Entre os seus inúmeros son-
etos, vejamos:

QUIMERAS

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

Quimeras, quimeras, quimeras
são essas coisas, essas coisas
que não existem, que não existem,
que não existem, que não existem.

CASA LONDRES

LINHOS, TROPICAIS, CASEMIRAS...

Todo esse complexo de gostos você pode adquirir, mas, se não procurar a TESOURA
MEDICINAL de CHICO SANTOS, de nada lhe valerá a linda escolha



Praça João Lisboa

BASTA!

LAGO BURNETT

Arrei-te, Teresinha... e muito (é certo!)
Hoje inda luto para ver se esqueço
Essa amor que outrora a nenhuma preço
Ex trocava quando em flor aberto.

Mas um dia cansado, finalmente
Das esperanças todas ver morrendo
Quis libertar-me desse amor tremendo.
Procurei esquecer-te, inutilmente.

De ti, humilhado, afinal desistei
Para todas as dores há remédio
Não quero mais, não posso, não resisto

Se tens amor ainda, a outro cede-o
Pois já na vida só me deves isto:
Lágrimas, dor, desilusão e tédio...

(De "Clarina").

LIVROS

para os cursos Ginasial e Co-
legial, obtenha na LIVRARIA
MODERNA por preços módicos.

A AMAZONIA

sentado como veículo de morte;
poém feito o exame cadavérico,
concluiu-se que o Dr. Le-
oncio Rodrigues se suicidara em
virtude de ter ingerido dose tóxi-
ca de estriquinina.

Ao meu ver, outra foi a cau-
sa. Há visto que, a morte pela
estrighinina deixa os nervos re-
tardados, o que não aconteceu no
caso. O morto parecia não ter
sufocado, apresentava até um
riso trônico.

Escreveu, antes de se suicidar
duas cartas — uma à sua fami-
lia onde depois de considerações
gerais, fez recordações particu-
lares da sua vida; outra ao
Chefe de Polícia, seção esta
carta para mim e sua obra pri-
ma em prosa.

Elas alguns trechos da episto-
la, deixada por Dr. Leoncio, à
sua família.

"Entendi sempre que o indi-
víduo tem sobre a sua vida um
direito patrimonial e dela pode
e deve dispor à sua vontade."

Não aceitei nunca ideia re-
ligiosa consagrada em texto de
lei, que dá à comunidade social a
faculdade de impor a vida a
quem dela se quer desligar.
Presumo, como sempre pensei,
que de um direito meu, pondo
termo à minha existência."

Tenho absoluta certeza de
que a minha deliberação é escori-
mada da pécha de loucura que é
praxe atribuir-se aos que se de-
cidem à morte, porque ela é o
resultado de um raciocínio cal-
mo e prolongado."

Sendo assim, o Dr. Leoncio
não sofria de Agorofobia, como
era do pensar de muitos, ao
contrário, pois a sua morte foi
"o resultado de um raciocínio
calmo e prolongado". "tinha
absoluta certeza de que a sua
deliberação era escoriada da
pécha de loucura."

Apenas com 29 anos, desapa-
receu este maranhense ilustre
dos salu dos bancos do Imortal
Lago.

ibias, um topógrafo que jamais
conseguiu descrever-lá ou re-
presentá-la no papel, um enge-
nheiro-agricola devido à sua
fecundidade no solo, um médico
em vista das infinidades de
plantas medicinais, é este "In-
terno Verde" o único lugar on-
de a Natureza não dorme.

Apresentando florestas que
só podem ser penetradas por
mulo do fado ou à machadi-
nha, são estas selvas o único
horizonte de um viajante ex-
plorador nas suas derrotas pelos
rios dessa amplitude florestal.

A Amazonia com a sua vasti-
dão territorial, coberta de arvo-
redo alvorece e espesso, possui
riquezas incalculáveis à imagi-
nação humana.

Suas árvores são milenárias,
seus rios, apagam, modificam,
esse terreno que um paleontó-
logo admiraria, e um geólogo es-
talaria.

A sua beleza é péna, suas ma-
tas são verdades líricas que
desanotam um especula-
dor nas possibilidades que elas.

Esta "Íllio" absorve um pen-
samento humano em face das
paragens infinitas que oferece.

Ocupando importante posi-
ção geográfica, é esta região, on-
de os elementos da Natureza
barbaram habitam, lugar de gran-
de valor para a economia na-
cional.

A magnificência apresenta-
da pela floresta amazônica nas
suas palmeiras, vitória régia e
orquídeas, é fantástica.

A Amazonia maravilha o Mun-
do, em vista da sua grandiosí-
dade.

O homem nasce, vive, morre
mas não chega a conhecer to-
das as particularidades desta
colossal porção de terra orbi-
tada pela Natureza.

Tem disse Euclides da Cunha:
"A definição de todos os aspec-
tos de Amazonia será o fecho
da História Natural."

Ela não é um sonho, nem
qualquer coisa sobrenatural, a
Amazonia é uma encantadora
realidade.

Então o homem nunca po-
derá ter uma percepção dire-
ta do conjunto complexo da
Amazonia."

Luiz Rodolfo Santos

4.ª série ginasial.

Lages & Companhia

C. SA FUNDADA EM 815

MERCADORIAS POR ATACADO

Comissões Consignações—Exportação Importações

Filiais em—BACANAL

PEDREIRAS

MARIANGOLIN (PROVA)

SANTA INEZ (PINDABÉ-MIRIM)

RUA FORTE L. N. 305 — TELEG. INO-ADDE — Tel. 1715

S. Luiz do Maranhão

R. SANTOS & Cia.

IMPORTAÇÃO — FABRICAÇÃO

Móveis em geral, Salas de jantar, Grupos estufados, conjuntos de "Cipó do Amazonas", etc.
Fabricantes das famadas VASSOURAS SELETA em pinheira

—um produto de primeira qualidade, de todos os tipos e para todos os fins

VENDAS POR ATACADO

Travessa 5 de Outubro, 216-B — 240-A — Tel. 1010

S. LUIZ-MARANHÃO**Voiva Inspiração**

REGINALDO TELLES DE SOUSA

O Leão Inspiração da Natureza, haurida!
Deitada de esplendor sorriso nos versos meus,
Porque trouxe amor a minha triste vida
E me deixaste a vida envolta em triste adeus!

Frantei-me minh'alma em saudades florida,
Plangente é meu cantar e minha prece a Deus!
A tarde, o sol da delira em despedida...
E em meu delírio, ainda espero amores teus!

O Vento do alvorece! em luzes tão divinas,
Dos meus sonhos de amor, surgiste entre as neblinas,
Como loira viajo lá do Sol exilada!...

E hoje, exaurido a vida em místicos altares,
Quisera ter certeza e a glória abençoada
De me poder banhar na luz dos teus olhares!

Santos Martins & Cia.

Ferragens — Tintas — Cutelarias

DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS

FIRESTONE E MOBILOIL

A insuperável marca de
pneus, câmaras, baterias,
cêra para lustro, etc.

Os lubrificantes mundial-
mente conhecidos como os
melhores entre os melhores

TEL. 1314—Cxa. Postal, 70—End. TEL. CUTELARIA
São Luiz—Maranhão

OS COSTUMES

"Três coisas fazem os homens
bons e virtuosos: a natureza, os
costumes e a razão" disse-nos o
velho Aristoteles.

A natureza só em fazer-nos
homens, dotar-nos de vontade
livre nos faz "bons e felizes".

Os costumes são os únicos res-
ponsáveis pelas tendências boas
ou más dos homens. Vejamos
um exemplo em que o costume
social lançou as mulheres, prin-
cipalmente as que frequentam
aquela que forma a sociedade
alta.

Dai como era de esperar-se
deveria partir os bons costu-
mes porém eis é que cada vez
mais rapidamente cal nos abis-
mos dos vícios: quais as causas?
é que a razão dos que a com-
põem jaz atogada pelas regras
que indirectamente vêm causar
seus próprios erros.

Não me refiro a todas as mu-
lheres é natural, bem sabem as
quais me refiro.

A elas recio o ato mais infan-
te: o assassinio dos filhos!

O meio em que vive a acosta-
mo a frequentar as reuniões,
os bailes, as praias, procura ma-

teralmente conservar-se bela e
para isto tudo é necessário que
mate a semente de sua carne, o
fruto de seu amor ou fruto de
instintos sem freios; e não po-
derá trazer no ventre aquele
ente que por deve meena a
proibida de suas idéologias, e de-
pois quem sabe o fará ter para
sempre a responsabilidade de
mãe e do lar. Assim o mortifí-
cio começou; aumentando as
péculas que trocam sua consci-
ência pelo miserável dinheiro e
o saber pelo mais baixo ato:
ser cúmplice de uma mãe no as-
sassinio de um filho.

E a mais culpada é esta socie-
dade tolerar a ambos no seu
seio.

"O tempora! O mores!"

Não aquelas que nos conserva-
mos ao longe não ignoramos as
centurões do mundo causadas
por uma sociedade que não tem
atenção às leis naturais: por-
que é uma lei que a mulher te-
nha e crie o fruto de um amor
ou de uma libertinagem.

"O Judgement, thou art fled
to brutish beasts".

Edmundo de Carvalho.

ORGULHO E CINISMO

ENEAS MONTE CASTELO

(Especial para "ALVORADA").

Naquele dia meu espírito revolucionou-se em ver o cinismo no orgulho tão mistificador, que, todavia, não era outra coisa senão o modo eloquente de traduzir um profano sentimento. Não era possível que no tribunal da consciência daquele homem, não houvesse um juiz íntegro e severo para fazer uma acusação séria e franca; para em altas vozes lhe recordar a honra da revolução, e concluir com argumentos morais, mostrando aquele homem embasado por falsos preconceitos, que praticava uma ação hedionda em profanar o código sagrado da consciência: AMOR.

Estava diante: Olhos cansados e rasgados de sangue, como que recordando o crepúsculo, mas o crepúsculo dos meus dias de virar caráter, quando ainda o morno sol de 1933 estivesse não se reclinando na gelada atmosfera dos prazeres da urbe e consequentemente da profanação do espírito. Bocejos sucediam-se e lhe refletiam o esgotamento das forças corporais. — Quem sabe se não era o veneno do Prater? ... Não! Não! senti um cheiro nauseabundo de um ardo alcohólico... e dei escorregar um leve sorriso de compadecimento com as palavras: poderíamos!

Mas, não é só. Para culminar-lhe o cinismo, abre-se-lhe a comédia — o gesto de desdém de pilos, estava porém cheio de nuances sanguinárias; arranca o palito, num gesto premeditado e atrevido, e atira-o na direção da comédia — vejo, então, marcas venais de muitas venas, que nos mostra com orgulho como se lhe fosse um erro não ao passo do prazer pela comparação ao seu crime... e ele se agacha, a todos que o vissem, como se fosse recordações de Amor, que eu lhe diria: falso Amor.

Quem tal aos tapacões com o intento de beber o calice do Amor não se embriaga, e se um pouco do Netar de Cupido bastasse para embriagar, mesmo assim, ninguém se embriagaria.

Amor real não é Amor, é crime, mas um crime que só a própria consciência pode julgar em toda a sua plenitude.

Por isso sou digo: — Se quiserdes ultrapassar o vosso espírito e trazer ao vosso coração este espírito perdido, não penseis jamais que conquistastes a Amor, porque praticastes um crime...

O Super-Violino

Correio d'Araújo

Da Academia Maranhense de Letras

Querês, ó Dor, um violino.
Quem em sua voz vibrante ou doce,
Traduz o Como em sons qual se a alma fosse
De algum Gaúcho, músico divino?
Querês um violino extraordinário?
Um super-violino
Que do tom mais estrálico e violento,
Dispa a terra e suavíssima expressão
E extirpe o Amor e o Odio sanguinário.
O grito e a mágoa o cântico e o lamento,
Numa contínua transfiguração.
Do Sentimento?
Querês ter junto ao peito o Estravariado,
Para nele gemer o meu Tormento?
Para o tocar, para o despedaçar,
Numa artilharia,
Num atrelamento,
Pondo um súbito fim aos meus pezares
E alegrando o meu último momento?
Querês, na desvalhada execução,
Vê-lo soltar o derradeiro alento?
Vê-lo quebrar-se sob a tua mão?
Ó Dor! Doua infernal do Sofrimento!
Ó Dor! Mãe Dolorosa da Emoção!
Aqui tens o sensível instrumento!
Mas o meu Coração!

Professor Mata Roma

De volta da Capital da República, para onde foi em viagem de curta duração, deverá encontrar-se, hoje, novamente, em nosso meio, o nosso prezado di-



rigente, o ilustre Prof. Mata Roma.

Os liceístas sentem-se satisfeitos em o receber e por intermédio de "ALVORADA", apresentam-lhe as boas vindas.



— A queda do preconceito!
— Acorda mocidade! Acorda Alencarense!
— Morreu Isaura, toda minha vida...

Leiam "ALVORADA"

Teatro, etc.

(Continuação da 1.ª página).

Os estudantes protestam

Tivemos conhecimento de que os dirigentes da Ulen acabam de tomar uma atitude contrária aos interesses estudantis.

A partir desta data, as professoras e escolares terão apenas o abastimento de um terço do preço comum sobre as passagens de bondes. Esta nota da administração veio nos surpreender e dar motivo para que levantemos o nosso protesto.

Lamentamos que o governo tenha aprovado tal deliberação em detrimento aos nossos interesses e favoráveis aos daquela empresa.

Por intermédio de "ALVORADA", os estudantes prejudicados lançam um veemente protesto que, sendo ou não considerado, é, todavia, a maneira eloquente de traduzir a defesa das nossas aspirações.

Concurso "Alvorada"

"ALVORADA", conforme havia anunciado, vem trazer com a presente edição, o concurso — Qual a garota mais bonita do Liceu?

Os gostos variam, é claro, e com ele as preferências de cada um. Assim, entre muitas ideias, por certo, haverá várias que serão lançadas e portanto indicadas para vencer o concurso que ora temos a honra de apresentar.

Sabemos que o ginásio já tem a sua escolha determinada. Mas, nem todos estão cegos neste sentido, pois, entre os próprios ginásios há divergências estéticas.

Um ginásio chegou mesmo a nos dizer: Parei tudo para ler a liderança deste concurso uma garota tipo tracema de Alencar, "cabelos negros como a ama da grã-duquesa". Um outro nos disse: A minha candidata tem nos olhos dois cristais de raiz, como se fossem dois pedregulhos de céu exilado na terra. Mas, não, não temos partido.

A vencedora será a que tiver maior número de eleitores. Recorte o cupom abaixo, e o envie devidamente preenchido à diretoria de "ALVORADA", para procedermos a primeira apuração, até o dia 10 de Julho corrente.

CONCURSO "ALVORADA"

Concorrente

Votante

Tamasceno, o Neto, agigantava-se e José Brasil obrigava o público a lhe dar atenção. Juracy Silva não correspondia plenamente às exigências do seu papel. Mostrava lentidão nos movimentos, embora nos diálogos e falta de compreensão do sentido das frases que pronunciava. Fomos informados de que foi a primeira vez que esta sinchrita aparece no palco, portanto, justifica-se em parte o nervosismo e o pouco desembaraço nas alturas. A primeira apresentação não foi perfeita e o papel não era fácil. Já vimos artistas profissionais falharem lamentavelmente nas peças de Comargo. Por esta razão julgamos que Juracy Silva deve continuar, pois, passando o rescaldo do primeiro dia, pode ter grandes desempenhos entre nós.

Te parabéns o público maranhense por ter tido a oportunidade de assistir a tão belo espetáculo, onde as falhas foram superadas pela boa vontade e a dedicação desse grupo de moços que com sacrifício está contribuindo, de maneira notável, para o levantamento entre nós do gosto pelo belo.

Melhor homenagem não poderia ter sido prestada à memória de Apolônia Pinto.

"ALVORADA" felicita "Os Amigos de Apolônia" pelo êxito de agora e faz-lhes votos de retribuídos sucessos no futuro.

NOTA — No dia 4 do corrente, dia da Independência dos Estados Unidos, "Os Amigos de Apolônia" levarão em repêse, a peça que tão bem apresentaram.

LOJAS RIAN

As LOJAS RIAN previnem a

sua clientela que acabam de receber tecidos para todos os fardamentos escolares.

Estudantes vejam sempre os preços das populares LOJAS RIAN
antes de fazerem as suas compras.

LOJAS RIAN — Matriz Oswaldo Cruz, 215 — FONE 1235



O BALAIO

(Excerto de um poema)

ASSIS GARRIDO
(Da Academia Maranhense)

Acabas da manhã, na hora em que o sol, num beijo
De feio, viola a noite, e esparges vida às coisas,
Da sêxta da casa, o Manoel, num beijo,
Vem saudar, orgulhoso, o patrio lugarejo
Que acorda com o bater de asas de mariposas.

Pelo campo, agora, a natureza canta
A grande orquestração do amor e do trabalho!
— Há dilúvio de luz na mais pequena ponta,
E a mais exigua rosa, em sangue, se aleventa
Como ressumindo aos oráculos do orvalho.

Nas roças, a lavoura expande-se em fartura,
E, sob a fecundação da luz solar com a Terra:
— E a colheita feliz, é a benção, lá da Alvorada,
Que o heróico lavrador pede, sonha e procura
No solo toda pagão onde a semente encerra.

E os borçogas balizam, ao longe, dois a dois...
E a passagem do escravo... o riso da mocinha...
E a voz do passarinho e a da mulher, depois...
E o irrite — Ihim!... Ihim!... de algum carro de boi...
Que é a angústia e a dor de quem sofre de amor e ama.

E o rio Itapicuru, de água límpida e mansa,
Sempre a cantar em frente à cabana onde mora;
Ese amigo que o viu correndo quando em criança,
— O char éda uma prece e o peito uma esperança! —
E que o vê caminhar, para a velhice, agora.

E, e Itapicuru que o viu na mocidade:
— O pinho das mãos, feliz, mais destemido e forte,
Que lhe traz da mulher, em cantos, a saudade
E há de chorar caudoso, em cantos de piedade,
Quando lhe vier buscar, ao sono eterno — a morte.

Alfaia Maria Carioca

— DI —

A CAROLINO DE CASTRO

Completo sortimento de artigos para homens

End. Teleg. — CAROL

Telefone 1282

Praça Benedito Leite, 227-baixo

S. LUIZ — MARANHÃO

HOMENAGEM A CATULO

Catulo! Que seja teu nome
escrito com letras douradas nas
pagina da Literatura do Maran-
hão Ateneu!

Sim! É tão necessário, para
que, quando daqui a centenas
de lustros, um brasileiro do teu
Maranhão, ao abrir os largos
portais que por acaso estejam a
barrar o túnel dos séculos, dos
eloquentes, dos imortais, dos
modelos dos cronistas, lá te en-
contre. Catulo da Patrão Cearen-
se, tal como se estivesses
moço, belo, forte, em convívio
de todos e a todos ilustrando.

E ele te encontrará, porque
teu corpo morreu, mas teu espí-
rito sobrevive!

A lápide marmórea de teu
sepulcro cobre apenas a maté-
ria, a carne, o destrutível. Res-
guarda somente o corpo daque-

le que era tão humilde como o
seu barbaço, aquela célebre
dissonância, cujas paredes de pa-
pi recordam tuas glórias!
E eu afirmo, tua alma ainda
vive! Ela vive nos livros que
compõe, na memória de to-
dos os brasileiros, nas tuas
cenas imortais! Ela vive
ainda, tendo por companheiro
o último argentino tinar de tua
aurorina! Ela vive ainda entre
os ecos fascinantes de teu "Luz
do Sereno!"

E assim! Ela nunca morrerá,
pois quando o Tempo, esse "in-
signe alquimista" ao ver de Ma-
chado de Assis, destruiu as tuas
epopeias gloriosas, e desmoronou
o bronze que retratava no teu lu-
zido crânio, esse crânio do
Gigolo, esse crânio, sempre e
sempre Maranhense!

Yomer Desterro a Silva
1.º ano científico.

"ALVORADA", o brilhante
orgão de publicidade dos poe-
tas maranhenses, prossegue,
mau grado de inúmeros rebu-
dos que se lhe antepõem para difi-
cultar-lhe a marcha triunfal,
cada vez mais fulgente e rico de
colaboração na sua trajetória
luminosa.

Fruto do esforço ilimitado de
um pugilo de jovens ventado-
ros, que, na firme determina-
ção de colaborar para o al-
tamento cultural do Maran-
hão Ateneu, com o seu retor-
no à invejável posição que, em
tempos idos ocupava no cená-
rio intelectual do país, "ALVO-
RADA" inspira-se à admiração e
respeito das novas figuras de
maior representação, que não
se cansam de regalar almas e
corações iniciativa dos leste-
tas maranhenses.

O quarto número de "ALVO-
RADA" que surge agora, consti-
tuirá mais uma retumbante víti-
ria de seus diretores, que, arro-
gando nitidez de dificuldades,
estão realizando uma obra que
por sua alta finalidade, é digna
dos melhores exemplos e do re-
conhecimento de quantos sal-
tam, sem pálio, fazer jus
aqueles que realmente mere-
cem.

O nosso jornal, abrindo uma
vexada à regra da obediên-
cia foi seguida por todos os an-
teriores, que tiveram os seus
passos seguidos quando em
plena harmonia, lá se des-
cansa o barbaço da vitória,
há de sobreviver a qualquer
tempestade, por mais ameaçadora
que se apresente, pois os seus
ruidos que nos intimidam
porque, enquanto em nós bor-
bulha um vestígio de febrili-
dade, com insuportável firme e se-

VITORIA

solos, são que sustinham ali-
ção e equilíbrio em si.

A fúria amorosa de despa-
samento que passava sobre o
nosso jornal, qual um gigante
caía das alturas a rolar a vi-
stima, para um momento, pre-
ciso arrebatá-la, levando-a
para os espaços infinitos, para as
tendências regidas do equi-
librio, já de há muito se en-
contra atizada.

Tem a dedicação e carinho
a perseverança de seus, des-
sombreados diretores, "ALVO-
RADA" declara de ser, uma
realidade para, resgata, a um
plano incompatível com a fi-
nalidade de um existencial, per-
tencer ao mundo das ideias.

Hoje, todos os limites con-
cientes se antem atenuam de
possuir um jornal que, a través
de suas radiações espirituais e
coisas diretas, seja baseada
em mais rígidos princípios de
solidariedade.

Alguns todavia, desconfi-
dam!

A atitude com que se põem
diretores de "ALVORADA",
pontos alongados e sua abor-
fado, se não tinham, com a
honrosa após morte, tratado
para estranhar, produzindo, e
as inúmeras cartas de felicita-
ção que nos inundam, mostram
nossas e possuídas de longa
cultura.

Quero reiterar, pois profun-
do respeito e amor ao trabalho
de gratidão, a todos os que
visita de nosso trabalho. Ma-
ris Natividade, Maria, ainda
inconfundível de sua mente ma-
ranhense, que já nos trouxe a
sua indispensável apoio a todos
os movimentos que visam a fe-
licidade de nossa terra patri-
da.

O prestigio de que desfruta
"ALVORADA", consequência da
maior admiração por que se
vem havendo, não só na nossa
vasta cidade, como na de ou-
tras cidades, é assim notório.

O dr. Hermógenes Pinheiro,
residente na vizinha cidade de
Belém, onde exerce a elevada
função de catedrático de Ana-
tomia da Faculdade de Medicina,
em carta endereçada a um
diretor do nosso jornal, assim
se expressou: "Li todos os arti-
gos de "ALVORADA" e muito
agradeço os pontos dessas novas
atenções".

Convenham também destacar as
elegantes palavras do Mestre
Joaquim de Direito dr. Regino
de Carvalho que, juntamente com
o dr. Hermógenes Pinheiro,
securia sem vacilações nas
possibilidades constitutivas da
sociedade estudiosa, orgão, se-
gundo a sua opinião, reside a
esperança de um Brasil maior.

Assim, a batalha em que se
desenvolve "ALVORADA", en-
volvendo combatentes os mais
céleres, assimelha-se à de um
baquiano em pleno oceano, lu-
tando contra a fúria dos ele-
mentos na sua ação destruidora,
e que, defendendo-se com
um golpe para a salvaguarda
de sua existência, continua, com
o advento de bonanças, a sua
marcha intermitente, incógnita
e vitiosa ao porto de destino.

Esta, pois, é a batalha! A longa
batalha! É se a vitória ven-
derá. Não precisamos a oportuni-
dade que se nos apresenta, e
procedemos, com toda a elemen-
tar, a que pensamos dispor,
aqueles que iniciaram esta cru-
zada que há de levar-nos à su-
prema "Vitória".

Uramajá Cayá.

SE DIGNA MULHER!

Se digna do teu nome, Mu-
lher!

Não dá, nunca, ouvidos às
palavras maldosas do mundo.
Observa-te sempre para,
sempre honre, embora tenhas
de sofrer.

Se mereces da posição que
ocupas na sociedade, quer seja,
como esposa, mãe, filha o
irmã.

Procura colaborar, trabalhar
e produzir.

Não estijas ociosa, pois a
ociosidade não permite a evolu-
ção do espírito.

Batiza-te logo ao respeito
dos homens; que eles te admi-
rem, te louvem, te exaltem.
Não cala nunca!

Eleva sempre o teu sentimen-
to, para não vacilar na vida.

Sabes livrar-te das tris-
tezas.

Procura evitar o pecado, alim-
te conservares intacta a tua
consciência.

Não desanimes, em coisa im-
fada, para que não tenhas de
chorar lágrimas amargas.

Lembra-te de 1911, quando
um ente, que nutria amor a tua
mãe, consultava a tua mãe, a tua
filha, a tua irmã e a tua irmã-
mã.

Mãe, em teu nome, todo
pensamento meigas te quero
dominar.

Se feres, corriges, digna de
ti mesma.

Que todos os seres que te
chamam ao espírito, não, corra
de vergonha de ti, dos teus
próprios olhos.

Vive a tua vida, embora seja
ela repleta de agonias, de ar-

dores, de sofrimento.

Vive a tua vida, embora seja
ela de aparência proletária e
burguesa.

Vive, porém, da tua vida in-
terior, cheia de contentamento
intimo de satisfação própria da
alma formada pela tua reti-
ção.

Não desprezes a mulher que
precisa; recorda-te de que ela é
tua irmã.

Não deixes de amparar e pro-
teger as desgraçadas; lembra-
te de que elas são dignas da tua
cidade.

Se justa e generosa.

Que nada te seja mais bela,
quando da vida, do que a tua
própria vida feita com o sacri-
fício e com a exaltação da tua
dignidade...

Branca de Castro.

Lojas A Pernambucana

Sortimento completo dos melhores tecidos nacionais, da famosa marca "OLHO"

Artigos finos para homens e senhoras, como sejam, Linhcs, Gasimiras, Sedas
lisas e estampadas, Opalas e Voiles!

Tudo novo, recebido directamente de suas fabricas!

Lojas a PERNAMBUCANA



INGARANA

Ainda hoje sinto saudade daquele recanto onde passei momentos inesquecíveis.

Ingarna... Era tão linda! Depois que os dois rios se encontravam e se confundiam num belo lago e gelado, lá se ia um delles, saudosos, cortando a velha cidade, enquanto o outro se internava por um bosque aliado e solitário, onde tudo respirava poesia e encanto.

Era esta porção a Ingarna, assim, chamada por mera tradição.

Margem deste trecho pitoresco, colossais ingazeiros casavam seus ramos, lá no alto, lembrando daquele céu límpido que nunca vira seu azul saffra refletido naquelas águas sombrias...

Ali, miríades de peçonhinas

pedras brancas da feição de pedras de cristal, acólis, petríolos exibindo os mais variados tons, adiante, diminutas caracolas, cujas águas brilhantes aqui, devido aos raios do sol, se tornavam cinzentas, a proporção que desativavam pela Ingarna, por causa do sombreado da folhagem.

Durante o dia, em que a natureza é um poema de vida e de luz, aquele esbanjamento recebia a visita da população pobre que lá ia lavar as suas roupas, banhar a garotada e a sua porção era então quebrada pelos gritos, saltos, brincadeiras e alvoroço da infância despreocupada e feliz.

E, sobre o tapete de verdura que se projetava contra o horizonte, eram estendidas peças e toalhas brancas que o vento fazia com que, às vezes, brincassem de esconder com as lavadeiras.

E, à tardinha, lá se vinham elas aos grupos, com as pernas cruzadas e cabeça, e, passando pela rua, não se precisava indagar de onde chegavam porque já se sabia — da Ingarna.

Nesta hora, o cenário se transformava...

A passarela corria para se dirigir nos ramos dos arvoreiros. E de lá, soltavam os derredores pingos de suor e chuva, como a despedir-se da tarde que morria.

Então, tudo era mais calmo: a brisa que passava ligeira e macrética, embalava a natureza ao compasso do ciclo do rio, que se ia, entoando sua eterna canção de tristeza...

A luz, a Rainha do Silêncio, que emergia por detrás dos montes, sorria para a natureza adormecida, fazia seus raios se infiltrarem por entre as folhagens do arvoredo, para admirarem aquela falsa serenidade que se erguia por entre as margaridas e malmequeres.

E, diante a uma cabana de palha, garotos endiabrados, acurtados na areia macia, com a respiração suspensa, escutavam dos lábios de uma velhinha centenária, histórias de tesouros, pagés, reis, feticheiros e coisas grandes que vagavam, ainda, nas margens do rio.

E a petizada, medrosa, agarrada à sala da vovó, estendia sua vista para o lado da Ingarna.

Mas, o riocho indiferente e silencioso, deslizava, deslizava, até sumir-se numa curva longínqua.

Maria do Carmo Sette.

Concurso "ALVORADA"

Movimentando-se o Colégio Estadual para a eleição da sua rainha, os auditores num ambiente de grande intensidade procuram vencer obstáculos, os mais diversos, empregando todo o esforço disponível, para que a sua candidata preferida seja a vencedora.

A última apuração apresentou o seguinte resultado:

Maria Célia Pantoja	447
Amália Fernandes	216
Maria Helena Margares da Silva	46
Leonor Pinheiro	19
Lucia Furtado	10
Walter Lima Telles de Souza	3
Valde N. Raposo	1

As que nos parecem o páreo vai... (obscurecimento, pois, da ra-



Maria Célia Pantoja

As eleições são rapazes que não medem sacrifícios para alcançar o objetivo visado. Luis Odolito assegura que a sua indicada Maria Célia Pantoja, já eleita, conta com a cooperação de Walter Silva, o homem da galinha, enquanto



Amália Fernandes

na, Custódio Borges afirma a vitória campadora de Amália Fernandes; mas, segundo fontes "bombardeiros" Madureira e Romão, a próxima apuração surpreenderá todos, fazendo com que Maria Helena passe a assumir a liderança do certame.



Maria Helena M. da Silva

Injustiças do Século

Enxos Monte Castelo, há muitos indivíduos que, mistificados em falsos preconceitos, deixam escapar determinados sentimentos que bem lhes refletem as influências do século. Assim, observei o desprezo com que são tratados os jovens que se não arrebataram pelos vícios e libertinagens que inundam o nosso ambiente social.

Não ées jovens superiores, em vários pontos de vista, aos imaturos "críticos improvisados". Estes, embora lhes observando o valor, acham-lhes, contudo, comentários "sem experiência", porque não procedem ao seu modo.

Dizem estes pseudo-sociólogos, não sei a razão e nem lhes compreendo a filosofia — "A vida sem vícios torna-se monótona e tal não acontece no tempo das levandades". Mostrar-lhes-las as levandades, a realidade da vida?

E com um, ouvir-se dizer: "Falta-lhe nem parece ser homem — não fuma, não bebe, não joga..." conclui: E. Critériosamente, deveriam dizer — é um Forte.

Forte, porque se não deixa ganhar pelas fraguerras dos vícios; Forte, porque a vontade de ser um verdadeiro homem, sobrepõe a tendência malfélica que se poderiam manifestar moralmente desfavoráveis; Forte, porque desprezando os vícios, exaltam-se-lhes os valores, mostrando-se herói do século que passa...

SUTIL VENENO

conigo mesmo; Forte, tão forte, pela tem na vontade o poder para resistir às tentações deleterias, dominando as influências que o meio lhes derrama no espírito, olvidando os convites > as insinuações dos depravados, aplicando as energias em concepções altruístas e sadias e desprezando as amizades desvirtuosas e corruptoras.

Mas nem todos têm o poder, de reagir. E, se a maioria não possui tal poder, a corrupção pelos vícios é, consequentemente, o prólogo da falência moral e eugénica das gerações futuras.

O panorama social, ora descorrido, é, lamentavelmente, triste.

Homens orgulham-se quando se deveriam envergonhar dos seus atos, combatem o que merecem defesa, aceitam o que de fato se recusado, calam-se, por conveniências pessoais, ao invés de ocupar a tribuna honrosa do dever, clamando pela justiça e pugnando pela moral de Cristo, considerando o interesse coletivo desprezado, mas, muitos dormem, enquanto o sol o clarim da razão.

Quem me leu atentamente, está certo, dirá:

Este sujeito é um moralista e improvisado, articulando contra os sociólogos improvisados.

Caros leitores, não lhes tirei a razão, porém jamais poderia fazê-lo aos pseudo-sociólogos, mas quais se refletem bem as malfélicas influências do século que passa...

DALTON CORDEIRO LIMA

Por que sofrer assim, ó desgraçado? O teu semblante exala melancolia. Não és querido? Toste desprezado? Procura alívio, vante a nostalgia.

Alívio?! Não terás na minha vida. Soltu vencido aquele amor deixado. Ferido o coração, a alma vendida. Sucedo atrás a mim dilacerado.

Sigas que a virgem destes meus encantos. A fina flor que me enlevava o ser. No amor só me ofeteasse alegres cantos.

Porém, indiferente ao meu sofrer, Aos meus saúdes e alívios prantos. Sorri... zombando de quem vai morrer.

CONCURSO "ALVORADA"

Concorrente

Votante

"O CLARIM"

Recebemos o primeiro número de um novo jornal de estudantes — "O Clarim", apresentando colaborações de todos os papéis e estilos.

"ALVORADA" agradece a oferta.

Santos Martins & Cia.

Ferragens — Tintas — Cateirinhas

DISTRIBUIDORES DOS PRODUTOS

FIRESTONE E MOBILLOIL

A mais rápida marca de pneus — Camarões, baterias, ceras para lousas, etc.

A lubrificante mundialmente conhecida como as melhores e mais eficientes.

TEL. 6314 — Cx. Postal 70 — Rod. Tel. CATELARIA — São Luiz — Maranhão

LOJAS RIAN

As LOJAS RIAN previnem a sua clientela que acabam de receber tecidos para todos os fardamentos colegiais.

Estudantes vejam sempre os preços das populares LOJAS RIAN antes de fazerem as suas compras.

LOJAS RIAN — Mariz. Oswaldo Cruz, 218 — FONE 1250



Garantia do Povo

Tem o prazer de oferecer
a hora certa pelo
FONE 1168

ALVORADA

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO LICEISTA

Diretor: Reginaldo C. Telles de Sousa

N.º 5

S. LUIZ, TERÇA-FEIRA, 13 DE AOSTO DE 1946

ANO I

Palavras á Moidade

(Trecho do discurso do prof.
Joaquim de Almeida, por ocasião
da inauguração do Salão
de Exposição, 1.º
Ano, 1946, no Salão).

Patriotismo não é a ameiça,
que irrita; não é a cobardia, que
constrange; não é a inveja, que
convulsa; não é a paixão, que
envenenar; não é a orelha, que
supura; não é a covardia, que
sucumbe; não é a vingança, que
mutila.

Patriotismo é o trabalho, que
fructifica; é a fé, que consola; é
o amor, que unifica; é a solidi-
dade, que ampara; é o pro-
prio, que triunfa.

O patriotismo não é o que exclui
os brasileiros da comunidade dos
bens da pátria; não é o que se
vange com a tortura do tal-
mão vendido; não é o que pre-
za o aniquilamento dos irmãos
translados; não é o que iluso-



O Estudante, numa atitude cívica, empunha
o facho da civilidade!

As penas, ou Atenas Brasileira?

A presente edição seria nada, se tudo proce-
desse ao espírito colaboracionista de nossa classe,
não fosse tão bem compreendido, quanto o foi,
pelos reconhecidos dos nossos esforços e ideais,
agora concretizados numa demonstração de civi-
lismo e verdadeiro senso de solidariedade, momen-
to, quando o mundo atravessa uma fase em que as
dissidências entre classes não verdadeiramente co-
lustrificas.

O apelo que deram todos os colegas de S. Luiz,
ou nosso empreendimento, é moção para nos unirmos
e exarermos nossa mais profundo reconhecimento,
isto é, de tal maneira, não só nos auxiliaram nesta
empresa, como também, demonstraram possuir
um espírito moldado no senso caracteristicamente
democrático e democraticamente unido.

O propósito borbulhante de patriotismo da clas-
se estudantil e cívica, deve ser, em todas as épocas,
moção pelas autoridades, como observamos
nesta passagem.

O atual governo do Estado não nos desprestigiou,
quando procuramos seu apoio e, assim, con-
tinuando com sua boa vontade, pudemos levar a
nossa proposta, daí surgindo, sem outras inten-
ções, o nosso justificado agradecimento.

Dizem: Atualmente, a moidade, arvorando-se
dos nossos glórias de Atenas, sepulta as nossas tra-
dições, sem todavia, tentar dar um passo para a
perpétua consolidação do nosso passado.

Desejamos mostrar aos lucidados da concên-
tricidade patriótica de nossa geração, e aos pessimistas,
ecima de tudo, a nossa capacidade, o nosso valor,
a nossa força e, assim sendo, jamais desmerece-
mos a nossa gloriosa marmore, esculpido por Gomes
de Sousa e Coelho Neto, João Lisboa, Gonçalves
Dias e tantos e tantos outros, que, apesar de nosso
reconhecimento atual, não deixaram de ser comba-
tidos e desprestigiados na época em que viveram,
principalmente, por maranhenses, pois, o Mara-
nhão tem esse defeito: Em seus próprios filhos é que
mais encontra manchas.

Devemos de mostrar ao Brasil e ao Mundo, que
a nossa terra não é "apenas brasileira"; sim, que
foi Atenas, o é e será sempre — o eterno celeiro de
imortalidades.

Moço do Maranhão! Eis o lema em que todo o
espírito jovem, deveria moldar o seu pensamento:

A vida não seja somente prazer, não seja so-
mente o delírio, não seja somente o dinheiro. Pois,
se assim fosse, não seria nada, mas poderia ser
tudo, se todos pensassem em deixar um rastro in-
mortal, como documento de que passaram pela vida.

A POSITOS

mas nos aqui, procurando
trabalho de vários educandários
e Organizações Culturais, dan-
do-lhes o ensino de marinha a
o que de grande e bom possui-
mos. São mentes abstratas, en-
riquecendo o patriotismo cultu-
ral com cristais do intelecto, em
que a divina luz da inteligência
se polariza dando a sabedoria
humana a verdade do que se
ignora.

É fácil compreender a nossa
atuação, cremos com o espírito
elevado para o engrandecimen-
to do Brasil, trazido o nosso
programa; estamos dispostos a
cumprir, não nos deixaremos
vencer por aqueles que nada
promovendo, procuram embar-
çar o caminho do que têm um
local promissor.

Temos certeza de que estamos
sendo entendidos pela moide-
de estudantil não nos filiamos e
jamais nos filiaremos a orga-
nizações ideológicas ou facções par-
tidárias, trabalhamos para a
perpetua expansão do raciocínio
dos que irão restaurar o nosso
direito de Atenas Brasileira.

Em "Alvorada", não há har-
monia, se quisermos de verdade,
estudantes aproximam-se com o
Ato da inteligência preparam a
engrenagem da máquina cultu-
ral e iluminam o santuário da
consciência, dos seus livros par-
tem sôpras de fé que aquecem
os corações dos companheiros
de trabalho com a sublimidade
da própria moral.

Em obediência às nossas di-
retivas, oferecemos este núme-
ro especial á moideade estudan-
til e aos homens de letras do
Maranhão, porque, somos com
ufania a "Alvorada" de um
venturoso dia que está surgindo
para a pátria, a dignificação
do movimento cultural que
está a expandir-se.

A festa de 23 de Julho

É um erro por demais indis-
culpável o dizer-se que a vos
intelectual do Maranhão Atenas
tem a honra de receber o "Gen-
tílico" este que se haveria de

receber com o desaparecimento
dos valores surgidos da geração
nova antecessora.

É esta verdade é constante-
mente apreçoada pelos pes-
sonistas, muito embora seja por
todos sabido que, no Maranhão,
jamais surgiu uma geração tão
promissora como a que ora se
está formando.

O que se verifica atualmente é
o alentamento exponencial da
moideade da nossa terra, usan-
do unicamente o gladio da boa
vontade nesta luta titanica tra-
vada em condições e ambiente
completamente desfavoráveis.

Essas agremiações literárias que
surgem apreçoando com fervor
o renascimento das nossas le-
tras; grupos de amadores tea-
trais que nos brindam com um
teatro genuinamente mara-
nhense, periódicos e revistas
mensais contendo as mais va-
liosas exposições do conhecimen-
to estudantil e são também os
nostros principais logradouros
públicos que deram de ouvir
entusiasmados discursos sobre po-
lítica e foot-ball para deitarem-se
também com palestras
literárias que, não fossem as
constantes instigações do aque-
cido Tempo, se prolongariam
até ao infinito.

É o Colégio Estadual do Ma-
ranhão fortalecendo as subli-
mes tradições que lhe fazem
transformar-se no reposi-
tório artístico das mais eleva-
das mentalidades da juven-
tude maranhense.

Quase todos os sábados, o au-
ditorio deste Colégio ilumina-
se para dar, com orgulho, uma
pequena demonstração do que

(Continua na pag. 12).

NOTAS DA REDAÇÃO

1) — O Sr. Presidente do
Centro Liceista, Dalton Cor-
reia Lima, recebeu, há dias, o

GA'ANTIA DO POVO

Anão de receber os artigos
"KREMENTZ"
como sejam: Boletim de Colá-
rio, de 1.º Anho e 1.º Edição de
"Alvorada".
RUM AFONSO PENA, 28

na presença de espadachim; não
é o que se humilha diante dos
poderosos e trépida sobre os
humildes; não é o que proclama
Cristo nas palavras que diz e
exalta Judas nos feitos que co-
mete; não é o que tem Deus na
boca em vista dos hipócritas e o
diabo no coração em torpes ha-
bitamentos.

Paulista, meus jovens colegas,
é o que sempre o leva; é o que
exerce a virtude; é o que respeta
a moral; é o que obedece à lei;
é o que ensina o ignorante; é o
que auxilia o fraco; é o que per-
doa o arrependido; é o que abri-
ga o tremelhado; é o que apro-
veita as boas tendências e re-
prime as más inclinações; é o
que expressa as suas idéias e re-
vela os seus sentimentos; é o
que insiste quando acerta e re-
trai quando erra; é o que ama
a pátria com a pureza dos cos-
tumes, com a pureza dos co-
stumes, com a pureza dos co-
stumes, com o brilho das exem-
plos, com a nobreza das ações,
com a realização das promessas,
com a fidelidade do juramento.

Deixamos ao denodado li-
ceista, muitas felicidades em
seus futuros empreendimentos
e lhe agradecemos o valioso
contributo, encerrando sempre
sempre a estampa e consideração,
como também deixa suas colu-
nas abertas para que se conti-
nuem a ilustrar com o brilho de
seu fulgurante espírito.

2) — Avisamos aos nossos co-
laboradores, em geral: Em vir-
tude de falta de espaço, muitos
dos trabalhos, que temos em
mão, ainda não foram publica-
dos, mas esperamos fazê-lo com
o número vindouro.

Assim, o julgamento dos tra-
balhos em concurso, somente
será iniciado quando circular
o próximo número.

3) — Pela razão de já estar
impresso o artigo de nosso in-
teligente colega Belisário Penna
Lisboa e o mesmo artigo esta-
com o título trocado, pedimos
aos nossos leitores, ao invés de
lerem "Um pouco de mitologia",
leiam "Meio na lenda, a Jus-
tiça".

Outrossim pedimos desculpas
ao ilustre Belisário pelo nosso
"injustificado" descuido de re-
tardo.



Escola Normal do Estado

A Escola Normal foi, e será sempre o quartel sacrosanto onde se formam sublimes exercitos femininos, verdadeiras coortes em continua e renhida luta contra o inimigo da sociedade, em todos os tempos — o analfabetismo.

A finalidade da Escola Normal é a mais nobre possível: formar professoras, aquelas para quem estão voltados os olhos da Nação, que lhes aponta os filhos, ainda mergulhados nas trevas da ignorância. E nelas que a Pátria confia ao pensar nos homens de amanhã, enfim, é a elas que está entregue o futuro da sociedade; sobre

seus ombros, pesa a responsabilidade de um porvir cadavérico ou arruinado, de uma geração que se haja erguido em solidos ou pseudos alicerces.

Assim como a segurança de um edificio depende da solididade de sua base, assim, também, a sociedade, o edificio humano, nada representará se não for erguido sobre um pedestal de bronze, insensível às intempéries que a tentam abalar em suas raízes. Cabe, portanto, ao professorado, a divina missão de modelar os caracteres da juventude, traçando assim, as linhas do futuro de um povo.

Quão espinhoso e sublime é o mister da professora!

Nos sangrentos campos de batalha, luta o soldado pela unidade e segurança da Pátria na paz e nobreza de sua cátedra, a professora defende a sociedade e a Nação, da mais acérrima adversária — a ignorância.

A Escola Normal foi criada pelo decreto baixado em abril de 1890, pelo governador Dr. José Tomaz de Figueiredo. Em 1914, como medida econômica, foi extinta a Escola Normal, sendo os professores e alunos incorporados ao Liceu, onde aquela passou a funcionar com a denominação de Curso Profissional. Em 1932 a Escola Normal tornou-se independente do Liceu, passando a funcio-

nar em um prédio à praça Gonçalves Dias, de onde, em 1941, foi transferida para o Palácio da Educação, onde, ainda hoje, se encontra.

A Escola Normal pode orgulhar-se de ter como diretora a profa. Maria do Carmo Teixeira, espírito esclarecido e bondoso, nome que se engasta, mercedosamente, no céu constelado da Atenas Brasileira. Ela constitui uma glória para o magistério maranhense, e é com justiça que continua à frente da Escola Normal, guiando, com um tino incomparável, jovens que não de formar os grandes homens de amanhã.

Professorandas, continuai firmes em vosso ideal, pois ele é aumamente augusto e patriótico. A escola representa, para vós o campo de luta, onde podereis servir com invejável eficiência a vossa Pátria.

Se algum dia vos faltar o animo necessario para continuar tão bela jornada, lançai um olhar ao penão auri-verde de nossa terra, que, tremulando ao sopro da aragem, parece mostrar, em todas as direções a multidão de analfabetos, pessoas inúteis à sociedade, apenas por não terem quem lance um raso de luz na noite profunda de sua ignorância.

GINASIO MARANHENSE

HISTORICO DO GINASIO MARANHENSE

O nome do Maranhão educacional, estava no apogeu. O intelectualismo era tamanho que teve a honra de receber o epíteto de Atenas Brasileira; mas faltava-lhe alguma coisa, algo de importante. "Não é só de pão que vive o homem". E essa parcela essencial que faltava ao Maranhão, foi reconhecido e remediado pelo saudoso D. Francisco de Paula e Silva, no ano de 1906, fundando o Colégio S. Francisco de Paula, que ministrava, como ainda ministra hoje, o ensino gradual e completo das humanidades a par de boa e sã educação de conformidade com os ensinamentos da Igreja Católica.

Max, por motivos particulares, os Irmãos Maristas, a quem estava entregue a direção deste educandário impar, apenas ficaram aqui, até o ano de 1921. Valeram, porém, esses 13 anos de ensino intelectual e religioso, haja vistas, as preeminentes personagens que hoje brilham no cenário geral do Brasil.

E 16 anos o Maranhão outra vez, deixou de possuir um colégio religioso do cunho, daquele, que foi fundado pelo santo prelado D. Francisco.

Novamente outro arcebispo, compreendeu a necessidade de um colégio religioso, no Maranhão e lutou, trabalhou até que teve seu desejo satisfeito aos 25 de agosto de 1937; este arcebispo foi D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, a quem o Maranhão, deve grande parte de seu desenvolvimento religioso, e a quem o Brasil e a Santa Sé o recompensaram mercedosamente com as honras cardeais, na prelazia do Estado de S. Paulo.

Hoje, o Ginásio Maranhense S. Francisco de Paula, ainda permanecendo impar, sempre para frente, lecionando à altura as ciências humanas e também formando seus alunos nas regras e doutrinas da Santa Igreja Católica.

Provisoriamente, funciona, no dispensado com essa prova gar-

Paço Arquiepiscopal; mas já se acha em via de construção um moderno estabelecimento, construído "ad hoc" na Quinta do Barão. Este prédio, que será um dos melhores, na capital, oferecerá, aos alunos, maior conforto, maiores vantagens.

Não posso falar do histórico do Ginásio Maranhense, sem dizer, sem exaltar, a direção que possui.

Há dois anos que possuímos como diretor o Revmo. Irmão Eloy José, espírito empreendedor e incansável, batalhador, que já nos prestou inestimáveis serviços, dando provas suficientes de seu alto valor, convencendo assim plenamente a expectativa de todos, haja vista, ao grante acatamento que todos as famílias maranhenses têm

bem do grande numero de alunos que dispõe o colégio.

Sobre a disciplina, no Ginásio ela é exercida, com paternidade. Os educadores são guiados pelos princípios de caridade e de justiça, convidando todos os esforços para levar seus discípulos ao cumprimento do dever por meios suaves.

Por fim, não posso também deixar de agradecer, em nome do Maranhão, aos Irmãos Maristas, o grande bem, que eles têm feito à mocidade estudantil formando assim, para o futuro homens de fé firme e sólida, que não hão de recuar nos momentos difíceis da vida, que os enfrentam sem temor, porque tiveram uma mocidade sã, uma juventude de sacrifícios e de combates.



MARCHAMOS PARA A GLORIA

SUJEITO DO MARANHÃO

Para o turista que aqui chega, a nossa velha capital apresenta-se sob os mais variados aspectos: O seu casario colonial com os tradicionais azulejos multicoloridos de azulejos multicoloridos trando, por força, a ideia das velhas cidades portuguesas, suas ruas largas e sinuosas, becos estreitos e sombrios, constituindo as ruas, logradouros, lembrando as épocas e episódios da nossa história colonial lusa.

Na sua mesma aparência de uma beleza que chega a provocar melancolia, São Luiz apresenta uma vida intensa, caracterizada pelo progresso, da entrada para as atividades da vida moderna. Rios se não deparam movimentadas, com transeuntes em cujo semblante se lê o desejo ardente de prosperar.

Não faltam, aqui estabelecimentos de ensino aparelhados a receber a nossa juventude, a fim de ministrarem o saber necessário ao desenvolvimento do honroso título que São Luiz con-

quistou — Atenas Brasileira. E estes estabelecimentos estão repletos de moços que, senão totalmente, pelo menos em grande parte, almejam a cultura elevada, a sabedoria, enfim conhecimentos amplos e suficientes para que lhes perdure o qualificativo sublime de genios.

Apesar de ser uma de nossas mais antigas cidades, a capital do Maranhão não se deixou corromper pelo desgaste do tempo.



"METROPOLE"

Cia. Nacional de Seguros Gerais
Capital Cr\$ 5.500.000,00
Matriz: Rio de Janeiro

Presidente:
Dr. Francisco Solano C. da Cunha
Super. Norte:
Gerson Tavares

"METROPOLE" é uma das Companhias que paga os seus sinistros com absoluta presteza e é a única que assumiu a responsabilidade do seguro em GRUPO dos FUNCIONARIOS PUBLICOS DO MARANHÃO.

Mais um Sinistro pago aos beneficiários do saudoso serventurio Publico Municipal ANTONIO XAVIER DA CRUZ.

Destaques os dois recibos de pagamento da indenização pelo SEGURO EM GRUPO e INDIVIDUAL, num total de Cr\$ 22.000,00.

Liquidação do seguro em GRUPO: Cr\$ 12.000,00.
Ficamos da METROPOLE — Cia Nacional de Seguros Gerais, a importância de Cr\$ 12.000,00 (doze mil cruzeiros) relativa ao valor do seguro em Grupo que nosso falecido pai ANTONIO XAVIER DA CRUZ instituiu nesta Companhia, em nosso benefício, pela Apólice mestra n. 19.900, certificado numero 129.

Nestas condições devolvemos à Seguradora o certificado em apreço e damos a mesma plena e rasa quitação da quantia recebida para nada mais dela reclamar com fundamento no seguro em causa.

O presente é firmado em duas vias, para um só efeito, seladas na forma da lei.

São Luiz, 23 de julho de 1946.

Ass) Mario Xavier da Cruz
Ass) Milton Xavier da Cruz
Ass) Nery Xavier da Cruz
Ass) Maria José Xavier da Cruz
Ass) Maria Celeste Xavier da Cruz

Liquidação seguro Individual: Cr\$ 10.000,00.

Ficamos da METROPOLE — Companhia Nacional de Seguros Gerais, a importância de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) relativa ao valor do seguro de vida que nosso falecido pai ANTONIO XAVIER DA CRUZ instituiu nesta Companhia, em nosso benefício, pela apólice n. 2465.

Nestas condições devolvemos à Seguradora o certificado em apreço e damos a mesma plena e rasa quitação da quantia recebida para nada mais dela reclamar com fundamento no seguro em causa.

O presente é firmado em duas vias, para um só efeito, seladas na forma da lei.

São Luiz, 23 de julho de 1946.

Ass) Mario Xavier da Cruz
Ass) Milton Xavier da Cruz
Ass) Nery Xavier da Cruz
Ass) Maria José Xavier da Cruz
Ass) Maria Celeste Xavier da Cruz

SENHORES FUNCIONARIOS PUBLICOS: VEJAM COMO A METROPOLE TEM PROCURANDO CORRESPONDENTES A CONFIANÇA PUBLICA E A SUA PROPRIA FINALIDADE TEM A PREFERENCIA A ESTA ORGANIZACAO DURANTE NOSSA

Aphela-Rodrigues, Gerson TAVARES



ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS

MÃE

O XXVIII aniversário da Academia

A VIDA

NASCIMENTO MORAES

Doce effluvio de amor que meu peito enobrecer!
Frouxa luz vespertal que em os meus olhos adeja;
Sinto bem quanto vale a expressão desta prece:
Com que pedes a Deus que meus passos proteja.

Traga eu alma o rigor que a existência enlutece!
Traga em mão o punhal que nas trevas lampeja!
Sempre encontro em teu labio o sorriso que floresce
E eu touz olhos a luz que me anima a peleja.

Leve sem compaixão ao teu seio querido,
O desgosto fatal que tua alma depura,
Dênde sangra inextinguível o pranto colorido;

Leve embora, inocente, a ferir-te a desgraça
Que provoco, sempre és, na maior amargura,
Mãe! a mesma mulher que me beija e me abraça!



PROF. NASCIMENTO MORAES

M. D. Presidente da Academia Maranhense de Letras

Amigo leal dos estudantes

A ocupação da Minha Saudade

CORREA DE ARAUJO

Pensar em ti é a minha devoção,
Um suave dever, um mandamento
Religioso do meu coração;
Pensar em ti é ter o pensamento
No que Deus fez melhor na Criação:
Ficou em ti todo o dia, hora e momento,
Pois não pensar em ti é uma traição,
Crime de alta traição: o esquecimento.
Embora esteja em plena multidão,
Sinto, em ti não pensando, o isolamento
E a tristeza que vem da solidão;
Pensar em ti como quem no firmamento
Contempla a estrela de maior clarão,
Pensar em ti é o entretenimento
Dos mais doces! Oh! santa Ocupação!
Pensar em ti é o único Alimento
Da minha alma, o seu Nectar e o seu Pão!
Se em ti não penso, morro: o abatimento
De corpo e d'alma vem-me lento e lento,
E' o mergulho na eterna escuridão;
Volve a pensar em ti, volta-me o alento,
A vida, o amor da vida, o encantamento
E as mil delícias da ressurreição...

Pensar em ti é um gozo e um sofrimento:
Pensar que me amas: que satisfação!...
Pensar que não me queres: Oh! tormento!

Gemeo e Souhand

RIBAMAR PINHEIRO

Embora viva ao sofrimento afreito,
Trebo, entanto, apesar da vida inatma,
Orquestrações estéticas no peito
E belezas latentes dentro d'alma.

Seja o mal, do meu corpo, sem remédio,
Tragando fel, comendo amargo pão,
Como Verbalne, inspire-me no Tédio,
Em remígios buscando a Perfeição.

E esta ansia, que me impelle para Cima,
Na tortura da intermina escalada,
Faz-me, ainda mais, ao laborar a Rima,
A sensibilidade requintada.

Mas, bendito essa Dor, se o sofrimento
Constela de Emoções a Estrofe clara
E esmalta de harmonia o Sentimento
Para afirmar uma Estesia rara.

E gemo, E sonho, E é assim o meu viver,
Mas, por Deus, abençoado este Pensar,
Que me dá, entre a miséria do Gemo,
A sensação divina de Sonhar.

(Do livro "LUAR NA ESTRADA LONGA").

SÚPLICA

MANOEL SOBRINHO

(Da Academia Maranhense de Letras)

Perdida fecha do Outono,
Ave proscrita do ninho,
Esse incrível meu tédio e minha dor,
Na Sibéria mortal deste abandono,
Em que vivo, miserrimo e sozinho,
Expulso do sol do teu amor!

Mesquinho traço de espuma
Que a maré deixou na areia,
Nem podes encalar minha aflição,
Desde que me cerraste, uma por uma,
As meus rogos e súplicas alheia,
As fêrras portas do teu coração!

Seixo infeliz, deslocado
Do pináculo da serra,
Numa gruta de lágrimas roéis,
Quando, por um capricho exagerado,
Lançaste, sem remorso, ao pó da terra
Todos os sonhos lindos que sonhei!

Toda a amargura terrena
Se aloja em minha alma afilada...
Para que eu possa, ainda uma vez, sonhar,
Rasga, por compaixão da minha pena,
Ao meu desterro a escuridão maldita,
Com uma rês de luz do teu olhar!

Ante um cadaver

ASSIS GARRIDO

Da Academia Maranhense.

Levas nos olhos tímidos, cerrados,
o vislumbre maldito da vergonha;
Ivas, no escuro, os líquidos pedaços
que cometias sobre o alvor da fronteira.

Mas, de teu rosto, os traços macerados
pelo vício do Amor, alma tristonha,
demonstram os esplendidos noivados
que toda a carne, quando virgem, sonha!

Espeihaste a voluptas, em toda a parte,
beijos, sorrisos e carícias quentes,
disso, fizeste tu comercio de Arte.

Mas, quantas vezes, oh! mulher sem nome,
sobre grandes lençóis alvinitentes,
não soluçaste de vergonha e fome!

presentes o característico espólio de ingratitude que embala o povo maranhense.
O presidente da Academia Maranhense de Letras, o genial caminhado a Academia Maranhense de Letras.

AIENAS BRASILEIRA



PRINCEZA ISABEL. -- Desenho de Claudio C. Branco. Feito ao mesmo tempo, em presença de todos os alunos do Liceu, reunidos no Auditorio, no mesmo dia.



TRABALHO FEITO EM 8 MINUTOS PELO NOSSO COLEGA LA GO BURNETT NO DIA DO CENTENARIO DA PRINCEZA ISABEL.

Quem se houver dedicado a apreciar a maneira por que está a mocidade maranhense traçando diretrizes novas no cenário cultural de nossa terra, determinando um transformação radical no aspecto desolado que ela apresentava e de milasmas que desprezava, quem se arrojar a estabelecer o paralelo entre os anos que há pouco se passaram e este, não poderá negar que o Maranhão é ainda Atenas, e que continuará sendo por todos os tempos futuros, glorificado pelo trabalho e pela honra de seus filhos.

Agremiações culturais, congregando jovens venturosos, têm surgido e, maior do que nunca, o entusiasmo impera nos corações juvenis.

Assisti ontem no auditorio do Palácio de Educação, uma in-

estimável asserção do que a cabeleira diz.

Realizou-se uma sessão comemorativa do centenário do nascimento da princesa Isabel, na qual tomaram parte os alunos do antigo e tradicional Liceu Maranhense, e eu, acidentalmente lá estava e, para ventura minha, assisti-a.

Eu heure, acaso, acontecimento que civesse marcar época nos annos estudantis do Maranhão, foi aquela soberba exhibição de inteligência, de primor, de cultura e de arte.

A mocidade estuante de patriotismo quebra o ambiente com um misto de graça, de ternura e de civismo, trazendo a platéia num enlevo constante e despertando novos e sublimes sentimentos em todos os corações.

Depois do substancioso trabalho do professor Nascimento Mera's, mérito orientador da mocidade de Atenas, — trabalho que foi uma censura formal à monarquia e um protesto contra o epíteto de Redentora que se atribue à princesa Isabel, no qual o venerando mestre afirma as leis antecedentes à lei Aurea foram sempre bur-las feitas aos abolicionistas, e que esta foi um fenómeno social decorrente da luta contra o Paraguai e da campanha desambrósia dos abolicionistas, como Nabuco, Rui Barbosa e o insigne preto José do Patrocínio, "o maior tribuna do Brasil em todos os tempos", e que a assinatura da Princesa Isabel significava a vitória do ideal filantrópico sobre o trono escravocrata, cujos nomes numerosos variados: discursos, recitativos excediam ao plano e ao violino pinturas e cantos.

Os discursos de Timar Arrufo, Walter Silva, Daves Falcão e José Naveis, este de improviso, foram trabalhos admiráveis pelo lavor, pelo qual perfeição, onde os filantropos ilicéistas zunham as primícias

de suas inteligências, revelando-se houve beltristas exímios maneiradores do nosso idioma.

Elmar Figueiredo, Maria da Graça Jorge e Iolete Resende encantaram o auditorio recitando, respectivamente, Vozes d'Africa, Pátria Brasileira e Libertados, esta ultima da lavra da jovem liceista Jacqueline Helny.

Reginaldo Teles e o professor Mata Roma, diretor do estabelecimento, recitaram belos versos de sua autoria, os do primeiro sob o titulo Drama do Passado e os do segundo, o Negro e a Princesa.

Numa interpretação exhibitiva de arte, o jovem Claudio Castello Branco e Laro Burnett, exaltaram o auditorio, demonstrando respectivamente, Retraimento da Princesa Isabel e uma alegoria: O Negro Libertando-se.

As execuções de Maria Regina Eliva ao piano e José Luis Pimenta ao violino, acompanhadas pela aria, Fado Tribos, e numeros de canto de Walte-lina Telles, do Sousa e Ludece Furtado foram de um encantamento indizível, de uma ter-

nura e de uma harmonia incomparáveis.

Depois de ter assistido a essas quinze numeros, tanto mais variados quanto mais valiosos, ninguém se poderia manter em silencio, e todos rebuscavam termos para qualificar aquela festa. O professor Mata Roma, um dos Briares do Magisterio Maranhense, exultava.

E eu, retratado, sentia em mim qualquer coisa a que não estava acostumado. Parecia-me a mim que estava em um mundo novo, em regios paradisíacas de belezas e encantamentos, cercado pela luz da inteligência que se repartia em raios de am e de cores.

Vi naqueles impetuosos jovens o ansio insuperável, a disposição inabalável para a luta pela vitória da inteligência, vi que:

"Novos céus querem ver, miríflcas belezas; Querem também pensar, traseiros e riquezas. Como estas náus que tem galhardetes e mastros".

S. Luiz, 28/7/46.

Manoel D. Lima

Um judas de carne e osso

Quem visse o comendador Augusto César Marques confortavelmente instalado em vasta cadeira de rodizio, confortando a espalçada carteira em ferradura atchada de papéis, junto ao balcão de sua farmácia, sob o patrocínio do honroso diploma da Ordem da Rosa ricamente emoldurada, atendendo numerosa clientela e sobre tudo aos sistimáticos palestradores, difficilmente poderia conceber houvesse sob toda aquela circunspecção um espirito altamente galhofeiro, pilhérico, capaz de pregar excelentes peças aos santulhenses.

Ora, que havia de dar na esbaca do comendador, no rabado de aleluia de 1838? Uma ideia verdadeiramente original: a de fazer do Esquiqui, escravo magro e retinto, distinguído na farmácia com o suave emprego-

da levar garrafas, um Judas autêntico.

Para isso, chamou-o por volta das 12 horas da tarde, sábado, ao seu quarto e, apontando-lhe um monte de roupas e anexos, mandou que se vestisse.

— Não é que o senhor seja um Judas ou o próprio Judas — pregava muito sério o comendador ao Esquiqui, com o carinho paternal de um ensaador e enquanto, já de botas e calças, o ajudava a calçar, corpo migro a dentro, a ampla sobrecalça com que esplendia nas solenidades de Atenas. Não longe de mim tal nefasto pensamento. Mas é que o senhor vai representar o papel do discípulo traidor, e que papel é e preciso ver como se comporta, pois, como lá dia o velho exemplo do João Ribeiro, "uma palavra, um gesto, basta para de-

nunciá-lo". Vejá! O senhor vai passar uma hora de ablu-a imobilidade, sem tugar nem muar. Cuide para que não lhe sobrevenhiam acessos de tosse, espirro, soluços, chancas ou similiares manifestações reflexas.

E para remate, numa voz digna de Barroco:

— A Farmácia Marques, e po-ra que o seu auxiliar Esquiqui saiba cumprir o seu dever!

O Esquiqui ouvia soucias recomendacões com um sorriso malicioso. Não lhe eram necessarias tantas para que se dessemphasse a contento do papel, acima da expectativa. Escravo de estimação, do comendador, já de lá muitos annos, confidante de suas aventuras galantes com as creoulas ninguem neither sabia que recommendações de vellos valiam promessa de gordas propinas, e porisso se preparam para o papel.

Em seguida á sobrecalça, a cartola e as luvas; depois, um bigode e barbas post'cas que lhe distarlassem, as feições e por último, um chicote na mão direita.

Quantos, transeuntes e palestradores, vissem, pelas onze horas, na farmácia aqua vulto carregado por um escravo, nem de leve duvidariam, atentas a completa imobilidade e rigidez com que se mantinha, não estivesse ali de facto um Judas autêntico de sabado de aleluia.

Chegado á tripeça, em frente á igreja, foi instalado, passando-se-lhe uma corda ao pescoço e uma de aço, para maior e melhor aspecto de enforcado.

Durante uma hora, ficou exposto á curiosidade publica. Os mil'ques rodeavam-no, anstos por chegar o instante de desancá-lo a pauladas, para abstar-lhe o espólio.

Era em verdade um Judas maravilhosos, representando impe-

cável o papel que lhe confiara o comendador.

Este, de sua vasta carteira de rodizio, espiava a marcha de pena que ia pregar aos cidadãos e aos muleques do S. Luiz.

Rompem afinal, festivos, os sinos do Carmo, as aleluias! O bando de muleques cerca-o apressa-o, com indivíduos intul-tos agressivos.

Não, oh! céus! o Judas movimentava-se, devenc'ha-se da corda e, com o chicote em mão prepara-se para defender care a pele.

Detto aos leitores imaginar a que foi essa debandada, bargo do Carmo agora, dos muleques que por tal surpresa não esperavam enquanto o comendador ria e bandeiras despregadas.

Devo o informe ao velho amigo... A. P. F., ao tempo em pregado na farmácia.

Atenas, 10/8/46.

I. O.

GINÁSIO "TEIXEIRA MENDES"

História do Ginásio "Teixeira Mendes"

Grandezas da Terra AMAR

Hector Aquino Carraño

4.ª série

Ginásio "Teixeira Mendes"

MARIA ANUNCIACÃO SOARES

4.ª Série — Ginásio "Teixeira Mendes".



PROF. BOLANO RODRIGUES
Diretor do Ginásio "Teixeira Mendes"

A 25 de outubro de 1931, os professores Francisco Bolano de Oliveira Rodrigues, Lauro Pastor de Almeida e Milton Pádua fundaram nesta cidade de A. Luis, capital do Maranhão, o estabelecimento de ensino primário e secundário a que deram a denominação de Ateneu "Teixeira Mendes".

Em 1.º de novembro do mesmo ano, funcionando no prédio 100, sito à rua Rio Branco.

Em junho do ano seguinte obtém Inscrição Preliminar. Visando sempre a educação moral e cívica dos seus alunos, o Ateneu, nas pessoas dos seus diretores, não mediu sacrifícios para se apresentar de modo a satisfazer as exigências do ensino moderno, por isso que, podemos afirmar ser o único estabelecimento de ensino no Maranhão que possui quinze gabinetes de Física, Química, História Natural, Botânica, Radiologia, Geografia, bem como a melhor biblioteca. Mais tarde, os diretores de Ateneu — hoje Ginásio "Teixeira Mendes" — viram-se obrigados a criar um internato, dando o número de pais residentes no interior do Estado que vinham confiar os seus filhos sob orientação da mocidade.

Faltava, ao Ateneu, apenas um prédio próprio. Foi o prof. Francisco Bolano de Oliveira Rodrigues quem o conseguiu e hoje funciona o Ginásio "Teixeira Mendes" no prédio 359, localizado no Parque Urbano Santos. Possui completo aparelhamento destinado à prática dos exercícios de Educação Física, que não ministrados de acordo com o que estabelece a legislação.

Hoje, somente o professor Francisco Bolano de Oliveira Rodrigues dirige o seu estabelecimento, visto ter o seu companheiro de trabalhos se ausentado para a capital do País, onde exerce o magistério.

Em 1.º de novembro de 1933, este diretor concorda com a devida para com a mocidade estudiosa, são provas incontestáveis as turmas de alunos que tem enviado às Academias Superiores do País. Em 1938, mais uma vez este educandário teve oportunidade de mostrar os conhecimentos que transmite aos seus alunos, quando estes, foram os únicos classificados da Mariliana Intelectual que se realizou naquela época, por iniciativa do Ministério de Educação e Saúde Pública.

Funcionava este educandário apenas em um turno: diurno. No início de 1943, porém, o professor Bolano Rodrigues teve a feliz ideia de criar o turno de noite, abrindo, desse modo as portas do ensino à mocidade que durante o dia se vê presa dos seus deveres de chefe de família e outros impositos pelas variadas circunstâncias. Assim, pois esta mocidade na ânsia de adquirir novos conhecimentos, ingressou neste novo caminho que lhe foi apontado. Durante o período letivo de 1943, tivemos apenas uma turma: a primeira série, cuja matrícula foi de cinquenta alunos. No presente ano, já duas séries existem, contando um número de 150 alunos.

Mais do que nunca no decorrer da vida, estende-se tanto a perplexidade em que vive o homem, ao contemplar (Mesmo sob uma voragem de ignorância), os acontecimentos, digamos, fenomenais já que se saboreiam a Física, Química e Biologia.

Com uma impoência própria e de um dinamismo especial, comanda esse incompreensível Estado Maior de magnitudes da per maravilha, a terrível Bomba Atômica, produto da análise da que nem micro partícula, que, como o próprio nome indica, a contrariou por alguns segundos. Como parte integrante, do referido Estado Maior, citamos como oficiais mais graduados, deixando de lado, porém, de considerarmos os que consideram ou não a humanidade e consequentemente a cada um de nós: o microscópio eletrônico altamente um dos mais mercedores de um átomo atômico e cristalino como o da Bomba Atômica. Ele é certamente de um valor muitas vezes mais acentuado, do que o que lhe atribuímos nos estudos do secundário e de um modo geral quase todo mundo, pois, atualmente do pequeno ao grande, cada qual em sua giras, haverá de dizer ou já há muito disse o que eu quis dizer. Comparo-o com um Bartolomeu Bueno que se não decepcionará com os fatos posteriores: este foi em vão o caçador audaz das maravilhosas pedras verdes, aquele será o caçador feio das extrínsecas infinitamente pequenas e jamais será decepcionado pelas transformações químicas que ali se processam. Outra novidade de proporções gigantescas, é o Radar, o mago aparelo que tanto fez sentir os seus maravilhosos efeitos, lançando-se trepidamente pelos céus afóra, a seguir fielmente os mandamentos do homem. Isso não bastou, ainda sedento o homem resolveu romper os espaços siderais e enviar a sua essência etérea, às crateras da lua, sedento ainda continua. E por muito continuará.

As vitiminas, as antioxininas, os diversos hormônios e a penicilina, são todos ingratamente oficiais de destaque de nobilíssima estirpe.

Os gigantes do ar, os gigantes da terra e os gigantes do mar: aviões, aranhas-céus e navios, são desparadamente empreendimentos heróicos que subjugam a natureza.

Coriscos, agora perguntemos: qual das cidades grandezas é a mais portuária em face da terra? o homem, este sim, é incomparavelmente a maior de todas elas; não foi cidade, pois sem a sua existência, a sua mão

Amar! Palavra linda,
Dita por um amante,
Ou mesmo quando vinda
Da boca dum instante.

Amar! ventura infunda,
Para quem lá distante
Da Pátria, vê ainda
A terra deslumbrante.

Recorda docemente
Do lar, toda amada
Dos filhos o carinho

E fica impaciente
Sentindo já na idade
A falta de seu ninho.

de obra e a sua inteligência, de todas elas sem exceção de uma, restaria só e unicamente o nada; eis é aí, podemos dizer como a mais pura das verdades, mais que o alicerce das demais. Deste ar citadas até as que não foram citadas, das mais refúgios as que, para nós que não as analisamos se nos apresentam quasi obscuras. Para restringirmos o significado da palavra "homem", como o assunto tem o permite, transformemo-lo pelo nome de cientista. Transformemo-lo neste outro que qualifica ações que poderão sorrir, com um sorriso chato e modesto, ao ouvir de um célebre frase do grande Spencer: "Aquelles que nunca penetraram nos domínios da ciência, são cegos ante a grande poesia que os rodeia".

perfeite cruetante que, no homem, é a saudade. Quanto mais este procura escondê-lo, mais e mais se apresenta à vista de todos.

Saudade!... que é a saudade?... não podemos defini-la, porém, o fará a contento, todo aquele que já experimentou a grandesa de um minuto feliz, todo aquele que guarda no coração amargas e doces reminiscências de um passado venturoso, todo aquele que tem, na alma, a cicatriz de um amor que é impossível olvidar.

Afinal, que é saudade? como definir tão profundo sentimento? Responde, coração amante, só tu serás capaz de fazê-lo.

Terezinha de Jesus Guimarães,
1.º ano normal

Saudades

Saudade... sofrimento alor que o cérebro não sabe definir e sim, o coração.

A saudade faz viver no presente aquilo que foi vivido no passado; faz muitas vezes com que as lágrimas, covardemente, bailem em os nossos olhos, dando a entender ao mundo a sua existência no coração daquele que sofre.

A saudade é como que um perfume retido num vidro. Neste, basta que alguém lhe tire a tampa para que o perfume se revele; naquele a melancolia, o tédio, o desgosto se engarrafam de tirar do vidro, que é o coração, o

"Alvorada", felicite a mocidade estudiosa do Ateneu Teixeira Mendes, desejando-lhe um grande futuro nas letras brasileiras.

Café Mineiro — Um café diferente...

Torrado em aparelhos moderníssimos, a ar comprimido, oferece uma bebida pura e aromática

O CAFÉ MINEIRO é uma taça de delícias e prazeres para o paladar

— CAFÉ MINEIRO —

TORREFAÇÃO S. JOSÉ

— DE —

Naufel & Irmão — Filial

Rua Oswaldo Cruz, 432—Tel. 11-51



CENTRO CULTURAL "GONÇALVES DIAS"

PROFANAÇÃO

RAIMUNDO CARDOSO

Bem sabes, minha Mãe, que eu te venero!
E nessa adoração que nos enleia,
bem sabes que eu seria
capaz de, um dia, — transformar o Dia
em Noite e a Noite numa Noite cheia
de luz e melodia,
para num preito deste Amor sincero,
eu te mostrar, ó Mãe, quanto te quero!...

Todavia,

Não obstante o Amor que eu considero
o Amor que me alumia,
eu te confesso, Mãe, que o Amor é mero
instrumento de Deus que me crucia
contra tudo o que eu sinto e que exagero
nos princípios da vã Filosofia,
agindo o pavor de ser Homero,
— o operário maior da Poesia,
num desejo absurdo de ser Nero,
— o Deus da Tirania!...

E nessa danação do instinto humano,
que é o mesmo instinto que conduz a fera,
ai, quem me dera, Mãe, ai, quem me dera
se eu fosse o Imperador romano...

Dentre esses homens mais nefandos, dentre
as consciências mais bárbaras do mundo,
eu quisera mandar abrir teu ventre
e, com escrupulo profundo,
examinar teu Ser, — examinar
teus Mistérios de Mãe, — para escarrar
nessa Esponja de Carne detestável
que podendo gerar outro animal,
um inseto, uma víbora, ou gerar
uma ave ou um chiscal,
gerou este poeta miserável,
que a Mediocridade imensurável
e estúpida venceu
e que os homens à guisa de reclama,
nos quatro cantos desta vida infame,
dizem que sou eu!...

TEU NATAL

A Raimundo da Silva Pereira Neto

Édo quatro primaveras de inocência,
Que hoje em sorrisos vais fazer. Agora,
Em ti floresce esse jardim de aurora,
Onde ilumina o sol da inteligência.

Em ti, palpita essa doce clemência
Que têm os passaros libando a flôra
Dos ninhos seus, em sonhos onde aflora
A primavera verde da existência.

O!h! Tudo rebenta em luz neste momento
E assim, no azul cristal do pensamento,
As nêvres romas vão florindo em festa...

E os passarinhos veem com seus beijos
Beijar na flor de luz dos teus cabelos,
A diva aureola que o natal te empresta.

MARIO SOGGA DA CRUZ



GONÇALVES DIAS

O Imperador da Lira Americana

Como reação ao marasmo que
dominava as letras maranhenses,
um grupo de jovens se reuniu,
em junho de 1945, e de-
pois de discutirem assuntos da
mais palpitante atualidade, re-
solveram fundar uma sociedade
literária.

Assim, em data de 28 do mês
referido, pelas 21 horas, reuni-
dos na casa à rua Dr. Hercula-
no Parga, n.º 474, em assem-
bléia geral presidida por José
Nascimento Moraes Filho, fun-
daram o Centro Cultural "Gon-
çalves Dias".

Fundado o Centro, estava
dado o primeiro passo.

Em 19 de agosto do mesmo
ano, às 20 horas, no Palácio da
Educação, sob a presidência do
então interventor federal, dr.
Clodomir Cardoso, foi inaugu-
rada, oficialmente, a jovem so-
ciedade.

Depois de devidamente regis-
trado no Cartório do Registro
de Títulos e Documentos, isto é,
depois de assumir a feição de
pessoa jurídica, iniciou o Cen-
tro as suas atividades, de prin-
cípio pequenas, em vista mes-
mo dos enormes obstáculos que
se lhe antepunham.

Os Estatutos preíbem os as-
suntos políticos e religiosos, e
se contribui, de maneira sur-
preendente, para que exista
harmonia entre os membros.

O Regimento Interno, que
ainda não está definitivamente
pronto, impôs, desde os primei-
ros dias, certas medidas que
contribuíram para despertar
nos jovens gonçalvinos a idéia
do dever, da obrigação moral
que haviam assumido.

No ano de 1945, não apresen-
tos, praticamente, grandes tra-
balhos. Entretanto, é bem fá-
cil justificar, tanto mais quan-
do se sabe que os primeiros dias
de toda sociedade são dedica-
dos a sua solidificação, pois, caso
contrário, ruiria, como se acon-
tecer aos inexperientes.

No dia 6 de dezembro perde-
mos um dos mais ardorosos
centristas, o jovem José Lima
de Melo, que desapareceu antes
dos 20 anos, deixando algumas
produções, que revelam bem o
seu poder poético.

Nos primeiros dias do ano

Divina Eclosão

Ao José Moraes — companheiro arrojado
e espírito brilhante.

No desconsolo atroz que tanto me contrista,
evai-se o resplendor dos sóis de minha crença;
E quando em meu deserto ingrato alongo a vista,
arqueo de aflição no horror da angústia imensa...

O rude caso, me abate o coturno de artista!
Oumbra esta razão que inda minh'alma insensai!
E então, vencido, herói serel' duma conquista,
Por ter assim cumprido uma cruel sentença...

E o poeta, exangue e só, na cruz do seu fadário,
et' edes tristonho olhando em cânticos passar
nas asas da lembrança um quadro cinerário...

Depois, erguendo a voz, num gesto singular,
eritou como a domar os páramos adversos
e ardeu numa eclosão de lágrimas e versos.

São Luiz, 4/5/1946.

AGNOR LINCOLN DA COSTA

GAIVOTAS

A' memória de Maranhão Sobrinho,
o poeta das asas.

Gaivotas do azul — veleiros do infinito,
Que possais o adeus nas asas de alabastros,
Da Saudade vós sois os luminosos rastros
Fecidos n'ampidão, que extasiado fito.

Calmas, singrais os céus, entre a espuma dos astros...
Vexas pandas do Amor — pampelros do meu grito...
Poesias trazels, como divinos lastros,
Nos remígios de luz mais fortes que o granito.

E vós rasgais os céus, sem rota e sem destino...
Bedunais vós sois do Belo auri-divino,
Enchendo a imensidão de versos e de mito...

Saudos-vos daqui, da Tenda do meu sonho,
Sentindo-me feliz, a vos ficar risonho...
Gaivotas do azul — veleiros do infinito!

ALMEIDA GALHARDO

corrente elegue o Centro alguns
sócios honorários, visto como,
no ano anterior, apenas fora
eleito o intelectual Clodomir
Cardoso.

E não parou aí. Iniciou um
programa de palestras, constan-
te, para isso, com o apoio de
inteligências como as de Bace-
lar Portela, Achilles Lisboa e
Frei Policarpo de Mutamba.

Realizou, em junho passado,
num ambiente de mútua com-
preensão, as eleições para a Di-
retoria cujo mandato, iniciado a
23 do mesmo mês, terminará no
mesmo dia e mês do ano vin-
douro.

O empreendimento de maior
vulto e que tem merecido, mes-
mo, a atenção do governo do
Estado, é a campanha da alfa-
betização, já lançada e in-
iciada por falta de sede adap-
tável. Isto, porém, tenta o Cen-
tro resolver, para o que, aliás,
tem mantido contacto com o
chefe do executivo, que mostra
vivo interesse em satisfazer os
desejos dos centristas.

Já agora o Centro conta com
27 sócios, quase o dobro dos
fundadores.

Não há, no Centro, prevenção
de qualquer espécie e com quem
quer que seja. As suas portas
se abrem para todos os membros,
não importando o credo político
ou religioso.

Fato inédito em nosso meio, o
Centro Cultural "Gonçalves
Dias" tem conseguido assien-
cia seleta e numerosa em con-
tinuas sessões dominicais. E, o
que também é interessante, tem
procurado manter contacto es-
piritual com as mentalidades
mais experimentadas que ali
compareceram.

Nas sessões do Centro, cen-
tistas e assistentes, todos têm
externado os seus sentimentos,
todos têm trabalhado pela mes-
ma causa, que é a do reconheci-
mento das nossas possibilidades
sem, todavia, relegar a segundo
plano os valores das gerações
antecessoras.

SERRARIA RAYOL

Grande depósito de materiais de construção. Madeira de todas as qualidades
e para todos os fins. Especialista em forros para todos os gostos

H. RAYOL & Cia.

Rua José Candido de Moraes, 135—Telefone: 1902

Maranhão—Brasil



Saúde

CORREA DA SILVA

Le chale pôsto aos ombros,
toda vestida de preto, encurvada,
de cabelos de neve e de rosto enrugado,
Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
volta de assistir a sua missa de todo santo dia...

É mitidinha, ligeira, qual uma cigarra,
parece até, que está correndo... Fugindo...
Com medo do sol, que enche a cidade inteira,
— casas e ruas, ruas e casas, — nesta manhã dominical,
com a sua luz gloriosa, fascinante e entusiasmadora...

Dona
Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
chega à porta do seu imponente sobrado colonial...
Entra. Sobre os dois lances da comprida escada
é rapidamente atravessada a varanda senhorial...

Agora está trancada, sozinha, no seu quarto...
(O aposento mais querido, dentre todos...
Cheirando muito a velhice e a mistério...
Cheio de imagens de santos e de moveis antigos...
Aparente que vive sempre fechado p'ra toda gente...)

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
abre, bem devagarinho, bem devagarinho a sua porta...
Tira de dentro uma pequenina chave de prata... Depois,
silenciosa, chega p'ra perto da comoda de jacarandá
e, curvada, quasi de joelhos, puxa o último gavetão...

As suas mãos fidalgas, tão brancas e tão magras,
mãos leves e lindas, mãos longas e frias,
estão tremendo... Tremendo... Tremendo de emoção...

Ela guarda, já nem sabe há quanto tempo,
naquela pesado gavetão de comoda de jacarandá,
as doas e puras e simples lembranças
do seu longínquo e inesquecível romance da mocidade...

Uma flor... Uma carta... Um retrato...

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
contém-se, lentamente, uma a uma, as suas adoradas
reliquias... Intitula a cabeça altiva... Começa a recordar...
Tempo distante... Distante... Quando era bem moça ainda...
A primeira vez em que encontrara o seu bem-amado...
Fôra numa procissão de Nossa Senhora dos Remedios...
Como eram intensamente doces, profundamente amas,
os olhos suaves e meigos e lindos, que ele possuía...
Olhos que ela nunca esquecerá... Nunca esquecerá...
Os mesmos olhos intensamente doces, profundamente azuis,
daquela miniatura, que ali estava e que ela prezava tanto...
Aquela flor... Flor já marchada... Bem perfume...
Presente que ela recebera das mãos dele,
o seu primo, "o seu primo do coração",
num passeio, à noite, no festivo mês de Junho...
Aquela carta... Velha carta... Já sem cor...
A última que ele lhe escrevera... Lá da Corte...
Ahi os seus dezesseis anos!... Era tão feliz!...
Imbrava-se, perfeitamente, de tudo... De tudo...
Diz... A horrível notícia da morte dele...
Que tristeza!... O fim... O fim doloroso e inesperado
do seu longínquo e inesquecível romance da mocidade...

Dona Maria Teresa Moniz e Vasconcelos
segura, novamente, a pequenina chave de prata...
As suas mãos fidalgas, tão brancas e tão magras,
mãos leves e lindas, mãos longas e frias,
estão tremendo... Tremendo... Tremendo de emoção...
Ela sente um arrocho no peito... Um soluço na garganta...
Fritão, pálida e gelada, desesperada, quasi louca,
abandonando, nervosamente, as suas adoradas reliquias,
ceifando-as cair, silenciosamente, ao chão,
resgata com toda a força, o pesado gavetão...
Fecha a comoda de jacarandá... Devagar... Devagar...
E os olhos enevoados, cerrando as pálpebras cansadas,
principia, debaixo de saudade, a chorar... A chorar...

UM POUCO DE MITOLOGIA

Ao meu esclarecido mestre,
Prof. Bolzano Rodrigues.

Por que não procuram lendas
te, os homens apenas da mitologia
grega, quando os mistérios
da antiguidade desejam citar?
Porque não procuram lendas
de outros povos tão diversos já
existentes nos Tempos Heróicos
para formar mitologias outras?

Por acaso, nenhuma outra na-
ção as possuiu?
Antecedentes que foram da
dinastia Hia, os Tempos Fabu-
losos da China não terão for-
necido aos homens períodos
tão maravilhosos para a forma-
ção de uma literatura mitológi-
ca?

Deixemos de lado os tempos
de Ta Yu para nos ocupar de
um período ainda mais antigo.
No ano de 3639 A. C., diz a
lenda, viveu o primeiro impe-
rador da China, Tai-hão-fon-
hi-ché. Com esse imperador
teve início o período chamado
"dos cinco imperadores", pe-
ríodo que fazia parte dos "Tem-
pos Fabulosos" do Celeste Im-
perio. Esse primeiro "Filho do
Ceu", chamado também Fen-hi,
tinha o corpo de um dragão e a
cabeça de um touro.

A China não possuía coisa al-
guma: Nem comercio, nem agri-
cultura, nem metalurgia. O
fogo ainda não era conhecido.
A escrita não existia, assim
como o tempo não era contado.
Foi esse ser mitológico que,
mais como um deus do que
como um mortal, a dotou de
tudo o que ela precisava, inclu-
sive os "espíritos do céu e da
terra", coisa considerada indis-
pensável.

Sob a sua presidência foi que
tiveram início os sacrifícios
oferecidos aos deuses.

Que é isso sendo mitologia?
Mas sem querer desprestigiar
a grega ou a troiana, a japo-
nesa ou a índia, sem querer
ofender o passado de qualquer
nação, digo achar na mitologia
egípcia um fundo mais singu-
lar que não só faz tratar para-
mente de histórias de semi-
deuses ou semi-homens, mas
também possui uma moral bem
fixada em seu intimo.

Nela, o Saturno dos gregos
pode ser substituído pelo Osíris
egípcio. Aquele é o filho do Ceu
e da Terra. Este também o é.
Nai, a deusa do oceano celeste
é a sua mãe. Oeb, seu pai.

Júpiter, o filho de Saturno, o
deus que salvou seu pai da
traição dos Titãs, não é superi-
rior ao Horus egípcio, o filho de
Osíris, o "vingador de seu pai".
Themis, a deusa da justiça
entre os gregos, é, por bem di-
zer, a imagem de Maat, a justi-
ça divina dos egípcios. Zeus, o
esposo de Themis, era o deus
que presidia todos os fenome-
nos da atmosfera. Thoth, o
esposo de Maat, era o auxílio
poderoso com que contavam os
deuses da luz contra as trevas,
era "aquele que mede o tem-
po", o deus "de toda a mensu-
ração", "o divulgador das dou-
trinas".

Cibele, a mulher de Saturno,
cede seu lugar a Tis, mulher de
Osíris.

Junco a mulher formosa da
Grecia, dará sua posição de
destaque a Selgi ou Secbet. Se
aquela possuía o pavão como
favorito, estas ultimas preferiam
o escorpião ou a leão.

Plutão era o deus dos Infe-
nos, isto é, deus do local de jul-
gamento das almas dos mortos.
Set-Tifoon era o deus de um in-
ferno maior — o deserto. E se
os mortais não tivessem para
com ele as considerações devidas,
não escapariam a Devora-
dora no Tribunal. Não era só
Osíris que decidia a sorte da vi-
tima.

Ceres, a irmã de Júpiter e
mulher de Plutão, não poderá
entregar a sua posição a Ne-
phthys (Nephthys), esposa de Set?

Iria longe se continuasse a
citar outros exemplos!
Vemos, pelas comparações
que ficaram feitas, que a mitol-
ogia grega parece talhada nos
modelos egípcios. As provas são
infalíveis!

Reza a mitologia grega:
"Apolo, deus do Sol, vencedor
da serpente Python".
Diz a egípcia:
Horus, o novo — Sol, vence-
dor da serpente Apop.

O trecho, que abaixo segue, é
um belo excerto da mitologia
egípcia que abrange desde o Im-
perio dos deuses até a vingança
de Horus: Vê-se, no belo qua-
dro, Isis pregando o respeito de
um sobrinho para com o tio, e
Thoth, o deus lunar, chamando
sobre o amor maternal.

Ra, filho de Nun, foi o crea-
dor do mundo e, portanto, o
primeiro dos faraós. Retorno,
no vale do Nilo, durante longos
anos, até que o povo conspira
contra ele. Sustento, então,
tremenda luta, ordenando a
deusa Sakhit, aquela que pos-
sua cabeça de leão ou tigre, matar
todo o revoltoso que não ju-
rasse obediência. O massacre
não teve limites. Por fim, to-
dos os que se deixaram subju-
gar foram perdoados. Para evi-
tar nova revolta abdica Ra em
favor de seu filho Shou, o deus
do ar. Shou ao céu, onde pas-
saria todos os dias na barca do
Sol.

Reina o seu filho, aquele que
constituiu as colunas que segura-
ram o céu.

Depois de reinarem várias ou-
tras personagens, sob Osíris,
que adotou o nome de Unasofir
— Onophir, enquanto rei do
Egipto, Constituiu Tebas e di-
versas outras cidades. Ensinou
ao povo a agricultura. Estabe-
leceu cultos e ritos nos outros
deuses.

Mesmo todo o governo, que faz
proceder um povo, possui have-
reiros. Foi o que aconteceu a
esse Deus. E um belo dia lá se
foi Osíris para o reino do Ocí-
denso. Set Tifoon, seu irmão,
assassina-o, esquarteja-o e lan-
ça ao Nilo para que seja devo-
rado pelos peixes.

Pense como fosse, Osíris foi
um Deus. Não poderia ser des-
respeitado. E assim aconteceu.
Os peixes não tocaram nos
seus restos mortais. Apenas um
deles, o corymbus, não o fez e,
por isso, recebeu o castigo de-
vido.

Isis, ajudada por outros deu-
ses, inclusive a mulher do assas-
sino, Ajunta os "pedaços" de
Osíris, reconstitui-lhe o corpo e
praticamente rito que o permite
viver uma "nova vida" nos
campos do Tulu.

O que Set queria era ocupar
o poder. Ocupou-o. Mas Horus
é sempre "o vingador de seu
pai". Toma-lhe o poder. Set
cai aos seus pés implorando-lhe
com paizão.

Horus quer matá-lo mas Isis
interveio.

— E teu tio!

Não raciocina Horus: pe-
gando de uma espada decepta a
cabeça de sua mãe.

Ela que chega Thoth: coloca
uma cabeça de vaca no corpo de
Isis e esta recupera a vida.

Dai para diante, todas as de-
usas celestes passam a ser re-
presentadas com cabeça de
vacas.

— Horus, que perigo correu
você! No Tribunal de Osíris, ne-
hum mortal passaria impune
com tamanho crime. Seria vi-
tima devoradora que, à resolu-
ção de Osíris, está a espera.

Horus reconhece o seu crime e
é perdoado.

Crime também seria ocultar-
se a admiração que nos causa a
extrema perfeição e beleza
desse pequeno trecho da litera-
tura mitológica dos egípcios.

Que doravante lembrem-se
os escritores da mitologia tão
rica e variada desse povo, eis o
que desejo.

Belisário Fenna Lisboa

GAIVOTA

LAGO BURNETT

Osíris branca que num vôo leve
za ondas brancas do meu verde mar!
Transpõe a barra! Parte dentro em brevíl
Leva a mensagem que lhe vou mandar!

Vôa, gaivota! Segue o teu caminho!
Rasga amplidões! Invaide o solo do ar!
Rufia as asas alvissimas de arminho!
Alça os remígios e atravessa o mar!

Corra tate céu! Transpõe esta paisagem!
Beijando espuma, arrega respirando,
Transmite-lhe, então, minha mensagem:

Leva o soluço que de mim se evade!
Beija a por mim assim que vás chegando,
E leva do meu peito esta saudade...

CONSELHO

Se V. não tosse, tome este conselho: - PEITORAL JESUS elimina a tosse,
bronquite, traqueite, etc. Se tem tosse, tome PEITORAL JESUS e ficará curado.

Farmácia Sanitária de Jesus N. Gomes & Cia.

Rua Nina Rodrigues, 23



ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO

A Ignorância e Seculos

LOUCOS

ALTERED BARROS



PROF. BATISTA LEMOS
Diretor da Escola Técnica
de Comércio

Da mesma maneira que o desafortunado cardíaco não consegue conciliar e sono equívoco não recorre ao seu vasto ambulatório para engular algum analgésico, ao poeta, para que possa dormir despreocupadamente algumas horas, faz-se mister recorrer ao gabinete, de lá trazendo uma pena e um papel e, ante último, escrever nas impressões que se lhe vão fixando na memória.

Existe, pois, a diferença de que o cardíaco, para dormir, é impedido a brincar algo no corpo, enquanto o poeta, para si, a realidade é, e é forçado a expor algo do coração.

Nesta angustiosa situação que o implacável destino que ou me vem a encontrar todas as noites.

E enquanto o leito, um dos meus falsos amigos, aguarda-me para sustentar sobre si o peso do meu corpo esquelético, eu deito-me e aqui me encontro com a caneta na mão, a rabiscar no papel, tudo o que me vem à mente atormentada e afilada.

Vejo, porém, que não será tão cedo que eu me liberte deste enfático dever de escrever, pois que, em turbilhões sinistros, como se a dança espectral de fantasmas apavorados, desfilam no palco da minha imaginação uma turba desventada dos mais dispersos pensamentos.

Uma figura promissora, porém, ocupa-lhe o centro, ora iluminada pela luz da Razão, ora desaparecida sob as trevas da Ignorância.

E esta figura central, na minha idade de adolescente, não poderia deixar de ser uma mulher.

Um claro repentino ofusca-me a visão e eu tenho a mente iluminada pela luz da Razão. Esta, fazendo uma exceção entre as demais mulheres, esforça-se por fazer-me deslizar e faltar na sua voz compassada e calma.

— Poeta! Que trevas te háo embebido a mentalidade de artista? Tu, que tantas vezes buscas a tua musa na Medusa, tens te deixado enganar puerilmente. Onde tens escondido o teu divino poder da Descrença? Onde guardaste o teu gládio sublime, que não o retiras para dar combate à Ilusão que, pois-

co a posto, eu vejo apoucar-se de ti?

Tu, que desces no próprio Deus, divinizado ocasionalmente uma mulher de quem, talvez, sejas o único verdadeiro fiel?

Tu, que viveste a força necessária para reconhecer a inexistência de uma divindade, colocaste no altar da tua sensibilidade uma mulher por ti enfeitada e hoje eu te vejo murmurando-lhe preces de devoção, numa acentuada demonstração de fraqueza. São frases imprezíveis as que balbucias. São palavras que foram hipercriticamente gastas nas conversações de amores!

O teu amor é verdadeiro! Não te confundas portanto com a turba de imbecis que se apaparam amar e fizeram com que estas palavras perdessem o seu valor. Diferencia-te deles!

Conserva-te em silêncio! E as trevas da Ignorância, invadindo bruscamente os aposentos da minha imaginação, rasgaram e destruíram o venha minioso da Razão, esvazando a minha mente.

Sarcástico fala:

— Ora! é simplesmente um homem! Nada tem de superior aos seus contemporâneos!

Aí, portanto, à sua marcial! Mente, encarnada, é dos desafortunados, torna-se um pervertido, fecha os olhos ante as mistérios que deparares no cenário da vida, jamais te apades das desgraças alheias ou por armas a Hipocrisia, a Lexandria e a Pervertência. — Estas são as armas usadas pelos homens do teu século!

Avante, pois!

Após um curto espaço de silêncio, perguntou-me numa voz propaladamente acotada:

— Sabes quem sou? Talvez não o saibas.

Chamam-me Ignorância. Eu sou nada mais que uma associação de séculos. Cada século que finda, é mais uma centelha que se vem juntar ao meu corpo, aumentando assim o meu poderio, tornando-me maior e mais forte!

E uma ruidosa atônica ficou ecoando pelo corredor da minha imaginação, como se repetindo:

— Eu sou a Ignorância e cresço com os séculos!

Barros e Barros

seus últimos momentos, recorda o que fôra a sua vida!

Filha única de um casal que habitava na aldeia de Tanpote. Tivera uma infância feliz, cercada de todo conforto e dedicação pelos seus bondosos pais que eram então muito ricos.

Ah! os seus quinze anos! Que felicidade! Conheceu aí o seu querido Paulo, o seu único amor.

Por uma diagnose havida entre os dirigentes do Centro Caxoeiro, em 23 de Agosto de 1926, os professores Mala Roma, Edmundo Fernandes, Viriato Gonçalves, Dr. Antônio Santos, Domingos Perdigão e muitos outros que formavam a ala oposicionista, naquele Colégio, reunidos, fundaram a modesta Academia de Comércio do Maranhão que, hoje, deveria ser a gloriosa Escola Técnica de Comércio do Maranhão, ostentando em seu escudo e acolhendo em seu regaço uma grande parte da mocidade estudiosa e laboriosa de nossa terra.

Este Colégio, a princípio instalado num grande sobrado da Rua Senador Costa Rodrigues e hoje fundada à Rua Herculano Parga, dirigido pelos mais esmerados educadores, tais como Douglas Smith, Raimundo Silva e José Barreira, tem dado ao Brasil o fruto do seu trabalho educacional, através das mentalidades luminosas de inúmeros contadores aqui formados.

Pela Decreto-Lei n. 6141, de 22-12-43 (Lei Orgânica do Ensino Comercial), foi-lhe mudado o nome para Escola Técnica de Comércio do Maranhão, com o qual atravessará no próximo dia 23, o seu segundo decênio de existência, que vem encontrar na sua direção pessoal trabalhadora e vestida de José Batista Lemos, auxiliado pelo magnânimo espírito organizador de Jesus Ribeiro que forma, no lado do Dr. Luiz Carter, Raimundo Silva, José Barreira, Dr. Emanuel Silva, Antônio Ribeiro, Otaciano R. Junior — e outros, a plêiade invejável que espelha emoldura ao progresso iluminado na ânsia de perfeição.

É com ele ter-se-ia casado, se não acontecesse o que aconteceu. Cruel destino!

Com apenas dezesseis anos, começara a viver da infelicidade que o destino lhe houvera trazido. Não foi vítima de terrível doença, faleceu repentinamente. Sua mãe, não suportando a dor crua da perda

Eu fui fazer uma visita aos loucos, Mas, dentre os loucos que encontrei, bem poucos Me pareceram verdadeiros loucos!

Aqui, sentado, recolhido a um canto, Um verbo negro mergulhado em pranto, Repete um nome de mulher, baixinho, Tendo na voz descomunal carinho.

Por conservar essa afecção de outrora Que tanta mágoa ainda lhe causa agora, ... Será por isto que ele seja louco? ...

Ali, uma senhora, o peito arfando, Estrepitosamente gargalhando, Não deixa nunca de sorrir, contente, Quase em contrário a toda aquela gente.

Só por sorrir durante a vida inteira, Tendo esquecido a vida verdadeira, ... Será por isto que ela seja louca? ...

E mais além, à sombra do arvoredor, Uma velhinha em pueril folguedo, Gesticulando, ela feliz se enleia Com uma boneca inanimada e feia.

Por que conserva o seu brinquedo ainda, Sem querer crer que a vida já se finda, ... Será por isto que ela seja louca? ...

Outro esbraveja, indômito, agressivo, Por entre as grades que o retêm cativo, Vociferando em cavernosa voz Contra o rigor da humanidade atroz.

Por que vingar-se espera ele, iracundo, Contra as maldades que lhe fez o mundo, ... Será por isto que ele seja louco? ...

Barbas espessas balbucando ao vento, As mãos na fronte, pensativo e atento, É um poeta a rabiscar no chão, O seu poema da Desilusão.

Por que ele escreve o magistral poema Do mais sublime e verdadeiro Tema, ... Será por isto que seja louco? ...

Não outros, homens que se julgam sãos, Com o cérebro em tumultos e escaudante, Onde borbulham pensamentos vão; Onde a maldade sempre brada: "Avante",

Por termos dos seus atos pejo ou medo, Jogamo-los pra sempre no degrado; Obcecamente rindo da verdade, Ou lamentando a sua felicidade.

Então medito, perguntando a nós: ... "Quem sabe os loucos não sejamos nós?" ...

do esposo amado, desaparecera pouco tempo depois.

Desorientada, sem saber o que fazer, lembrara-se então de uns parentes longínquos, dos quais tinha vago conhecimento. Fixara uma carta contendo-lhes o acontecido, na certeza de que iria encontrar amigos. Tal não sucedera! Os parentes intitularam-se de legítimos herdeiros

dos mortos e aproveitaram-se da situação para deixaram-na sob as garras da miséria! Paulo, o seu adorado, que seria seu defensor, fôra cruelmente assassinado pelos seus inimigos, quando tentava protegê-la.

Tudo, então, mudara em sua vida! Até de sua própria casa fôra expulsos! Por mais que (Continua na pag. 11).

A LOUCA

Hora do crepúsculo! Os últimos raios do sol ainda tingem o horizonte de vermelho dourado! Ao longe, na capelinha da aldeia, um sino saudoso bate a Ave-Maria!

Em uma pobre choupana, à beira da estrada, Alice, a louca,

MORAES & CIA.

FILIAL

RUA TANQUINHO LOPES, 272
EDIFÍCIO REQUIMAO
CAIXA POSTAL, 131
END. TELEG.:—MORAES
SAO LUIZ-MARANHAO

MATRIZ

RUA CEL. RIBEIRO, 450
PARNAMA-PIAUI
END. TELEG.:—MORAES
CAIXA POSTAL, 30

FILIAL

RUA RUY BARBOSA, 121-N
CAIXA POSTAL, 36
END. TELEG.:—FILMORAES
TEREZINA-PIAUI

AGENCIAS em diversas localidades do Piauí e Maranhão



ESCOLA TECNICA DE S. LUIZ

"SEU MANEÇO"

O Ensino Industrial no Brasil

Dulcimar de Jesus Cardoso

Nome vulgar, o de Maneço...
"Seu Maneço como lhe chama-
vam?"

Letto, se você conhece esse
Maneço, então, como eu, que
tal nome não se ajustava à pos-
sua que o usava.

Seu Maneço era de fato um
tipo enigmático, desleal, que
andava de um lado para outro
da cidade, e não vivia em vo-
das de canções, sempre remendo
a maluca, sempre chapado e
com um grande saco branco às
costas, quando não a impressão
das farras quando persegui-
do a caça. Falava pouco e
talvez por esta razão ninguém
sabia em que se ocupava.
— Você vem aqui para agra-
decer-me? (E sem esperar
minha resposta continuava bá-
lucando a caça). Menino,
você foge à regra! A humanidade
coz, esquece o almoço mal o
terminou. Veja, (e apontou
com o dedo descaído a cida-
de no longe, guardada de ca-
sas brancas dominadas pela
torre da igreja). Lá em baixo,
tudo me desprezam... Todos!
exceto você, assim o suponho.
Sabe por que? (Fez uma pausa,
e notei que respirava com tor-
ça, olhando as narinas des-
coradas). Novamente pergun-
to: o meu rosto, continua-
do;

— Eu sou a verdade; a hipo-
crisia reina lá em baixo... Você
sabe a história de Diógenes?
Pois hoje, meu amigo, se o gran-
de filósofo cético, percorresse as
ruas deste mundo em pleno dia,
como fez outrora, alumiando os
rostos sorridentes que compõe a
nossa graça, gastaria muito
asfalto e muito tempo para en-
contrar um homem de verdade,
dizem-me que este morava
no cume de um monte, próxi-
mo à cidade. E para lá me di-
gisi. Já tinha galgado boa par-
te da subida, quando avistei en-
carapado entre seixos, como
ninho de abutre, o rancho do
seu Maneço, e ali mesmo, sobre
o balcão, estava o mesmo ho-
mem, de cócoras, voltado para
o sol que se escondia, baferan-
do o seu cachimbo, com os olhos
abismados no espetáculo san-
guineo do firmamento.

— Boa tarde! (A minha voz
pareceu estranha aos meus pro-
prios ouvidos e ao Maneço, sem
humor de voltar, respondeu).
— Boa tarde! meu.

Fiquei de pé um bom tempo,
como se o homem não me tivesse
visto. Quería falar, mas
tive receio de interromper suas
reflexões e já me dispunha a
falar-me sem uma palavra,
quando olhei para o Maneço, co-
mo se os olhos fossem as en-
lutas e depois indaguei:

— Você vem aqui para agra-
decer-me? (E sem esperar
minha resposta continuava bá-
lucando a caça). Menino,
você foge à regra! A humanidade
coz, esquece o almoço mal o
terminou. Veja, (e apontou
com o dedo descaído a cida-
de no longe, guardada de ca-
sas brancas dominadas pela
torre da igreja). Lá em baixo,
tudo me desprezam... Todos!
exceto você, assim o suponho.
Sabe por que? (Fez uma pausa,
e notei que respirava com tor-
ça, olhando as narinas des-
coradas). Novamente pergun-
to: o meu rosto, continua-
do;

— Eu sou a verdade; a hipo-
crisia reina lá em baixo... Você
sabe a história de Diógenes?
Pois hoje, meu amigo, se o gran-
de filósofo cético, percorresse as
ruas deste mundo em pleno dia,
como fez outrora, alumiando os
rostos sorridentes que compõe a
nossa graça, gastaria muito
asfalto e muito tempo para en-
contrar um homem de verdade,
dizem-me que este morava
no cume de um monte, próxi-
mo à cidade. E para lá me di-
gisi. Já tinha galgado boa par-
te da subida, quando avistei en-
carapado entre seixos, como
ninho de abutre, o rancho do
seu Maneço, e ali mesmo, sobre
o balcão, estava o mesmo ho-
mem, de cócoras, voltado para
o sol que se escondia, baferan-
do o seu cachimbo, com os olhos
abismados no espetáculo san-
guineo do firmamento.

— Você vem aqui para agra-
decer-me? (E sem esperar
minha resposta continuava bá-
lucando a caça). Menino,
você foge à regra! A humanidade
coz, esquece o almoço mal o
terminou. Veja, (e apontou
com o dedo descaído a cida-
de no longe, guardada de ca-
sas brancas dominadas pela
torre da igreja). Lá em baixo,
tudo me desprezam... Todos!
exceto você, assim o suponho.
Sabe por que? (Fez uma pausa,
e notei que respirava com tor-
ça, olhando as narinas des-
coradas). Novamente pergun-
to: o meu rosto, continua-
do;

— Eu sou a verdade; a hipo-
crisia reina lá em baixo... Você
sabe a história de Diógenes?
Pois hoje, meu amigo, se o gran-
de filósofo cético, percorresse as
ruas deste mundo em pleno dia,
como fez outrora, alumiando os
rostos sorridentes que compõe a
nossa graça, gastaria muito
asfalto e muito tempo para en-
contrar um homem de verdade,
dizem-me que este morava
no cume de um monte, próxi-
mo à cidade. E para lá me di-
gisi. Já tinha galgado boa par-
te da subida, quando avistei en-
carapado entre seixos, como
ninho de abutre, o rancho do
seu Maneço, e ali mesmo, sobre
o balcão, estava o mesmo ho-
mem, de cócoras, voltado para
o sol que se escondia, baferan-
do o seu cachimbo, com os olhos
abismados no espetáculo san-
guineo do firmamento.



DR. ARGENIRO F. GAMERO
Diretor da Escola Técnica de
S. Luiz

O ensino industrial no Bra-
sil, surgiu nos albores do sécu-
lo passado. Essa grande inicia-
tiva flutuava ao sabor das As-
sembleias Legislativas que ao
nosso ver, pouco valor davam
ao ensino industrial, fator mar-
cante na atual civilização. An-
tes que iriam regularizar o en-
sino, não passaram de meros
projetos que, estudados à luz da
realidade, não correspondiam à
expectativa de uma aprendiza-
gem bem orientada e produtiva.

Os meios de aprendizagem
eram empíricos, grosseiros, sem
métodos adequados a cada ramo
do ensino proposto ao candi-
dato; daí, surgiu o trabalho
manual, inferior e deprimente
para a indústria nacional.

O novo belo e riquíssimo tor-
ção, em cujo solo repousam a
marinha e hematita e o alúmen,
minérios ricos em ferro, não foi
naquela época, explorado para
dar aos altos fornos o seu filio-
tão cobigado pelos outros povos.

Para a metade do século
passado, 1856, surgiu no Rio de
Janeiro sob os auspícios do ar-
quiteto Francisco Joaquim Bit-
tencourt da Silva, um grande
entusiasta do ensino profissio-
nal, o Liceu de Artes e Ofícios,
obra da Sociedade Propagado-
ra das Belas Artes.

Regularam-se outros Liceus
cujo programa de ensino, se
não foram perfeitos tiveram
uma orientação mais conscien-
te, no sentido de melhorar os
conhecimentos dos nossos ope-
rários; neles, havia os seguintes
cursos: alfabetização, marcenaria,
ferraria, encadernação, marce-
naria, tipografia, desenho e pin-
tura. Prestamos aqui as nos-
sas homenagens aos Padres
Salesianos que fundaram o Co-
légio de Artes e Ofícios Santa

Rosa, em Niterói, no ano de
1883, hoje denominado Escola
Industrial Dom Bosco.

Foram criadas nos arsenais,
na "Companhia de Aprendizagem
Artífices", para fomentar o en-
sino especializado, no intuito
de renovar o espírito rotineiro
dos operários que lutavam
nas oficinas. Não era uma
aprendizagem metódica, enci-
clista, mas, deu ao país, vários
operários que muito contribui-
ram para o melhoramento das
nossas indústrias. As "Compa-
nias de Aprendizagem Artífices"
foram extintas em 1899, dando
lugar à criação, dez anos mais
tarde, das Escolas de Aprendizagem
Artífices, por Nilo Peçanha, em
Decreto n. 7.566, de 23 de se-
tembro de 1909.

Nilo Peçanha, o grande esta-
dista brasileiro que procurou
resolver esse magno problema,
assim como outros reclamados
pelas necessidades públicas, em
apenas dezesseis meses de sua
investidura, disse certa vez:
"Se eu tivesse sido Presidente
da República, depois de tornar
da Europa, em lugar de haver
criado uma Escola em cada um
dos vinte Estados do Brasil, te-
ria criado vinte em cada um".

Em 1920, sofreram as Escolas
de Aprendizagem Artífices uma re-
modelação. O então Ministro
da Agricultura, dr. Simões Lo-
pes, dotou-as de melhor apa-
reilhagem, seguida de uma
orientação técnica a par da pa-
lização de obras de ensino
profissional. A matrícula nas
Escolas atingiu a 6.000.

A revolução de 1930, foi a se-
mentira onde germinou a le-
gislação social ao trabalhador
das oficinas. Foi o clima pró-
prio que impulsionou o ensino
industrial e técnico ao nível em
que chegou. Foram criadas as
Escolas Industriais e Técnicas.
O Decreto-lei n.º 4973, de 30 de
junho de 1942, deu ao ensino
profissional uma nova organi-
zação. A Lei Orgânica do En-
sino Industrial fixou e definiu

as normas gerais dentro das
quais as novas Escolas Técni-
cas e Industriais padronizam
os seus cursos. A Lei Orgânica
discrimina quatro tipos de es-
talecimentos de ensino indus-
trial: as escolas artesanais, as
de aprendizagem, as industriais
e as escolas técnicas.

A legislação nacional do en-
sino industrial, é longa. A ex-
posição de motivos apresenta-
da ao então Presidente da Re-

pública, Dr. Getúlio Dorneles
Vargas, pelo Ministro da Edu-
cação e Saúde, Dr. Gustavo Ca-
poeira, revela a intenção de
dotar o país, com uma obra,
digna dos alherces que recebeu
no governo Nilo Peçanha. Ou-
tro balizador que sempre es-
teve de atalaia é o atual Diretor
do Ensino Industrial, o dr.
Francisco Monteforte, a quem
muito deve a sociedade estudo-
sa que frequenta as Escolas
Técnicas e Industriais do País.
Para dar uma pequena amostra
do desenvolvimento do ensino
industrial no Maranhão, basta
afirmar que a Escola de S. Luiz
diplômou a maior turma de ar-
tífices, em 1945.

Nossa Terra ficou dotada de
uma Escola Técnica, onde são
ministrados os cursos seguintes:

— Industrial Básico, realiza-
do em quatro anos, com um de-
senvolvimento intelectual equi-
valente ao do curso ginasial, re-
cebendo os concluintes o di-
ploma de artífice, com uma das
seguintes especialidades: Ar-
te do Couro; Alfabetização; Ser-
viliária; Marcenaria; Mecâni-
ca e Máquinas; e de Máquinas e
Instalações Elétricas;

— Técnico, correspondendo ao
ciclo de Colégio (Científico),
com os seguintes cursos: Desen-
ho de Arquitetura e de Ma-
quinas; Desenho de Máquinas e de
Eletrônica; Construção de
Máquinas e Motores; e Electro-
técnica.

Concluído o Curso Técnico
pode o diplomado candidatar-
se aos exames vestibulares nas
escolas de Engenharia, no ramo
correspondente à especializa-
ção, levando a vantagem dos
conhecimentos práticos adqui-
ridos nas oficinas.

Está, pois, de parabéns a
Moçada estudiosa de Atenas, por
encontrar na Escola Técnica
de São Luiz um abrigo para o
Estudo e para o Trabalho, com
professores que conduzem os
nossos jovens na trilha sagrada
do Dever.

Argemiro Freire Gamero

PINGOS D'AGUA

SUAREZ PINTO CAVALCANTE

"Pingos d'água que assim, bulhendo a noite inteira,
Sobre a tina um a um, detentos vão cair,
Pranto que não tem fim, correndo da b'queira,
Uma cadência tal, me impede de dormir;

Que torturas me traz, que magua verdadeira,
Que saudade em meu peito acorda e vem bramir
Ouço na voz do vento a frase tão ligeira
Once o teu doce nome eu fico a repetir.

O relógio bateu dizendo alvarelho
Da meia noite o fim, a hora derradeira.
E o velho amor de outrora o meu sonho primeiro

Resuscitou! Tal qual, a noite de chuva.
Dos meus olhos pingando iguais como a b'queira
Lágrimas vão cair por sobre o traveseiro.

LOJAS RIAN — As LOJAS RIAN previnem a
sua clientela que ac... recebent e id a para todos e far amentos colegiais.
Estudantes vejam sempre os preços das populares LOJAS RIAN
antes de fazerem as suas compras.

LOJAS RIAN — Rua O. A. de Cruz, 208 — FONE 1234



"E" chegada a hora de provarmos se somos sacerdotes ou comerciantes do ensino."

Disse o Dr. Newton Paiva Ferreira falando á reportagem do "Estado de Minas" por ocasião do II Congresso de Professores Secundários.

A reportagem abaixo, transcrita do "Estado de Minas" devemos à colaboração da nossa ilustre ex-colega Lenir Silva Ramos, aluna que esteve no Liceu até o ano passado, cursando, brilhantemente, o segundo ano Científico.

A Lenir, "Alvorada" agradece a valiosa colaboração e espera sempre encontrar-lhe o dedicado e dedicado curso.

...

"O Congresso de Estabelecimentos Particulares de Ensino vem tendo a mais ampla repercussão em todo o país. Assuntos de transcendente importância estão sendo debatidos e vão logrando soluções convenientes aos interesses da organização pedagógica brasileira.

Sabedores de que o dr. Newton Paiva Ferreira, diretor do Colégio Anchieta que é o de maior frequência da Capital, iria apresentar importantes e oportunas proposições ao comitê ora em realização em Belo Horizonte, decidimos ouvi-lo a respeito.

O jovem educador, que já tornou fixar o seu nome entre as grandes figuras de expressão do magistério mineiro, prontamente nos atendeu. A nossa primeira interpelação, respon-

— Realmente, estou empenhado em levar para o palco da discussão do Congresso assuntos essencialmente práticos que dêem ao ensino em nosso país uma característica definitiva e patriótica. E sou dos que pensam que esse problema, o mais transcendente de todos os problemas brasileiros, merece uma solução adequada e varada em fundo radicalmente democrático. O ensino secundário, tal qual vem sendo ministrado em nosso país, é um privilégio de classe. Os ricos logram a ventura de educar-se. Quantas vocações autênticas se perdem pela impossibilidade económica! Equan-

to isso, os Colégios estão cheios de meninos privilegiados que têm verdadeira idiosincrasia pelos livros! Reputo esse fato altamente criminoso. Numá democracia, todos devem ter direitos iguais à ilustração do espírito. O ensino primário não basta à formação de um povo progressista e empreendedor. Sem a educação secundária em massa, para aqueles que realmente possuem condições de aprendizagem, não será possível colocar o nosso país em pé de igualdade com as grandes potências mundiais.

— Objetamos que o assunto é com plexo e de solução difícil.

— Não me interloca rapidamente redarguiu. Absolutamente, a solução dependerá da atitude de compreensão dos atuais dirigentes dos Colégios brasileiros. E' chegada a hora

de provarmos se somos sacerdotes ou comerciantes do ensino. Bastará que os diretores não oponham óbice ao equacionamento da questão. A verba necessária será facilmente conseguida. Quem, porventura, se negará a pagar um imposto especial que assegure a educação de sua prole? O governo não cria impostos à vontade? Elevará os impostos de renda, de selo e de consumo, numa pequena quota, intangível, destinada exclusivamente à educação de escolas primárias e secundárias, onde houver núcleos de população escolar. Criará um imposto sobre o capital registrado das firmas comerciais e só com este voto trarão acentuada quase metade do atual orçamento da República. Aplicará o seu de educação na sua exata finalidade. Com essas providências, o Governo estará financeiramente aparelhado para a execução desse plano heroico que rasgará perspectivas inabarcáveis à grandessa de nossa Pátria.

— E os atuais Colégios, perguntemos.

— Esses nada sofrerão. Seus professores serão pagos como precisam ser: muito bem, quer sejam leigos ou religiosos. A mesma coisa aconteceria a seus diretores. Os Colégios que dispõem de instalações próprias seriam arrendados ou adquiridos pelo Governo, a critério das partes interessadas, respeitada a vontade dos proprietários. As despesas extraordinárias seriam anualmente fixadas e empenha-

das pelo Governo. A medida que se fossem realizada. Os abusos seriam punidos com as penas de lei. Os Colégios serão distribuídos de acordo com um padrão previamente fixado. As congregações religiosas que tantos e tão arduos serviços têm prestado a nosso país e que devem interceder todo o amparo e acatamento, teriam o ensejo de disseminar mais rapidamente, e como maior facilidade, e por todo o país, suas magníficas doutrinas.

— E a orientação educativa dos Colégios?

— Caberia aos próprios Colégios. O governo só faria a administração económica através dos diretores. Permaneceria o atual regime de fiscalização, com uma legislação adequada — organizada pelo Ministério da Educação com a colaboração imediata do Sindicato Nacional dos Diretores de Estabelecimentos de Ensino.

Vê, pois, o caro jornalista, que essa ideia, que não é minha, mas que é uma tendência natural dos tempos modernos, poderá prontamente ser executada. Tanto isso é verdade que um dos candidatos à Presidência da República, nas eleições passadas, fez incluir em seu programa de governo essa patriótica iniciativa, que não é sonho de gigante, nem utopia.

— A seguir, queríamos saber do diretor do Colégio Anchieta quais suas medidas em favor dos professores.

— Desde que assumi a direção do Colégio Anchieta, tenho-me batido pela melhoria de vida dos professores. Eles sabem disso. O educador deve ser o mais honesto e digno dos profissionais. Mas é um ser humano

com todos os problemas sociais e económicos dos demais viventes. E' livell tentar zimbá-los com a aureola do martírio. Eles precisam de viver, não se alimentam só de ideal. E' necessá-

rio que o professor ganhe o suficiente para uma vida folgada, sem dissapões. Nem tão pouco será permissível que o professor tenha que dar oito ou dez aulas por dia para sustentar sua grei. Qualquer solução do problema do ensino, sem atender a essa parte, será empírica. Além disso, é justo que se examine a situação do mestre de prole numerosa, na generalidade, do bom cristão. Esses merecem atenção especial e é crucial que se lhes conceda um abono de família. Até que se resolva sobre a gratuidade do ensino, torna-se indispensável que os diretores de Colégios, através de seu importante e majestoso congresso, solicitem ao governo medidas que melhorem desde já a situação dos professores. Os pais — nossos pais e devotos colaboradores — não podem continuar vivendo em situação de apertura. Se isso ocorrer, jamais teremos bom ensino, concluiu o dr. Newton de Paiva Ferreira.

CRONICA SOCIAL

A cidade, cansada, recebeu mais cedo, enquanto os velhos bondes se arrastavam, pedindo, pelas ruas sinuosas, como um traço no intimo uma história de sofrimentos e lutas infindáveis...

Todavia, o jovem pedulário permanecia insone, a esbanjar saúde e economia no "bebedouro publico".

Era um moço bonito e bem trajado. Sua alma, porém, perdera todo o vigor da mocidade, não se influenciara, estupidamente, pela corrupção da época em que vivemos. Não possuía mais a grandeza moral e espiritual das lições que recebera.

A moral social, para ele, era velharia e o respeito à sociedade era preconceito e nada mais.

Não fora a missa na manhã do domingo... Não elevava o espirito ás alturas siderais onde passava o pensamento...

Nada disso, porém, o aturcia, porque a cegueira do instinto subvertia-lhe o senso, destruiu-lhe a compreensão.

Esquecera-se o jovem de que a homem, na terra, deve respeitar



O quadro do Liceo — Campeão do Torneio de basquet, no DIA DO ESTUDANTE

tar a sua própria personalidade; de que ao lado do material e transitório, a superposta a fé está o imaterial, eterno e imutável. Esquecera-se de que existe um outro plano da vida, mais belo, mais nobre, mais alto, onde os erros da terra são punidos, onde o cadinho da purificação espiritual impõe dores e sofrimentos medonhos.

Esquecera-se o jovem de que o comportamento moral de cada um depende a paz da pluralidade, dos homens e dos povos, e a grandeza da Pátria e da

Civilização.

Não é culpa sua, — sabemos, — mas é tempo, ainda, de parar os erros das gerações que nos assistem, analisar o João do tipo, concorrer para o desenvolvimento moral da mocidade.

E este é o papel dos moços na história de todas as Patrias grandes, de todos os povos livres, onde o pensamento ainda vive e palpita livre de tiranias e opressões.

22/7/44.

J. Vello-Cruz

RECORDAÇÃO

Tudo em Ilhamar era alegria!

A tarde estava tão bela que parecia desejar também saudar o rei dos pescadores.

A voz do bronze fez-se então soar, convidando os fiéis a acompanharem o chaveiro do céu até a praia, onde o esperavam embarcações de todos os tipos e tamanhos, todas ornamentadas de um modo singular, porém que diziam bem do perlo do contentamento em que se achavam as almas simples dessas berças do mar — OS PESCADORES.

Com o forte papete católico de Ilhamar, atendeu ao apelo do sino e assim S. Pedro foi acompanhado até a praia por uma multidão heterogênea, porém irmanada pelo mesmo sentimento — PE.

O apóstolo de Cristo foi levado então para o barco principal, juntamente com os músicos, sacerdotes e freiras.

Nas outras embarcações a multidão seguia-o.

Foi nessa hora que se desco-

linhou um dos espetáculos mais sublimes com que a natureza nos pode brindar. Uma infinidade de barquinhas de velas multicores partiram em direção ao porto do "Barbosa", curvando-se foguetes estorarem e os mais belos canticos em honra ao glorioso S. Pedro.

Como tudo era sublime e divino naquele momento...

Quem não tem sentido todo o esplendor dessa tarde, em que tudo nos convidava a meditar sobre a doutrina de Jesus? E foi por isso talvez, que eu esquecida das misérias humanas, fiz votos de perdoar a todos aqueles que me querem mal, repetindo batzinho as palavras do nosso Redentor: "Ama ao próximo como a ti mesmo".

Yolanda Tereza Bastos,
4ª série - Cinzaal.

LEIAM "ALVORADA", O ORAO ESTUDANTAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NESTE ESTADO, BATALHADOR DAS CAUSAS JUSTAS, DEFENSOR DOS NOSSOS DIREITOS E REPRESENTANTE MAXIMO DE UMA NOVA OPERAÇÃO QUE SURGE.

Assim é que se faz sucesso!

Para a sua elegancia, para o completo exito das suas apresentações sociais, adquira tecidos das "LOJAS RIANIL!" as "LOJAS RIANIL!" tem uma experiencia de largos annos, á serviço da elegancia feminina. Assim os tecidos das "LOJAS RIANIL!" levam, desde a escolha, uma garantia que não pode ser oferecida pelas organizações congêneres, LOJAS RIANIL!



Colégio de São Luiz

Co traste da Vida de dois Irmãos

No centro de um vasto campo entre diversas árvores, sobressai a mais corpulenta e de melhor copa.

Chico Preto ao encontrá-la disse à sua esposa: — Eis aqui o lugar destinado ao nosso filho. Ambos deram início às suas atividades, e construíram ali sua moradia, confiantes de que estavam fora de qualquer perigo de assaltante.

Nasceram finalmente seus filhos, eram dois lindos passaros! Quando o dia iniciava, suas diligências, Chico e esposa lançavam-se ao ar, e percorriam campos e campos à procura de qualquer alimentação para os seus filhotes; assim levavam o dia nesta tarefa. À noite sua esposa pousava sobre eles, ocultando-os dos ventos frios e do sereno. Chico pousava em um próximo galho, vigiava-os como sentinela incansável. Certo dia em uma bela manhã, enquanto ambos procuravam a fastidioso, o filho do Camponês penetra na sua habitação e leva consigo um de seus filhotes. Chico ao chegar avistava-lhes a quem comer, nota de repente a ausência de um deles; chama a companheira e comunica o ocorrido. Ambos o procuram pela vizinhança, lamentam a sorte, tornam-se inquietos, chamam-no mas nenhum sinal de vida.

Mouve uma tristeza de repente. Estavam quasi loucos, mas a certeza da inocência e a esperança na justiça os confortam.

Daquela manhã por diante foi condenado a prisão perpétua o pássaro furtado. Dias passam, dias chegam...

Eis a época do voo.

O pássaro livre deixa seu ninho e alinha-se ao infinito, confiante nas suas fracas asas e em seus poderosos pés, enquanto o preso de asas cortadas salta de canto a canto da lóbrega prisão.

E chegou o tempo de gorgeio.

O romper do sol no horizonte, desperta os desconhecidos irmãos. O livre anuncia o dia com sua alvorada cheia de alegria, enquanto o condenado relata sua tristeza com um gorgeio abafado e cheio de amargura.

O pássaro livre, pisa de galho a galho movimentando as longas e pretas asas nos ares infinitos, explora campos através de campos, diverte-se com seus compa-



PROF. LUIZ RÊGO
Diretor do Colégio de S. Luiz

Fundado em 1935, pelos professores Luiz Rêgo e Luiz Viana, a partir de 1937, passou para a direção única e eficiente do Professor Luiz Rêgo.

Funcionou a princípio no seculo sobrado à rua Rio Branco, logo a entrada da Praça Odorico Mendes, mudando, mais tarde, a sua sede para o antigo prédio colonial em frente ao qual, hoje o encontramos.

No início era apenas uma miniatura do que viria a ser depois, graças aos extraordinários esforços do grande pioneiro da juventude, Professor Luiz Rêgo.

Em 1935 contava apenas com 113 alunos, mas, à medida que decorriam os anos, o número aumentava, alcançando cerca de 600 no ano de 1938, época em que foi necessária um aumento em suas dependências. Nesse modo, construíram-se os Pavilhões, onde veio a receber aulas a sessão feminina, ficando o grande sobrado, reservado ao internato à seção masculina. Ainda, assim, não se satisfiz o anseio do Professor, pois, em 1940, resolveu a construção de um prédio moderno, alto, não muito grande, mas bem dividido e com as necessárias condições de higiene e arejamento, como manda o regulamento do Departamento de Educação e Saúde.

Quando de sua fundação (1935 até o ano de 1938, apenas

funcionavam os cursos Primário e Ginasial; em 1942, tendo recebido a inspeção permanente, os cursos o curso Legal, que, assim como o Ginasial, passaram no corrente ano, a funcionar em dois turnos: diurno e noturno. A criação destes cursos foi um benefício para aqueles que permanecem durante o dia, se viam privados da realidade do meio de toda a mocidade da cidade.

O corpo docente, desde a mais antiga fase de sua existência, compreendia os mais cultos e dedicados professores. Hoje, o número de es se acha diminuído, porém, ainda contam, os com elementos por demais conhecidos nesta cidade, totalmente integrados no magistério.

O corpo discente, incentivado por tão esforçados colaboradores do Diretor, tende a se aperfeiçoar para cooperar na formação da mocidade paulista do Brasil.

Mesmo eu, que ao chegar já o encontrei tal qual é, atualmente, senti-me influenciado pelo ambiente amigo que encontrei e recordei diuturnamente a figura do Diretor, que com a sua habitual bondade me conduziu a um dos Pavilhões, onde dava aula a turma de que eu deveria fazer parte.

A minha primeira impressão não se modificou. Continua reforçando o alicerce dos meus conhecimentos, sentindo-o cada vez mais sólido.

Às vezes me entristeço ao pensar que este é o último ano que passarei em tão doce convivência. Trans-mo, contudo, alegria, a ideia de que, mais tarde, quando estiver lutando pela vida, poderei recordar os dias felizes da minha adolescência passados no meu querido Colégio, onde os ensinamentos recebidos, de tanto me têm valido. Então, o coração a bater de saudade, ouve a voz amiga do inesquecível educador maranhense, a segredar-me com a sua sorriso: confiante! — Avante, "jovem", avante! Tudo pelo Brasil!

Maria Teresa B. Ferreira
3.ª Série Científico.

CONTRASTE

José Ribamar da Costa Filho

3.ª série Científico.

Que vejo!... o mundo em trevas transformado; imprecáveis batendo no infinito, risos de escárnio em horas de pecado vagos gemidos no sótão maldito!...

Aqui, rico burguês embriagado, vivendo num palácio de granito, enquanto, lá no campo escravizado, um camponês trabalha sempre afilado...

Quanto contraste!... o rico não estuda, e o pobre, que sonhando a imensidade, luta ingente se debate em vão.

... E a pobreza sucumbe sem ajuda, ó Deus Justiça e Amor, ó Deus Bondade, Olhai a terra e ten... compaixão!...

A LOUCA

(Continuação da página 8)

implorasse a piedade dos homens, a justiça, para ela, havia sido tirada.

Expulsa de casa, fora abrigada por um pobre velho que dela se apiedara.

Dal por diante, vivera na miséria, mendigando a caridade dos corações bondosos e, além de tudo, passando por louca.

Era conhecida por Alice, a louca! E isso apenas porque vivia a murmurar baixinho o nome do homem que tanto amara, dia a que havia sido rica e conta sua triste história. Os ouzintes, sem lhes prestarem atenção, sombavam e diziam aos ouzinhos: essa mulher é louca! Tudo o que diz é mentira! Os pequenos da aldeia, ao verem-na passar, gritavam: olhem Alice, a louca! É rica e vive a pedir esmolas! Olhem a louca!

E assim vivera ouvindo sempre a palavra "louca", quando não passava de uma vítima da sorte.

Agora, que sua vida estava a terminar, recordava os terríveis sofrimentos por que passara, tendo como consolo único a esperança de reunir-se aos queridos pais e adorado neto.

Alice agonizava! A solidão assistia-lhe os últimos suspiros! Com o pensamento em Deus, expira. Uma lágrima, talvez de felicidade, rola pela face inerte da infeliz!

O sino já deixara de bater e a noite se aproxima silenciosa e fria. Ouvem-se o cantar de alguns passaros noturnos suscitando... o mistério da morte, talvez...

Naquela choupana da beira da estrada, agora, habita o cadáver da desafortunada Alice!

Maria Cequeira.

chelo de melodia de seus livros companheiros; achava-se entre mas quando não mais percebia, trilha consigo o desengano infalível, sem uma esperança futura.

Em um belo dia, depois de vários anos, o filho do Camponês devido à confiança que lhe depositava facilitou a saída do condenado por alguns minutos em cada dia. Este devido ao costume da prisão dava uma curta volta e à hora marcada estava pronto a ser recolhido.

Assim passam outros anos. Mas um dia o pássaro livre alcançou o tróvão em liberdade, convidou-o a um passeio, lá o condenado converteu-se e não

mais voltou. Al por diante formava uma vida de prazer e alegria, juntinhos ao nascer do sol, saltavam suas alvoradas cheias de melodias, percorrendo campos e campos, alimentando de ervas ambulante, saltando de árvore a árvore, descansando ao meio dia ao sol ardente e, ao anoitecer despediam-se daquele dia, e firmes estavam no dia seguinte.

A satisfação lhe foi de um modo elevado que, em poucos dias chegou o descanso eterno. O livro tróvão, devido a liberdade continua a viver para muitos anos.

Joaquim Adão Ferreira
4.ª Série.

R. SANTOS & Cia.

IMPORTAÇÃO — FABRICAÇÃO

Movéis em geral, Salas de jantar, Grupos estofados, conjuntos de "Clô do Amazonas", etc. Fabricação das famosas VASSOURAS SELETA em pinhas de um produto de primeira qualidade, de todos os tipos e para todos os fins.

VENDAS POR ATACADO

Travessa 5 de Outubro, 216-B — 240-A — Tel. 1010

S. LUIZ-MARANHAO

O Monarca que expatriamos

As palavras do Cotegipe foram verdadeiras. Logo após a abolição, na véspera daquele dia almejado por Isabel, em que, com o galante Conde d'Eu, apresentava-se para o grande baile que, em homenagem à oficialidade chilena, realizava-se no Palácio, Isabel declarava extinta a Monarquia no Brasil. O golpe vinha trazer a maior magoa para o Imperador — a sua expulsão do território brasileiro que ele tão bem sabia amar...

D. Pedro II, aquela figura inconfundível, de caráter impositivo e magnânimo coração, via-se, agora, deitado e banido em a sua família, de sua própria terra.

17 de novembro foi a data trágica da expatriação do Monarca, da separação da filha, a qual, escreveu ele:

"...a qual me estorcel por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quase meio século em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Aumentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentemente votos por sua grandeza e prosperidade".

O Parnal encareceu-se de transportar o último Bragança, sem coroa, até a Ilha Grande, onde se daria o transbordo. De lá voltava o primeiro destraldando o suavi-verde pendão do Brasil enquanto o Alagoas transportava a Família Imperial para a Europa.

Pela última vez, a 24 de novembro, p'de Dom Pedro avisar a América. Desejava agora enviar uma mensagem ao Brasil. E o seu netinho sotto no espaço o pombo correu que levava as palavras saudosas e eternas pro coração do exilado — "Saudades do Brasil!". Com as lágrimas nos olhos, viu Dom Pedro, sumir-se no horizonte o navio da sua expatriação máxima da amizade.

No dia 2 de dezembro, forte vento acovou o navio. Era o

celebrar dos seus acentos e quatro anos encanecidos.

Entre os poemas e cartas afetuosas que lhe foram oferecidas, pôde D. Pedro achar a sua mesa de refeições uma que dizia:

"Não temo flores para você, meu, mas damos-lhe o nosso coração".

Seus filhos que o amam muito, Pedro, Luís Antônio".

Eram os seus netinhos que, na simplicidade de suas palavras expressavam a sua afecção pelo Vovozinho.

Como Isabel desejasse permanecer em Lisboa, retirou-se Dom Pedro com D. Teresa Cristina para Coimbra e depois para o Porto.

Lá, o Monarca perdeu a companhia dos seus dias. Vencido pela dor e pelo acontecido, quis ler a "Divina Comédia" mas o seu pensamento não estava nas entrelinhas de Dante e, embora soluçasse baixinho, com as lágrimas rolando pelas alvas barbas, folheava as páginas uma a uma, sem lê-las.

Dois anos de vida ainda lhe foram reservados, mas, o seu desejo de juntar-se àquela que fora a chama de sua vida, foi satisfeito. Sobre um travessão de terra, da terra do Brasil que tanto amara, decausou a última contrição. Finara-se o sábio, o magnânimo, o maior de todos os monarcas: Montas majestades, que lhe foram prestadas pela França, onde morreu.

Diz bem John Whittier, com espírito:

"E vós governador destemido, por cujos lábios

As palavras de Deus são proferidas,

Mais uma vez "Faça-se a lei!" — Filho do Sul,

Ergei vossa honrada cabeça,

Ostentai altivo uma coroa,

Pelos vossos méritos.

Mais do que por nascimento vossa,

Livre de vigilância e proteção, eis cortado

Isa corações gratos, apenas

As fortalezas e os vasos de guerra podem falhar,

Mais a justiça certa provará;

Mais forte do que as grevas

de coque ou colas de ferro

É a panóplia do amor...

Daisy Neece Falcão
1.ª série Científica.

O Colégio Estadual



PROF. MOTA MORAES
Diretor do Colégio Estadual

O Colégio Estadual do Maranhão, entre nós, Liceu Maranhense, tem sido o cadinho intelectual em que as inteligências da Ateneia se têm fundido e fundem, categoricamente, tradicional.

Um dos diretores do nosso Liceu, mais querido, não foi outro, senão Antônio Lobo em que o rubro esplendor de suas idéias e o brilho ora alino do seu caráter era a razão de ser, da luminosa auréola de amizade esmercedora da consideração de todos os liceístas.

O Liceu era verdadeiramente fanático por ele — desde o seu pai, Anísio Garrido, Orador brilhante, espírito fecundo, maxilar de bondade, tinha consigo acima de tudo, um sentimento que, sendo bem compreendido, consistia em um grande valor — a sinceridade.

Pouco depois de assumir a direção do Liceu, os liceístas fizeram-lhe o enterro, dando-lhe motivo para pedir licença da cidade e procurar repouso e lenitivo para o seu tormento. E o mesmo Antônio Lobo, que, como ressumando veio, um dia ser o idolo dessa mesma mocidade.

Quando, por ocasião de um processo em que o envolveram e foi acusado, injustamente, o Liceu, em péso, estava no tribunal para ouvir-lhe o talento transbordar e levar-lhe o apoio moral da classe estudantil, que do haveria de fazer a própria defesa, que foi um monarca de oratória e erudição. Assim, fizeram os atenciosos de ontem, assim, faremos, nós, os alunos de hoje e esperamos que o façam os antenistas de amanhã.

O atual diretor do Liceu é o nosso mestre e amigo professor Ismael Moraes a quem, divindade, de maneira acentuada, o estímulo para os nossos empreendimentos — reflexo de sua inteligência patriótica e reserbero de suas virtudes espirituais.

Concurso "ALVORADA"

Este o último resultado:

Maria Célia Pentejo	613
Amália Fernandes	324
Maria Helena M. da Silva	92

CONCURSO "ALVORADA"

Concorrente

Votante

Noite de Nupcias

ENEAS MONTE CASTELO

A taça do prazer púrpura e delirante
Era um manancial de amor clamando beijos!
E o murmurar baixinho a música estante
Do dilúvio da carne em líbricos harpejos!

O leito ensombrado, o idílio instigante
Embalava em silêncio. E os ardentes desejos
Refugiavam no olhar — talvez agonizante —
Daquela depois em fogo, em lâpidos lábios!

Primeiro, a tempestade entre os lençóis de linho...
Depois, deusotó-amor em êxtases olhares...
E um pávido sorriso esculpindo luar!

Um repicaculo estranho inundara o alvo nicho...
E o corpo no delírio ardente da vertigem,
Em fúlgida de amor, deixara de ser virgem!

O Brasil está sendo e nasceu

Íbrahim Mohana,

1.ª série Científica

Certa o ano de 1888, era lembrado um dos grandes momentos da história do Brasil. O dia 15 de Novembro de 1888, quando o Brasil tornou-se uma República. A data foi escolhida para marcar o fim da escravidão no país. O Brasil estava sendo e nasceu.

Seu fim principal é formar na América um novo estado para defender a D. Monarquia. E também o meio que usamos as Repúblicas Americanas para de se tornarem mais conhecidas e mais respeitadas.

Para se conseguir este meio, é necessário, em primeiro lugar, um intenso intercâmbio cultural e econômico entre as nações do Continente. Quanto ao Brasil, que era até pouco tempo, tão desconhecido dos europeus e americanos, que chegaram a perguntar, um dia, como se chamava o Brasil da Avenida São Manoel!

O primeiro era gravíssimo. O turismo era a única saída. Mas, como haver turismo num país onde não havia sequer um hotel digno de hóspedes estrangeiros? E foi neste ambiente de crise e perigo para nossa Pátria, que os brasileiros começaram a fazer o que até então consideravam impossível, o mais audacioso: fazer a sua própria história. Com o mundo. Com o mundo e mais outros países, como o de São Paulo, em São Paulo, o de Foz de Iguaçu e o de Araraquá, está resolvendo o problema turístico do Brasil. Basta dizer que a Pan-American Airways vai trazer semanalmente para cá, 50 mil visitantes! Já agora em diante, os americanos e europeus verão o que é o Brasil: terra de oportunidades, de passar pelas ruas de Belo Horizonte, pela praia de Copacabana e pelas igrejas da Bahia.

E outras menos votadas.

O presente concurso será encerrado após a circulação do próximo número.

Os senhores cabos eleitorais preparem-se.

A FESTA DE 23 DE JULHO

(Continuação da 1.ª página)

do caráter os valores que encerra em seu resumo.

Édo as já populares "Noas de Arco" do antigo Liceu!

Procuraremos fazer um breve estudo de uma destas festividades demonstrações, levando a efeito no dia 3 de Agosto o seguinte: festa esta elaborada sob os cuidados dos alunos da quarta série ginásial, destinando-se a sua renda ao auxílio financeiro de um dos seus coletores, conforme fez anunciar o jovem Luís Francis, no início da festa.

Como primeira parte do belíssimo programa, foram postas em cena alguns atos variáveis que culminaram com o recado de todos, exortando-se como é natural em festas de principiantes, alguns elementos se mostram fracos.

Deves ser feito destaque às figuras artísticas das filhas. Concorrentes Maria, Maria Regina, Negrinha Viana e Maria Ceila Alves, a fim dos jovens Luís Francis, Moacir Barros e Custódio Borges.

Através da voz deste último, onde ser revivido ao público um jovem poeta ainda em formação, deixando porém, a ferida perspectiva de mais um valor com o qual o Colégio poderá contar futuramente.

Trata-se do gineasiano Moacir Barros.

A Sra. Flor de Lili Felix não esteve a contento da plateia, por não agradar muito na decoração, deixando porém, a ferida perspectiva de mais um valor com o qual o Colégio poderá contar futuramente.

A segunda parte foi constituída por uma "squete" interpretada por Luís Francis, Concorrentes Maria e Maria da Graça Carvalho a qual, se bem que não tenha havido convenientes condições de audição, não o descontentou no entanto.

"ALVORADA" parabéns os promotores desta festa.

"O CLARIM"

Recebemos o segundo número do "O CLARIM", órgão já firmado na imprensa estudantil do Maranhão, que tem como diretor, o esforçado liceista — LAGO BURNETT.

Agradecemos a gentil oferta, desejando que o mesmo continue a circular, e se firme cada vez mais, contribuindo dessa maneira para a difusão das idéias dos estudantes.

TEUS OLHOS

ROGERA GONÇALVES

O, teus olhos, querida, quando os vejo
A luzirem em jatos flamejantes,
Podeis crer mais aumenta o meu desejo
De possuí-los e vê-los mais brilhantes.

Se eu tivesse na vida um só ensejo
De procurar beleza rutilante,
Eu buscá-la no fugaz lampejo
De teu olhar de luzes fascinantes.

Os teus olhos mimosos, são docuras
Que refulgem em meigos, em ternuras,
São corações de dois apaixonados.

O' como é doce olhar para os teus olhos
Olhos negros, fulgindo como esboços
Na espuma dos oceanos agitados.



